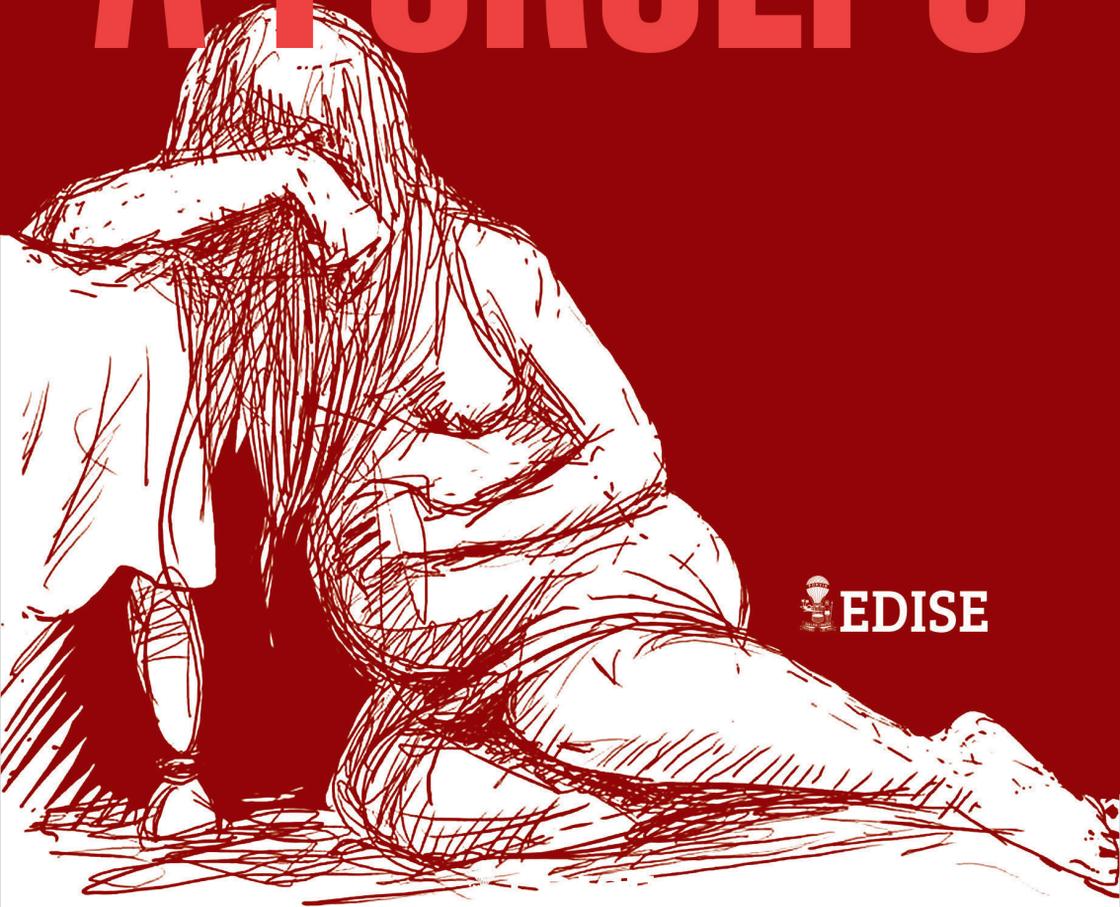


VIVIAN REIS

A FÓRCEPS



EDISE



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador
Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado do Governo
Elder Sandes Vieira



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente
Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Administrativo-Financeiro
Marcos Antonio Moura Sales

Diretor Industrial
Milton Alves

 **EDISE**
Gerente Editorial
Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial
Antônio Amaral Cavalcante
Cristiano de Jesus Ferronato
Ezio Christian Déda Araújo
Irineu Silva Fontes
João Augusto Gama da Silva
Jorge Carvalho do Nascimento
José Anselmo de Oliveira
Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

VIVIAN REIS

A FÓRCEPS



EDISE

Aracaju

2018

Copyright©2018 by Vivian Reis

CAPA

José Clécio

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Haroldo Tanque Souza

DIAGRAMAÇÃO

José Clécio / Cícero Guimarães

REVISÃO

Yuri Gagarin

PRÉ-IMPRESSÃO

Dalmo Macedo

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU)

R375f Reis, Vivian

A Fórceps [recurso eletrônico] / Vivian Reis. – Aracaju : Editora

Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2018.

188p.; 21 cm. E'book PDF.

Modo de acesso: world wide

web: <https://segrase.se.gov.br/>

ISBN 978-85-53178-07-0

1. Ficção Brasileira. 2. Literatura brasileira. 3. Ficção brasileira contemporânea.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-31

Elaborado por Neide M. J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE

Rua Propriá, 227 · Centro

49010-020 · Aracaju · Sergipe

Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7400

edise@segrase.se.gov.br

Este livro é dedicado a Sandro Alberto Jones Reyes, que escutou minhas primeiras ideias, e as incentivou.

“O parto é uma morte”
Priscilla Gomes, doula

SUMÁRIO

Apresentação	11
Prefácio	13
CAPÍTULO 1	
Contrações	17
CAPÍTULO 2	
Fecundação	27
CAPÍTULO 3	
Nidação	51
CAPÍTULO 4	
Gestação	81
CAPÍTULO 5	
Dilatação.....	123
CAPÍTULO 6	
Parto	157

Apresentação

Quando, em 2012, resolvi me desligar da profissão de jornalista, sabia que não conseguiria parar de escrever. As ideias fervilhavam em minha mente e alguns projetos – engavetados muitos anos antes em razão da minha falta de tempo – pareciam implorar para serem materializados. Um deles é o aqui apresentado “A Fórceps”.

O tema central trabalhado neste material surgiu enquanto eu realizava uma matéria especial sobre abuso sexual na infância. Tomando conhecimento de que os agressores sexuais eram, em sua maioria, parentes próximos das vítimas, a exemplo de pais, padrastos, tios e irmãos, questionei-me sobre o impacto de um trauma destes na vida de uma pessoa.

Como aprendiz de feminista, vi, li e ouvi ainda inúmeros relatos de agressões físicas e psicológicas praticadas contra as mulheres. Unificando e romanceando experiências reais – colhidas em jornais ou junto a terapeutas e profissionais da área médica, confidenciais por amigas e até mesmo vividas por mim – busquei moldar a figura da Janete, personagem principal desta saga de empoderamento.

O texto aqui apresentado começou a ser rascunhado, de forma desprezível, em meados de 2008. Comentei sobre meus escritos com o amigo Sandro Reyes e com a inesquecível xamã Sônia Bomfim. Ambos me incentivaram a aprofundar as pesquisas e finalizar o material, mas, a realidade é que só comecei a me dedicar ao livro com mais afinco em meados de 2015.

Ciente da minha inexperiência como autora, solicitei a ajuda da extremamente competente Laudicéia Fernandes. Graças

ao suporte dessa mulher generosa e paciente, o texto começou a se desenvolver a contento. Para a finalização dele, foi fundamental também o apoio, o amor incondicional e a cumplicidade de Sidclay Dias, que acreditou em mim antes que eu mesma comesse a acreditar.

Minha mais profunda gratidão se estende ainda aos meus filhos Beatriz, Victor e Antônio Manuel, aos meus pais Henrique e Eugênia, à minha avó Teresa, a minhas tias Conceição e Cristina, à terapeuta Lícia Vasconcelos de Almeida, à amiga-irmã Cimara, aos mestres Amaral Cavalcante, Milton Alves, Alan Barreto e Jozailto Lima e ao saudoso governador Marcelo Déda – pessoas que contribuíram diretamente com minha forma de pensar que a construção de um mundo melhor, mais justo e solidário é não só possível como necessário. Agradeço por fim a todos os servidores da Edise, pois sem eles este sonho não poderia ser realizado.

Dito isto, espero que o “A Fórceps” cumpra seu papel como fomentador de uma profunda reflexão social. E, acima disto, desejo que toda mulher vítima de abuso saiba que não está só. Somos muitas, somos fortes e juntas podemos lutar para a erradicação da violência e superação de todo e qualquer trauma!

A autora

Prefácio

“Tranque as suas bibliotecas, se quiser; mas não há nenhuma porta, nenhum cadeado, nenhum ferrolho que você possa colocar sobre a liberdade da minha mente”.

“Um Teto Todo Seu”, Virginia Woolf

A inclusão das mulheres na atividade literária pode ser considerada, historicamente, como a apropriação subversiva de uma atividade tradicionalmente masculina. Escritoras como a festejada romancista britânica Charlotte Brontë e suas irmãs, em meados do século XIX, escreviam inicialmente sob pseudônimo masculino e refletiam os mesmos valores estéticos e sociais da sociedade patriarcal. Os temas abordados por estas pioneiras limitavam-se ao permitido às mulheres pela intransigente moral vitoriana: o amor, a vida doméstica, os encantos bucólicos e as transcendências da alma.

Muito embora essa produção feminina tenha contribuído decisivamente para a inclusão das mulheres no universo literário, foi somente com o surgimento do movimento feminista embalado pelos direitos civis conquistados pelas mulheres - principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos - que as autoras se rebelaram contra os valores prevaletentes e começaram a abordar o papel da mulher enquanto classe: sua posição na família, no trabalho e na sociedade.

Ao final do século XIX, graças às demandas feministas, elas já teriam conquistado alguns dos principais pressupostos da cidadania como o pleno direito à opinião, ao usufruto da propriedade, à custódia dos seus filhos e a batalha pela exploração da sexualidade com direito ao uso do seu próprio corpo, importante bandeira

na agenda feminista até os dias de hoje. Na literatura, as mulheres finalmente demandaram espaço ao lado dos homens, produzindo obras que ultrapassam as inaceitáveis limitações de gênero.

O livro que eu lhes venho apresentar, 'A Fórceps', escrito pela jornalista Vivian Reis, se inscreve na categoria de literatura feminina de inspiração feminista, não somente por ser protagonizado por uma mulher, Janete, como pelo mergulho profundo na avassaladora e contínua violência que ela sofre, como filha e esposa.

Janete, abusada sexualmente na infância por um tio, carrega pela vida uma alma perplexa e angustiada, um coração oco e indiferente, uma vida deserta de maiores ideais que o de servir à luxúria dos seus parceiros. Mesmo casada, ela não recebe a cuidadosa libertação que o amor pode proporcionar e não consegue expelir de si o bolo fétido do desamor que lhe vitimou a infância.

Construindo Janete, Vivian Reis coloca o dedo inquiridor na ferida que sempre acometeu o corpo e a alma das mulheres violentadas e vai mostrando, a cada parágrafo, o aniquilamento que decorre disto: a auto punição que parece ser a resposta convenientemente silenciosa ante a incompreensão dos outros; a inutilidade da vida encarcerada no mais recôndito quarto escuro da mente, temendo que a claridade da manhã revele o seu segredo; o buraco negro da inadequação social; o embotamento afetivo e o empobrecimento espiritual. Janete é uma mulher sofrida como tantas outras que ganha vida neste livro franco e comprometido, escrito com a mais corajosa sinceridade por outra mulher, Vivian Reis.

Convido o leitor a seguir esta Janete emblemática, acompanhando-a desde os lençóis maculados da infância até o doloroso parto de si mesma, quando renasce extraída a fórceps para a claridade da vida e se revela uma nova mulher.

Amaral Cavalcante, Abril de 2017

Capítulo I

CONTRAÇÕES

Janete nunca havia se perguntado antes como chegara naquele ponto. Exatamente um ponto: coisa que fica ali, no fim da frase, sem necessariamente representar o começo de uma oração. A agonia que a paralisava se fazia presente já há algum tempo, ela o sabia. É certo que, de início, o incômodo vinha ligeiro, como o torpor próprio sentido por quem acorda de um sonho ruim.

Tornava-se, contudo, cada vez mais difícil evitar os pensamentos e sensações que tanto a amedrontavam. Para sobreviver, adotou o comportamento aprendido com a mãe de seu companheiro: se não pudesse lidar com algo, fingiria que nada de mal havia acontecido. Talvez esta não fosse a melhor saída para a situação, reconhecia, mas era a única que dispunha naquele momento.

Desta maneira, tão logo a sogra passou a chave na porta e trancou o quarto de paredes azuis, Janete decidiu fazer o mesmo com as lembranças que maltratavam sua própria mente. Como consequência física, desenvolveu certa dificuldade em respirar. Em razão da garganta comprimida pelo nervoso, deglutir a saliva também se tornou uma operação complexa. Nesses momentos, o coração acelerava e o suor brotava por todos os poros.

Os sintomas traziam ainda uma espécie de vertigem, como se o chão sobre o qual ela pisava fosse se abrir em precipício a qualquer momento. Inúmeras vezes desejou espantar aquilo como quem afasta uma mosca incômoda. Mas terrores psicológicos não eram simples insetos. Lembrava-se então do tranquilizante que lhe fora prescrito, e intensificava o uso do medicamento tarja preta além da recomendação médica.

Apesar de ser exigida a receita para a aquisição do remédio, Janete sempre os tinha à mão. E isso desde que ouvira uma conversa de terceiros na fila da padaria, enquanto aguardava por uma fornada quente de pão Jacó. Ao tempo que devorava um gorduroso sonho recheado de goiabada, uma corpulenta senhora lamentava o fato de não ter conseguido autorização médica para a manipulação de uma determinada substância emagrecedora.

A interlocutora dela mencionou a existência de uma farmácia próxima. “Lá se consegue qualquer coisa, com ou sem receita”. Janete se aproveitou da informação e, contando com a ajuda de um dos porteiros de seu condomínio, adquiriu um estoque considerável de comprimidos. Assim, cria poder seguir à risca as recomendações que recebera no hospital.

A psiquiatra tinha pedido que ela repousasse o máximo durante a internação, especialmente nas primeiras horas após a cirurgia. Até por causa do abuso na utilização das pílulas, Janete levou isto ao pé da letra nas semanas que se seguiram à alta médica: passava horas e horas dormindo. Só levantava-se para comer algo com muita insistência da faxineira ou de Thales.

Quando a teimosia deles era excessiva, seguia como se estivesse sendo arrastada para a mesa, sem se pentear, escovar os dentes ou mesmo trocar a camisola de algodão rosa – que a esta altura cheirava mal de tão encardida. Nunca fora vaidosa, tampouco antes fora imunda. A repetição sistemática daquela peça de dormir justificava-se porque nenhuma outra roupa a vestia confortavelmente.

Beirava já a obesidade. Certo que, de início, Janete chegou a perder algum peso. Entretanto, com a diminuição das dores pós-operatórias, começou a sofrer de ataques alimentares compulsivos. Percebendo-se sozinha em casa, dirigia-se para a cozinha e, frente a frente com a geladeira, engolia todo e qualquer alimento que estivesse à vista.

Não havia uma ordem do tipo “entrada e prato principal seguido de sobremesa”. A depressão dava a ela o direito de comer restos de lasanha, tomar sorvete, misturar maionese e ovo frito ao arroz gelado, descascar frutas, degustar iogurtes e arrematar a inusitada refeição com brigadeiro quente sobre biscoito de água e sal.

Depois do episódio de compulsão, Janete sentia-se mal. Física e mentalmente mal. Para afastar a culpa e o remorso, novamente se entregava ao sono químico. Com o passar dos meses, as observações sobre seu estado letárgico ganharam ares de crítica. A Sogra era quem mais repetia que se fazia necessário reagir, levantar e retomar as atividades cotidianas.

Como fazer isso era uma verdadeira incógnita, e desabafar com alguém vislumbrando obter uma orientação nunca fora alternativa. Não compreendia o que estava passando. E tentar pensar no que a afligia, de alguma maneira, fazia-a reviver o que almejava a todo custo esquecer. Por fim, o comportamento reservado não a permitiria conversar com nenhum dos muitos estranhos que voltavam a frequentar as animadas noites festivas, promovidas pelo esposo dela, naquele pequeno apartamento.

Curioso era notar que, mesmo mantendo silêncio confessional sobre tudo, as amigas viviam oferecendo conselhos estapafúrdios. Amigas? Na realidade, eram duas ou três vizinhas que, vez por outra, falavam demais após Janete dar um simpático “bom-dia” nos inevitáveis encontros de corredor. Era como se essas criaturas pudessem ler os pensamentos mais íntimos dela, e justo aqueles que ela não ousava revelar nem para si mesma.

Como elas adivinhavam? Não havia mágica, telepatia ou paranormalidade. Somente o fato de, ultimamente, as discussões conjugais terem crescido em volume e em constância. Após cada briga, enxergava-se ainda mais diminuída. A humilhação, contudo, quase nunca lhe havia atingido tão visceralmente quanto naquele primeiro domingo de dezembro.

Janete subiu ofegante os seis lances de escada do prédio no qual residia, carregando um carrinho de feira repleto de frutas e hortaliças. Após alcançar o último degrau de acesso ao corredor do apartamento dela, ouviu uma voz masculina ecoar algo próximo de “é mulher de malandro sim. Senão, já teria largado dele”.

Reconheceu a voz do morador do apartamento 304, petroleiro aposentado que, há alguns anos, desenvolvera o estranho hábito de tomar o jejum com a porta da cozinha aberta, trajando apenas uma surrada cueca samba-canção de listras azul e branco. Temendo embarçar ainda mais os vizinhos, que emudeceram constrangidos ante a chegada dela, Janete baixou a cabeça lamentando não ser invisível.

Entrou com as compras em casa o mais rapidamente possível. Com o coração aos sobressaltos, começou a se perguntar o que eles teriam escutado da briga ocorrida durante a madrugada. Sem resposta, guardou todas as compras e despreendeu o choro. Lavou o ardido do rosto na pia da cozinha, rezando para que a água apagasse também o que lhe queimava a alma.

Enxugou-se em um pano de prato limpo e caminhou o mais silenciosamente que pôde na direção do quarto. Para seu alívio, o marido dormia profundamente, abraçado a alguns travesseiros de espumas achatadas. Com um movimento suave, encaixou-se no lugar das almofadas e passou a suportar o peso do braço dele sobre seu corpo, bem como o hálito quente de cerveja e cigarro lançado ritmicamente em sua nuca.

Janete chegou a pensar em pegar uma pílula e relaxar um pouco. Entretanto, sua mente escolheu avaliar o risco que acabara de correr: se Thales tivesse acordado enquanto ela estava na feira, certamente haveria mais gritos, acusações e grosserias. Dependesse da escolha dele, Janete não faria nada desacompanhada.

Sim, de início, ela gostou de receber tanta atenção. Ocorre que, agora, a jovem vivia desesperada por um pouco de ar.

Qualquer minuto sozinha se tornara uma preciosidade. Quando começara a sufocar? Não saberia dizer. Todavia, lembrava-se com precisão do domingo em que o sol brilhava na casa de praia.

Thales havia saído para comprar bebidas, enquanto Janete e outras meninas cortavam as carnes, temperavam saladas e finalizavam os acompanhamentos para o churrasco. Tudo era riso, música e graça, ao menos até a faca mais amolada cortar a pele alva de Janete. O sangue logo se espalhou pela tábua de madeira. E, com uma velocidade incrível, manchou de rubro o branco da toalha que Thalita amarrou em torno do corte, visando estancar a hemorragia.

Thiago, irmão mais novo de Thales, ultrapassou todos os limites de velocidade que pôde para que a cunhada recebesse cuidados médicos em uma unidade hospitalar próxima. Mesmo após ver a gravidade do corte, a primeira reação de Thales foi a de criar caso com o irmão caçula por este ter levado Janete ao pronto-socorro. Na época, Janete achou graça dos ciúmes bobos, deduzindo que aquilo era fruto de amor e preocupação.

Como crescera em segundo plano, sentiu-se valorizada quando o namorado iniciou uma verdadeira força-tarefa para deixá-la e pegá-la em todos os lugares: do estágio ao supermercado. O que não poderia prever é que, após pouco mais de quatro anos deste episódio, o que antes parecia ser apenas proteção e cuidado, agora, gerava remorso por uma simples ida à feira.

É claro que Janete estava consciente de que não havia nada de errado em abastecer uma geladeira vazia. Tanto que repetiu isso mentalmente por um considerável número de vezes, como se ensaiasse falas de defesa para um confronto iminente. Podia antever a fisionomia transtornada do marido e quase podia ouvir as duras palavras de acusação dele. Só de pensar nisso, os pelos do braço de Janete arrepiavam.

Como havia se metido nisso? Necessidade de ser amada? De ter alguém disposto a protegê-la? Sim, houve tempo de pensar

que era o amor que a fazia cativa. Agora, já era capaz de enxergar além. Começava a compreender seu medo diante do desconhecido, caso uma separação se concretizasse. Julgava-se ainda desprovida de forças para recomeçar sozinha.

Lamentavelmente não era apenas isso. Já aceitava o fato de que havia, sim, algum interesse material envolvido. E estar ciente de que parte dos motivos que a mantinham ali não eram os mais nobres machucava muito a integridade psicológica dela. Contudo, não adiantava bater no próprio peito ou tentar se flagelar pelos erros cometidos.

“Toda relação se constrói a dois, e, pelo seu relato, do lado dele também existem graves imperfeições” – afirmara o padre durante a apresentação de um de seus programas televisivos, após ler uma carta que parecia escrita por ela. E talvez Janete fosse realmente complacente demais ao tentar justificar para si mesma e para os outros o autoritarismo, a falta de limites e o egoísmo do companheiro.

Isto, junto com a insegurança e o ciúme dele, que não isentava nem amigos próximos nem familiares, estava transformando aquela união em um verdadeiro inferno. Transformando? Não. Pela primeira vez, Janete teve coragem suficiente para admitir que, tirando os momentos iniciais do namoro, o relacionamento com Thales fora sempre algo muito complicado.

Viu-se inquieta diante de tais conclusões. Tanto que os sintomas da ansiedade se tornaram ainda mais fortes: o corpo tremia e o suor já umedecia visivelmente a blusa dela. Lembrou-se da técnica de relaxamento que aprendeu em um livro de autoajuda qualquer. Respirou profundamente algumas vezes e tentou esvaziar a mente.

Procurando por uma fuga, deu com os olhos nos adesivos fixados no armário. “Educação não é mercadoria”, “DCE em luta”, “Acima da igualdade, justiça”, era o que diziam algumas le-

tras garrafais impressas num vermelho mais desbotado pela baixa qualidade da impressão que pelo tempo transcorrido da colagem.

Aquilo lhe fez recordar de Caio, garoto idealista que, na universidade, vivia se fazendo ouvir pela força metálica de um megafone. Não tinha beleza física, mas falava bem. Alguns nomes da esquerda apostavam que ele teria um brilhante futuro na política local. E Janete o notou antes mesmo de ele pensar em entrar para o movimento estudantil.

O encanto surgiu no primeiro dia de universidade, quando Caio, simpático, suado e atrapalhado, interrompeu a segunda parte da aula de Introdução ao Estudo do Direito, desculpendo-se pelo atraso. Com o olhar ainda fixo nos adesivos, Janete teve a certeza de que, apesar de tudo, aquele tinha sido o melhor tempo na vida dela.

Foi o período no qual experienciou algo com força suficiente para fazê-la acreditar que coisas boas poderiam brotar em um peito tão precocemente endurecido. Era o amor, o primeiro amor. Aquela coisa fantasiosa e adocicada, capaz de anestesiar as dores do passado e garantir a esperança em dias futuros mais felizes.

Perguntou-se, quase com um sussurro, como uma simples lembrança podia ser tão intensa a ponto de fazê-la suspirar por uma antiga e desditosa paixão, mesmo depois da brutal violência que sofrera, mesmo estando ela nos braços de um cônjuge extremamente ciumento. Aquela pequena transgressão a fez mergulhar em um profundo mar de liberdade.

Algo assim Janete experimentou somente aos dez anos, quando os pais resolveram morar na Capital e, sem saber, afastaram-na do pior pesadelo dela: o tio Plínio.

Capítulo II

FECUNDAÇÃO

À custa de muito sacrifício pessoal, planejamento e visão de mercado, Seu Demerval, pai de Janete, veio a prosperar. Vira a pequena bodega de garagem crescer, tomar ares de mercearia e se expandir através de lojas instaladas em sete municípios circunvizinhos a sua cidade natal, Nossa Senhora das Dores. Com tantos pontos de comércio, surgiu a necessidade de uma sede que concentrasse as atividades de distribuição de mercadoria e facilitasse a administração de toda rede.

A escolha mais sensata era edificar essa matriz em Aracaju, a acolhedora capital de Sergipe. Envolvido com todos os detalhes relativos à construção da matriz e à mudança de endereço de sua família, aquele pai não chegou a desconfiar da repentina alegria de Janete, menina caracterizada pelo feitio cabisbaixo e quieto.

Fossem tão atentos com a filha como eram com o trabalho, notaria que a mudança era, para a garota, mais do que uma simples troca de moradia. Aquilo a tornaria livre de um inferno capaz de marcar a infância dela com tristeza e medo. O que somente após muitos anos Janete passou a compreender como abuso, começou cedo.

O tio Plínio, irmão caçula de Dona Inácia, tocava-a de maneira diferente dos outros adultos. Em sua pureza infantil, Janete chegou a gostar daquelas carícias, recebidas sempre que os dois se encontravam a sós. Tanto que começou a praticar algumas delas sobre sua cama rosa de princesa, mesmo quando ele não estava presente.

Todo o prazer que um dia teve com aquilo terminou no instante em que, tocando-se mais intimamente no quarto, foi flagrada pela mãe. Ainda que Janete não compreendesse exatamente

o porquê, a histeria materna mostrou algo aparentemente muito errado nos toques secretos aprendidos com o tio.

Depois daquele momento, tudo que era bom e ingênuo para Janete se transformou em ojeriza e silêncio, especialmente quando começaram os ameaçadores “se você contar a alguém...”, “se qualquer um ficar sabendo...”, “se”, “se”, “se”. Acuada, Janete passou a ter medo de falar, pois não era capaz de distinguir claramente o que poderia ser dito do que pudesse provocar a fúria do tio.

Tentou proteger a si mesma esquivando-se de qualquer contato humano. Não brincava mais com as outras meninas, não cantava, não trocava papéis de carta, não entrava nas cirandas, não pulava corda, não ria. Ficava sempre isolada em seu quarto, tendo uma boneca descabelada como companhia. Foi provavelmente neste período que começaram os sustos.

Qualquer barulho, mesmo o estalar de asas de um louva-deus na lâmpada acesa durante a noite, era capaz de lhe causar profundos tremores. Isso evoluiu em semanas para os terrores noturnos: pesadelos que a faziam acordar quase que diariamente aos urros, banhada na própria urina quente. Sem saber como lidar com a situação, Dona Inácia fez tudo o que estava ao alcance dela para ajudar a filha.

Assim, após ouvir do único pediatra da cidade – homem que cheirava a uma estranha mistura de álcool e naftalina – que não havia nada de errado com a menina, a mãe resolveu pedir aconselhamentos na casa paroquial. Tão logo ficou a par do assunto, padre Fernando quis conversar sozinho com a pequena.

Antes de Dona Inácia pensar em consentir, gritos histéricos de horror saídos da boca de Janete ecoaram por toda aquela igreja de decoração forçosamente barroca. E, mesmo que o pároco estivesse com as melhores intenções, para a pequena Janete algo já havia se mostrado de modo suficientemente claro: não podia haver Deus entre os homens.

Preocupado com a gravidade do que vira, o sacerdote sugeriu àquela senhora aflita não somente muita oração, mas, ainda, o nome de uma renomada terapeuta infantil que atendia na Capital. Inácia não ocultou o tanto que se ofendeu com tal recomendação. Bradando entre palavrões diversos que a filha dela não era maluca, saiu descontrolada arrastando a criança pelos braços.

A partir daquela data, os assentos antes fielmente preenchidos pela família de Seu Demerval, localizados bem próximos ao altar, passaram a ser ocupados de forma definitiva por outros cristãos durante as missas, solenidades e rituais religiosos ali realizados. Porém, essa não foi a única consequência do malfadado episódio.

Uma beata – que usava a língua tão bem para rezar quanto para falar da vida alheia –, acompanhou tudo por meio de seu atento rabo de olho. Assim, a imagem de uma menina berrando desesperadamente na igreja logo virou um caso de possessão demoníaca na cidade. Passados de boca em boca, como se os moradores fossem crianças a brincar de telefone sem fio, os enredos ganharam versões diversas.

A mais popular delas era garantia que o pai de Janete tinha feito um pacto com o capiroto para enriquecer, oferecendo a alma da filha como pagamento pela prosperidade recebida. Felizmente, os olhares reprovadores do povo ignorante e a rede de intrigas das comadres pouco ou nada pesaram sobre a decisão de Demerval de levar a família para viver em Aracaju.

Realmente era chegada a hora de expandir os negócios, e a loja aracajuana seria a realização de um sonho antigo daquele comerciante vitorioso, que ficara órfão aos 15 anos de pai e mãe. Dos pais, herdara apenas cinco irmãos pequenos para alimentar.

Foi catando manga, jamelão, mangaba, jaca e caju nos pés espalhados pelo povoado onde residia e vendendo as frutas colhidas na estrada que conseguiu construir uma pequena casinha sem reboco. Na garagem de taipa na qual ambicionava um dia

estacionar um Corcel de terceira ou quarta mão, montou, após anos de árdua labuta, uma pequena bodega.

Obrigado a acordar antes de o sol raiar e do galo cantar mesmo em dias santos, Demerval só se queixou das injustiças da vida uma única vez. Tinha então 24 anos e mãos extremamente calejadas. Estava distraído com as contas do mês quando ouviu uma voz suavemente rouca perguntar o preço do pé de moleque.

Nem precisou levantar os olhos do papel sujo para sentir o coração palpitar forte no peito. Porém, quando o fez, objetivando olhar para a menina, acreditou estar diante de um anjo. Que Deus o perdoasse se estivesse pecando, mas pensou que aquela donzela era muito mais bonita que a Nossa Senhora que desfilava nas ruas durante a procissão da padroeira da cidade.

Corando de vergonha, quis morrer. Então ela sorriu. E o sorriso dela fez com que ele quisesse deixar os pensamentos bestas de morte de lado, mesmo que só para viver eternamente se lembrando daquele ser angelical sorrindo.

Respirou fundo durante quase um quarto de segundo mágico, criando coragem para dizer que a moça não precisava pagar nada pelo doce quando foi repentinamente interrompido pelos uivos do prefeito. Visivelmente transtornado, o coronel Anselmo Junqueira Costa Lima de Carvalho Terceiro mandou Demerval se recolher ao seu lugar de pobre-diabo ignorante e nunca mais ousar dirigir palavra para a filha dele.

O humilde trabalhador quis explicar que não teve intenção de ofender a nenhum membro daquela ilustre família. No entanto, as palavras, que comumente lhe eram poucas, sumiram por completo diante de tanta vergonha e humilhação.

Assim que se viu sozinho, permitiu, pela primeira vez na secura de sua vida, ter as vistas vertendo água. A tristeza, porém, durou pouco. Tião, um dos capangas do prefeito, veio à procura dele bem na hora em que Demerval observava enfasiado um

prato de cozido com farinha que a irmã havia preparado para ele.

“Menina Inácia mandou te dar isso. Se o coronel descobrir, vosmicê tá morto”, disse sem ardeios o robusto cavaleiro, ao tempo que entregava um papel cuidadosamente dobrado e perfumado, com desenhos que Demerval não conseguia compreender.

Com um impulso febril, largou a comida intocada sobre o balcão da bodega e pôs-se a correr, desejando obter ajuda do amigo de infância que havia se tornado farmacêutico. Chegou à farmácia de João de Maria com o olhar esbugalhado pelo choro de uma manhã inteira e esbaforido da corrida. Carlinhos, jovem que cuidava do estabelecimento, ficou assustado com aquela aparição e se apressou para socorrer Demerval.

Tomado por uma emoção que não saberia descrever, o bodegueiro entregou o papel para o amigo e, quase sem fôlego, disse: “Leia”. As palavras, então, invadiram os ouvidos dele como canja quente em garganta doente: “Desculpe o meu pai. Ele ficou com raiva, pois sabe que desde menina gosto de você”.

As lágrimas voltaram a banhar o rosto de Demerval. Mas, dessa vez, cada gota era como uma pequena explosão de alegria. Retornando para casa, pediu para a irmã ensiná-lo a ler e escrever. “Mas eu sei tão pouco...”, lamentou. “E eu não sei nada. Ensine o pouco que tu sabe”, pediu modestamente.

Mesmo vigiada pelos jagunços do pai, Inácia sempre conseguia arrumar uma forma de enviar uma cartinha. E Demerval, ainda iletrado, respondia mandando os pés de moleque de que a amada tanto gostava. Isso durou até ele tomar conhecimento de que a menina iria estudar na Capital, e que logo viajaria para lá por tempo indeterminado.

Então, dedicou-se à alfabetização o máximo que pôde e, faltando poucas horas para a viagem dela, conseguiu escrever sozinho seu primeiro bilhete. Diziam as letras tremidas: “Vá aprender o mundo. Depois volte para mim”. Por quase 18 meses, De-

merval ficou sem saber se aqueles escritos chegaram ou não às mãos de sua Inácia. Mesmo assim, deu continuidade a sua busca por saber com todo afincó possível.

Ao compreender as infinitas possibilidades existentes na junção de letras, palavras e orações, danou a ler tudo o que via pela frente como se quisesse compensar o tempo que perdera mergulhado na ignorância. E, quando conquistou alguma desenvoltura como leitor, passou a buscar publicações nas cidades vizinhas e na capital, imaginando que não poderia fazer vergonha para sua amada quando esta retornasse diplomada da capital.

Foi em um dia de calor infernal que lhe chegou aos ouvidos a notícia da morte do coronel. Infarto fulminante em uma reunião política, diziam os assessores e familiares dele. Farra em demasia com as meninas recém-chegadas na casa de saliência da cidade, garantiam os demais moradores do município, fossem ou não eleitores do coronel.

Horas depois de instaurado tal falatório, Demerval ficou sabendo que Inácia viria para o funeral do pai. A ansiedade parecia lhe comer o sono e esticar as horas. O coração dele só sossegou um pouco quando um delicado pedaço de papel de seda lhe foi entregue por um empregado do finado prefeito. Sentiu-se orgulhoso por não precisar mais de auxílio para compreender as maravilhas contidas nas duas linhas daquele bilhete: “Aprendi muito pouco e voltei para você. Desejo que ainda esteja esperando por mim”.

Fora o amor por Inácia, tudo havia mudado na vida de Demerval com uma velocidade inacreditável. Em menos de dois anos, o negócio que garantiu a sobrevivência daquele homem e dos irmãos dele ganhara, finalmente, uma loja ampla e confortável, além de duas filiais. E a garagem que um dia abrigou a bo-dega, tal qual toda a casa, estava ampliada, reformada, rebocada e pintada de branco. Ele adquiriu ainda um conservado Del Rey – de segunda mão.

Demerval tinha consciência de que a paixão por Inácia tinha sido um primeiro passo, mas o amor pela leitura o transformara em um novo ser. Estava desenvolto e seguro, vestia-se com esmero e já conquistara o respeito e a consideração das famílias locais mais abastadas. Não teve dificuldades então, especialmente depois da morte do sogro, para se aproximar da parentela de Inácia e pedir a mão dela em casamento.

A relação do casal parecia um conto de fadas, repleto de juras de amor eterno, longos passeios de mãos dadas e intermináveis conversas sobre temas que se multiplicavam a cada dia. Os negócios também estavam prosperando. É certo que os recursos herdados pela esposa, Dona Inácia, contribuíram – e bem – com o projeto de expansão da rede de lojas. Entretanto, a dedicação e a perspicácia de Demerval foram fatores fundamentais para que a empresa tivesse alcançado alguma capilaridade.

Tudo parecia perfeito. Ao menos até alguns meses após a lua de mel, período no qual Demerval começou a notar mais nitidamente o tamanho do abismo que o separava da esposa. Apesar de ter sido educada nas melhores escolas da Capital, Inácia não havia aprendido a respeitar as pessoas.

Ou pior: para ela, existiam pessoas a serem respeitadas e seres destinados a servir – estes últimos eram tratados sempre com frieza e distanciamento. Isso trouxe uma sensação nauseante para ele, especialmente após Demerval compreender que, na mente de Inácio, os irmãos dele se encontravam alojados no segundo grupo, o dos serviços.

Vendo as constantes humilhações feitas por Inácia contra os do sangue dele, Demerval cogitou algumas vezes enfrentar todas as consequências possíveis de uma ruidosa separação. Desistiu de pensar naquilo quando notou o ventre e os peitos de Inácia crescendo. Contudo, os enjoos matinais deixaram a esposa ainda

menos interessada em sexo que o comum, e logo as ideias de desquite voltaram a atormentar a mente dele.

A solução para evitá-las foi mergulhar de corpo e alma no trabalho. Mas a empresa o deixava estressado demais. Era preciso relaxar. Fora que a literatura colocara intensa imaginação na cabeça de Demerval, e não era possível para ele simplesmente reprimir os calores que lhe enchiam as ceroulas de necessidades físicas. Quem o ajudaria a dissipar toda a tensão acumulada sussurrado frases quentes ao pé do ouvido ao fim do expediente?

O clichê da secretária não era um fetiche possível. Não que sua assistente fosse desengonçada ou feia, mas a rapariga tinha umas ideias religiosas estranhas. Usava saias e cabelos longos, e entre uma frase e outra sempre dava um jeito de encaixar alguma citação bíblica. Havia ainda quem dissesse que Doralina não se depilava nem gemia gostoso, e que só era capaz de declarar amor – aos berros – para um único homem, morto há mais de dois mil anos numa cruz, durante os cultos de domingo.

Evidente que Demerval sabia que tais comentários vinham de certo funcionário rejeitado como pretendente pela moça. De todo jeito, era necessário buscar alternativas menos castas. Foi nesse período que se iniciaram as andanças dele: tendo como desculpa a necessidade de abastecer as lojas com produtos de primeira linha, derramou seu leite entre as coxas mais caras encontradas em todas as cidades que visitou.

Tomou gosto pela coisa e frequentou puteiros de todo o mundo, enquanto a esposa enchia a filha de laços, brinquedos e ideias tortas. Tendo uma mãe daquelas, natural era, para ele, que a menina crescesse tão esquisita. Desta maneira, os anos foram passando para aquela família. Era fato, todavia, que os ares da capital pareciam de alguma maneira favorecer a menina Janete: os pesadelos foram se espaçando, as noites se tornaram mais tranquilas e os dias cada vez mais interativos.

Quando tudo parecia, dentro das possibilidades, ir bem demais, surgiu o envelope sobre a mesa do jantar. Sensibilidade à flor da pele era algo desnecessário para anunciar a quem chegasse naquele casarão de corrimões e torneiras douradas que algo muito mais pesado que as cortinas francesas em estilo Luís XV estava para ser confirmado.

Havia dias ou semanas – talvez meses –, que Dona Inácia chupava balinhas de gengibre para amenizar a dor contínua na garganta. Uma dessas balas causou certo estrago em uma antiga restauração dentária, o que a obrigou a procurar ajuda profissional. Após muito reclamar com a atendente, Inácia conseguiu ser encaixada entre os pacientes daquela mesma tarde.

Como possuía certa aversão a dentistas, esperava que a consulta fosse a mais breve possível. Diferentemente da expectativa, o dentista demorou no atendimento e parecia mais interessado em examinar sua boca do que em restaurar o segundo molar partido pela bala. “Fuma?”, questionou doutor Augusto com ar preocupado. “Hum, hum”, negou, sem entender o porquê da pergunta.

“Faz uso constante de bebida alcoólica?”, continuou o dentista. A resposta foi, além da ruga na testa e do olhar contrariado, a saída de Inácia do consultório, como se esta fosse um tornado raivoso. No meio da tarde, a má impressão causada pelo profissional foi desfeita, ao menos para Seu Demerval. Doutor Augusto, visivelmente aflito, estava ao telefone e pedia para falar com o “marido de Dona Inácia”.

Demerval soube então que havia algo aparentemente muito grave na laringe de sua esposa. Com a experiência própria de quem quase perdera um filho há alguns anos, o dentista recomendou que a levassem com urgência a um bom oncologista. Apesar da insistência do cônjuge, Inácia repetia incansavelmente que preferia “ir ter com o tihoso a aceitar um conselho daquele doido”.

Dando ordens para os criados, rememorava em alto tom o quanto “aquele comprador de diplomas” a insultara durante a consulta odontológica. Para Inácia, fazer a vontade “daquele maníaco” era ter de engolir a seco que ela fora chamada de viciada e bêbada – e ela, literalmente, nunca fora mulher de engolir muita coisa nesta vida.

Demerval implorou para que a esposa procurasse um especialista, e, depois de algumas semanas, Inácia acabou acatando os pedidos dele. Mas com uma ressalva: o médico, nem em sonho, poderia ser o indicado pelo “dentista surtado”. “Só procure um bom médico e marque essa consulta o mais rápido possível”, resmungou. De imediato, Inácia ativou sua rede de contatos e, sem grande esforço, conseguiu uma brecha na agenda de um disputado doutor em São Paulo.

Após uma turbulenta viagem aérea, o casal deixou as malas no hotel e seguiu de táxi pela Avenida Paulista, com destino ao consultório médico. A decoração sóbria e minimalista da clínica chamou a atenção de Inácia. Isso, somada à postura mecânica dos atendentes naquele prédio luxuoso, garantia a tudo um porte excessivamente impessoal.

Durante a consulta, a ausência de um acolhimento humano também se fez presente: doutor Mascarenhas, homem bem-apessoado que cheirava a almíscar, fez perguntas pontuais e cortou respostas extensas. Profissional no significado mais frio da palavra, não pareceu possuir sentimentos nem quando deu o veredicto:

“Tudo indica que se trata de um tumor na laringe supraglótica”. Dito isto, solicitou uma laringoscopia com biópsia associada, que deveria ser feita, claro, na clínica dele, e encerrou a consulta sem abrir espaço para novas questões. No dia marcado, Dona Inácia entrou na sala de exames com abalo peculiar ao de uma vaca que segue para o abate.

Ainda tonta pelo anestésico, tremeu ao pensar que, agora, só restava a ela esperar pelo resultado do exame, capaz de confirmar tudo o que ela preferiria ignorar eternamente. A possível sentença de morte chegou a Aracaju depois de quase 30 dias. Inácia fez questão de deixar o envelope lacrado sobre a mesa de jantar.

Demerval só esperou a esposa dormir para levar o tal envelope até a cozinha e abri-lo cuidadosamente com o vapor que saía de uma chaleira vermelha, comprada na última viagem do casal à Inglaterra. Lacrimou piedosamente, lembrando-se do quanto a doce rouquidão de Inácia o encantara no início do relacionamento, há quase 17 anos, e se culpou por sempre acusá-la de ter “frescuras” na hora de comer. Seria aquilo um sintoma da doença?

Naquela noite, não conseguiu pregar os olhos. Deixara de contabilizar, há anos, os casos extraconjugais que teve por não conseguir dar conta daquela matemática. No entanto, tinha convicção de que Inácia seria a mulher ao lado da qual ele envelheceria. Aquilo não era uma assertiva romântica. Até porque, antes de abrir o envelope, o comerciante acreditava que a indissolubilidade de seu casamento se devia simplesmente a questões religiosas e à Janete.

Lamuriou profundamente ao descobrir que estava enganado. Sim, apesar de tudo, ele ainda amava – e muito – aquela mulher. E, como não há quase nada tão bom quanto a iminência de uma boa tragédia pessoal para aquecer a paixão perdida nos caminhos do cotidiano, no dia da consulta, os dois – de mãos dadas tais quais jovens enamorados – seguiram esbanjando calorosa paixão na direção daquela clínica gélida.

No consultório, Demerval não pôde conter o nojo diante do sádico sorriso que se formava no canto da boca do especialista quando este detalhava, quase salivante, o procedimento mutilador a ser feito em sua Inácia: “Uma laringectomia total, que consiste na remoção total da laringe, da base da língua à traqueia, incluindo o osso hioide e o espaço pré-epiglótico”.

Com o estômago revirado, o marido de Inácia captou o único momento no qual aquela criatura vestida de branco tomou feições humanas. O acontecimento se deu logo após o médico abrir o notebook para agendar a cirurgia de emergência e ser surpreendido com um “obrigado, doutor, mas estamos decididos a consultar outro oncologista antes de optar pela cirurgia”.

No avião que os levava de volta para casa, o sempre otimista Demerval tentou convencer a mulher de que tudo daria certo. “Vamos superar isso de olhos fechados e, ano que vem, faremos uma grande festa para comemorar o sucesso do seu tratamento”. Dona Inácia ouviu as promessas deixando correr livremente todo desespero que segurou ao longo de muito tempo. Chegando em casa, tomou o banho mais demorado de sua história, e, daquele dia em diante, só se vestiu com roupas escuras.

A consulta com o novo médico, recém-chegado dos Estados Unidos a Sergipe, divergiu das duas primeiras apenas em afetividade: de posse dos exames, doutor Rafael foi quase cristão ao relatar a gravidade do caso e as possíveis dificuldades na recuperação. Marcou a cirurgia o mais rápido que permitia a apertada agenda dele e garantiu que Dona Inácia sairia vitoriosa do procedimento, sem ocultar nada sobre as sequelas esperadas e o processo de adaptação necessário àquela nova situação.

Inácia saiu do consultório médico e entrou no carro se sabendo condenada. Apontou desgostosa para o sol, que reluzia naquele fim de tarde como se estivesse a caçar da dor dela. Passou, entretanto, com forçado bom ânimo os dias que antecederam a cirurgia. Foi ao salão quatro vezes naquelas semanas, fez as compras de casa, deu ordem aos empregados, vangloriou-se da sorte da família que Deus lhe havia dado e se gabou do marido exemplar nos chás da tarde com as amigas. Tudo exatamente como antes.

Na véspera da intervenção cirúrgica, porém, ninguém pôde reconhecê-la. Entrou desfigurada no quarto, pegou a carteira do

marido e a jogou aberta sobre ele com violência, gritando furiosa: “Cadê, seu maldito?”. Assustado e sonolento, Demerval via Inácia berrar coisas desconexas que se misturavam a dolorosos soluços. Foi somente com certo esforço que pôde compreender que ela falava dos preservativos que “desapareceram” de dentro da carteira dele.

Tentando pensar em uma desculpa qualquer, repetiu o que todo homem pegou em flagrante já disse um dia: que aquilo era coisa da cabeça dela, que a amava e que nunca havia feito amor com outra mulher. O problema é que todas as frases saiam de forma mecânica da boca dele. Demerval não tinha a segurança e a naturalidade dos colegas, capazes de mentir com desenvoltura e fluidez para as respectivas companheiras deles. Atrofiara essas e outras características machistas acreditando que as ações de desprendimento, compreensão e companheirismo de Inácia eram provas cabais da discrição dele.

Vaga ilusão. Repleta de mágoa e rancor, Inácia exalava ódio ao enumerar as várias traições que sofrera, incluindo com precisão na lista o nome ou a descrição física de mulheres que ele mesmo não lembraria nem com grande esforço. Possuída pelo orgulho massacrado, saiu derrubando tudo por onde passava, quebrando o que podia. A fúria dela somente foi aplacada quando chegou ao quarto da filha.

A garota, acordada pela gritaria, foi subitamente agarrada pela mãe, que, por meio de beijos e abraços, pedia perdão. Chorando aos pés daquela filha atordoada, Inácia desfaleceu. Ver aquela jovem senhora que fora conhecida pelo zelo com a imagem se transfigurar daquela forma era algo desolador. Os cabelos estavam completamente desgrenhados, os olhos assustadoramente vermelhos e salientes. As vestes estavam abotoadas de maneira descuidada. Envelhecera décadas em apenas uma madrugada.

Demerval, tal qual Janete, estava paralisado. Maria, a empregada mais antiga da casa, foi quem tomou as providências necessárias para que, na hora marcada, Inácia estivesse no centro cirúrgico. No hospital, sentado em um sofá de couro marrom, Demerval olhou os ponteiros do relógio como se isso pudesse acelerar o tempo. Foi quando uma enfermeira tocou delicadamente o ombro dele, dizendo que o quarto no qual Dona Inácia ficaria após a cirurgia já estava liberado.

Levantou-se como se fosse um soldado cumprindo uma ordem, entrou no elevador e seguiu pelos corredores de paredes de tons levemente esverdeados espiando, vez por outra, o sofrimento de doentes alojados em quartos cujas portas estavam entreabertas. Ao se deparar com o apartamento que continha o número informado pela enfermeira, inspirou profundamente, objetivando criar coragem para girar a maçaneta e entrar.

Observou surpreso o quão confortável era aquela antessala: um tapete de aspecto refinado trazia sobre si uma mesa de centro decorada com dois modernos objetos circulares de vidro tingido por pinceladas vibrantes. Em uma parede, estava instalada um televisor *slim* com muitas polegadas. Havia ainda dois sofás de couro branco e, no canto direito da janela, um frigobar. Quase nada ali lembrava um hospital.

Pensou na esposa enquanto acomodou-se no sofá, chorando copiosamente por horas. Só tentou se controlar quando escutou leves pancadas na porta. Pediu um instante e foi ao banheiro lavar o rosto. Ao voltar para o cômodo, viu Janete afundada no mesmo local em que sentara minutos antes. Para espanto dele, a filha trajava o uniforme escolar e assistia televisão como se tudo aquilo que estava ocorrendo fosse a coisa mais natural do mundo.

Quis ele prometer para a garota o impossível: que tudo daria certo, que toda a família ficaria bem, que assim que Inácia saísse da mesa de operação as coisas seriam muito melhores do

que antes. Segurou, porém, o surto paternal antes que ele se materializasse, pois intuía de alguma forma que aquelas promessas não poderiam ser cumpridas.

De fato, os dias transcorreram tristes, mesmo com o sucesso da cirurgia. O oncologista fez recomendações a serem seguidas sem cogitar a depressão que afetaria mortalmente aquela mulher. Inácia fora privada de algo que lhe era extremamente caro: a comunicação fácil e excessiva. E, apesar de o marido e a filha se dedicarem de corpo e alma, nada parecia agradá-la. A apatia era cada vez maior por causa do buraco no pescoço, da obrigação do silêncio e da alimentação diferenciada.

Inácia, que durante toda a vida havia lutado para ser superior em tudo, acreditava que estava terminando os dias como um ser humano qualquer. Materialista que era, nem por um segundo pensou no aprendizado, no crescimento que aquele sofrimento poderia lhe trazer como bônus. Não vislumbrou a possibilidade de superação. Focou na dificuldade proveniente da mutilação e no prejuízo à vaidade dela. Via-se como um nada. Passou dias em estado vegetativo por escolha própria e, em poucas semanas, estava oficialmente morta.

O ano que se seguiu ao passamento de Dona Inácia foi estranho dentro daquela casa imensa e silenciosa. Não houve festa de debutante para Janete. Em vez de vestido e valsa, havia um luto que ela não conseguia chorar, mas que o pai chorava por ela. Demerval parecia não ter mais razões sequer para respirar. Abatido, foi deixando os meses seguirem sombrios. Mergulharia na depressão tal qual a esposa morta se um dos funcionários de confiança não tivesse dado um grande desfalque na empresa e “sumido pelo mundo”.

Tão logo se deparou com os primeiros relatórios administrativos, assustou-se ao verificar que o estrago causado havia sido bem maior do que ele previa inicialmente. A presença física de

Demerval se fazia obrigatória, por tempo indeterminado, junto ao complexo de lojas no Interior. Refez-se do luto e trabalhou arduamente visando salvar o restante dos negócios.

Apesar de todos os esforços, não pôde manter o patrimônio intacto. Fechou quatro das sete filiais, e também a matriz localizada na Capital. As despesas com fornecedores e causas trabalhistas lhe custaram o casarão, tão querido à finada Inácia. Mas não eram tempos de cultuar a prosperidade alcançada no passado, ao menos não se ele desejasse que as finanças da família tivessem algum futuro.

Mesmo imerso neste processo, notou que a filha vinha sofrendo novamente com os terrores noturnos. Mas nem de longe desconfiou que a garota estivesse apavorada com a possibilidade, ainda que remota, de voltar a morar na mesma cidade que o tio estuprador. Na Capital, nem os pedreiros de construção mexiam com ela. Não que fosse desprovida de beleza, mas ela tinha o cuidado de evitar qualquer acessório que a deixasse mais atraente.

As roupas que ocupavam o guarda-roupa de Janete tinham sempre corte reto e um ou dois números a mais que o necessário. Além do mais, na contramão do pensamento das garotas da idade dela, estava satisfeita com as poucas formas de seu corpo. Isso, acreditava, conferiria toda invisibilidade necessária à segurança dela.

Vivia tranquila em Aracaju, mesmo sabendo dos problemas de violência contra a mulher, noticiados pelos jornais. Era como se o pergigo estivesse tão distante que fosse impossível alcançá-la. Essa ideia muito peculiar de proteção foi ameaçada somente no dia em que uma colega da escola chegou contando que escapou por um triz de ser violentada.

A residência de Jamile havia sido invadida por um assaltante. O ladrão pulou o portão de mais de dois metros e meio de altura; ignorou o quarto trancado no qual a menina ouvia uma

banda de metal com o volume do tocador de CDs no máximo, possivelmente temendo encontrar ali um adolescente insano; separou joias e outros objetos de valor na suíte principal da casa e, antes de sair, estuprou violentamente a empregada.

A doméstica estava hospitalizada e traumatizada, com cortes e hematomas por todo o corpo. O grupo de meninas ouvia o relato com olhos arregalados de medo e indignação. Janete, avessamente, teve uma profunda inveja daquela mulher que fora tão brutalmente violada. Naquele tempo de escola, ainda acreditava que o tio Plínio não havia usado de violência contra ela simplesmente por só raciocinar sobre a dor no aspecto físico.

Por isso chegou a desejar que Plínio a tivesse machucado a ponto de fazer com que ela acabasse em um hospital. Provavelmente desta maneira os pais e parentes teriam agido como família, acolhendo-a, curando as feridas dela, protegendo-a. Cogitou que, talvez, o tio fosse parar na cadeia. Mas não. A realidade era outra. Ninguém soube do ocorrido. E, na mente dela, havia algo muito pior que o abuso: a culpa pelo prazer diante daqueles toques criminosos.

Janete vivia torturada com isso, e achava que nunca poderia se perdoar por ter encontrado alguma boa sensação naquela imundície toda. E era exatamente a vergonha por ter gostado, mais do que as ameaças do tio, que ainda a mantinha calada. Era como se ela, de certa forma, fosse conivente com a monstruosidade doentia do tio – claro que ele só poderia ser doente. Afirmou, temendo diante da surreal possibilidade de ter dado algum motivo para os perversos desejos dele.

No silêncio daquela noite de reflexões, Janete, pela primeira vez, olhou-se nua em frente ao espelho. Buscava, em vão, localizar algo que a tornasse culpada do abuso que sofrera. Movida por uma força estranha, examinou o próprio corpo, tentando compreender o que o tio vira ali de maldoso. Ficou apavorada ao

atestar certas mudanças, como a chegada daqueles odiosos pelos pubianos e o ligeiro arredondar de peitos e nádegas.

A menina se transformava aos poucos em mulher. Isso passou a ser algo que ou tirava o sono dela ou a fazia voltar a ter pesadelos. Em um deles, escondia-se de alguém em um estábulo abandonado. O medo era vívido e, por causa dele, passara muito tempo oculta pelo feno branco. Em dado instante, acreditou estar segura para fugir dali. Mas foi só dar o primeiro passo e ver um homem surgir do nada, com uma boneca nas mãos para presentear-lá.

Ao tocar o brinquedo, o corpo de Janete encolheu e, de repente, ela era novamente uma criança pequena, inocente e deslumbrada com a delicadeza do mimo recebido. Divertia-se com a boneca até notar a mão do homem despiando-a e fazendo-a deitar sobre um pedaço de chão sujo de lama e esterco. Certa do que estava prestes a acontecer, Janete protestou, tentou gritar, mas a boca não obedecia ao seu próprio comando: a voz não saía.

Como em um passe de mágica, voltava a ter o corpo atual. Continuava a se debater, mesmo sob o efeito do pavor, mas o abusador era mais forte e ela era facilmente imobilizada por ele. Com terror nos olhos, percebeu que o homem era seu tio Plínio. Ele, depois de soltar uma gargalhada macabra, voltou sua atenção para o corpo de Janete, lambendo e sugando com volúpia aqueles mamilos róseos, que intumesciam contra a vontade dela. Em seguida, o tio usou a língua quente e úmida para percorrer o corpo da sobrinha, causando na garota um arrepio profundo.

Ainda que estivesse com muita raiva e pavor, Janete começou a ser despertada pelo demônio do prazer. Quando deu por si, já estava entregue ao desejo a ponto de posicionar a boca daquele monstro sobre próprio o clitóris. No instante em que o momento do gozo se aproximou, um calor crescente ardia no interior da coxa. Mas, em vez do orgasmo, uma dor intensa na perna se fez

presente. Ao abrir os olhos assustada, compreendeu que o tio a havia queimado com um ferro de marcar bois em brasa.

Sempre que voltava a ter sonhos tão terríveis, acordava no meio da noite. Porém, diferentemente de quando morava no Interior, já não mais gritava ou urinava na cama. No máximo, ia tomar banho para limpar a sujeira que julgava haver em sua alma, ao tempo que confundia as lágrimas com a água quente que jorrava do chuveiro. O desespero dela também era aplacado com os estudos. Estudar a fazia se esquecer, mesmo que momentaneamente, das lembranças do passado e daquelas projeções sádicas de Morfeu.

Seu Demerval, ignorando a razão dos dramas psicológicos vividos pela filha, via com muito gosto o amor de Janete pelos livros. Com a proximidade da venda da casa, temeu que a crise financeira privassem-na de cursar o ensino superior. Foi quando lembrou que dispunha de um pequeno apartamento. O imóvel havia sido comprado há uns anos, em um bairro popular que estava se valorizando desde a instalação de uma universidade particular nas suas proximidades.

O local, que inicialmente servia para ocultar os casos extra-conjugais dele, seria perfeito como moradia para Janete. Maria, a única empregada mantida após a morte de Inácia, poderia fazer companhia e tomar conta da garota, durante o período no qual ele estivesse no interior, cuidando dos negócios da família. Aproveitando-se de alguns móveis e utensílios do casarão para mobiliar o apartamento com alguma dignidade, organizou a mudança da filha com rapidez.

Estava integralmente dedicado aos negócios uma vez que pretendia reconquistar o patrimônio perdido. Não contava, porém, com os desvios do destino: conheceu uma mocinha pouco mais velha que a própria filha e se encantou com ela. Alguns parentes entraram em contato com Janete, exigindo que ela se posicionasse sobre a questão.

Contaram que Seu Demerval tinha “virado a cabeça por conta de uma sirigaita aproveitadora”, e que colocaria o pouco que lhes sobrara em termos de patrimônio a perder. Janete preferiu se manter alheia à rixa familiar criada quando o pai resolveu morar com Judite.

Mesmo imerso em problemas familiares e financeiros, Demerval tinha motivos somente para se alegrar, pois a mulher com quem se amigara era doce, compreensiva, carinhosa e, em poucos meses, anunciou esperar por um rebento. Ter um segundo herdeiro foi um sonho tolhido precocemente por Inácia. Com o surgimento de uma estria quase imperceptível na barriga dela durante a gestação da filha, a primeira esposa de Demerval garantiu que nunca mais engravidaria.

Janete, tendo como desculpa as provas do vestibular, não acompanhou essa nova etapa na vida do pai com a proximidade que gostaria por puro pavor de um possível reencontro com o tio. Na tentativa de se fazer mais presente, sugeriu que a madrastra viesse fazer o pré-natal com um obstetra de Aracaju. A ideia foi prontamente acatada e, nesses curtos períodos de visitação, Janete e Judite firmaram uma amizade profunda e sincera.

Houve, no entanto, um imprevisto: as dores do parto se aproximaram cedo demais para a segunda esposa de Demerval, de modo que Joaquim nasceu no Interior, pelas mãos de uma conhecida parteira da região. Sabendo que a data do vestibular para a Universidade Federal estava bem próxima, ninguém estranhou que ela só viesse a conhecer o irmão caçula quando este já tinha três meses de vida.

O pequeno apartamento de Janete estava em festa com a chegada do rosado e gorducho Joaquim, naquele florido fim de outubro. Mas a alegria durou pouco para parte daquela família. No meio da madrugada do dia 30, o telefone começou a tocar insistentemente. Seu Demerval, que mal pregara o olho por causa do bebê, levantou aborrecido para atender a chamada.

Era Dona Etelvina, avó materna de Janete, querendo notícias de Plínio. Após mais um surto, o rapaz havia sido levado às pressas para ser examinado na Capital. Demerval ignorava qualquer coisa sobre o ocorrido. Sabia apenas que, nas últimas semanas, o cunhado vinha se queixando de fortes dores na cabeça.

A primeira sogra de Demerval contou que no cair daquela tarde, o problema de saúde de Plínio havia se agravado. O médico da cidade providenciou uma ambulância para deslocá-lo até o hospital da Capital. Entretanto, ninguém havia mais dado qualquer notícia, e ela, como mãe, estava desorientada.

Como o cunhado não possuía plano de saúde, seria fácil localizá-lo no único hospital público da Capital. Lá chegando, Demerval avistou Renata, esposa de Plínio, sentada em uma cadeira plástica azul-marinho. Trazia no semblante certo desvario. Um atencioso enfermeiro informou que ela estava em choque, pois o pior tinha ocorrido: o marido dela não havia resistido.

“O tio Plínio morreu?”, perguntou Janete, tão logo o pai chegou em casa. Após a confirmação dada por Seu Demerval, um choro forte pareceu se desprender do fundo do peito dela. Diante da comoção geral, aquele rompante parecia algo natural. As lágrimas de Janete, no entanto, eram promessas de liberdade. Com a morte do tio, não havia mais tortura ou ameaça na vida dela.

A adolescente, agora, poderia voltar a viver em paz, livre do terror que a perseguiu por toda a infância. Poderia até resgatar parte do que lhe havia sido roubado: pararia de se esconder, poderia voltar à cidade na qual nascera para rever os amigos, primos, tios e avós. E o primeiro reencontro de Janete e a família aconteceu justamente durante a última homenagem feita ao tio.

No velório, todos demonstravam muito sofrimento. Percebendo aquilo, questionou algumas vezes se seria possível que somente ela estivesse aliviada com a morte daquele homem. Como aquele psicopata que a abusava e ameaçava podia ser tão

querido? Era injusto demais assistir a tantas demonstrações de afeto para com ele.

Em vários momentos do velório, desejou tornar público tudo o que aquele desgraçado havia lhe feito, mas o medo da exposição e do descrédito manteve oculta toda a violência que sofrera ainda muito menina. Buscou consolo na certeza de que aquele corpo inerte apodreceria em um caixão, sem nunca mais poder lhe fazer qualquer mal.

Seguiu o cortejo fúnebre, orando para que as lembranças de dor fossem enterradas junto com aquele morto desgraçado. Não era religiosa, contudo, rogou ainda para que a alma daquele criminoso queimasse no inferno por toda a eternidade. Com a reza, foi tomada por uma acolhedora calma. Tanto que, durante o sepultamento, deixou a brisa da tarde afagar os próprios cabelos, ao tempo em que fechou os olhos para melhor poder se concentrar na forte musicalidade emitida pela terra revirada através da pá dos coveiros.

Aquele ruído era tão intenso que abafava os cânticos católicos e as orações entoadas pelos vivos ali presentes. Quando jogaram o último monte de terra sobre o caixão, Janete comungou da mais completa paz. Retomou a vida, a alegria e os estudos no mesmo dia. Brincou com o irmão por longas horas e, quando ele adormeceu, voltou para o quarto para revisar parte do assunto de história. Entre uma linha e outra do livro que consultava, emitia um suspiro de satisfação.

Esse incomum ar de felicidade se manteve no retorno a Aracaju: Maria vez por outra a flagrava dançando eufórica pela sala, ou cantarolando junto com pássaros que pousavam pela manhã na janela do quarto no qual a garota dormia. Aquele comportamento parecia estranho aos outros, mas Janete estava disposta a abraçar de corpo e alma este novo momento de sua existência.

Capítulo III

NIDAÇÃO

Janete almejava se tornar bacharel em Direito. Submeteu-se à avaliação da instituição privada de ensino superior com a certeza de ter ficado entre os primeiros colocados. O feito não parecia bom o bastante para ela, posto que seus professores afirmavam frequentemente que só o diploma da Universidade Federal agregava valor real ao formando.

Dessa maneira, na semana que antecedeu a nova bateria de provas, tentou revisar a maior quantidade possível de assuntos. Cumpriu à risca o cronograma de estudos que lhe fora entregue pelo coordenador da escola, seguindo todas as recomendações extras ali especificadas. Ou quase todas: em vez de descansar na véspera da prova, como fora orientada, ficou ansiosa e demorou a dormir.

Rodou de um lado para o outro sobre os lençóis desbotados que forravam a cama rosa de solteiro, buscando relembrar os cálculos mais difíceis de física e outros assuntos que, certamente, estariam entre as questões. Era preciso passar naquela instituição pública, mesmo que a Universidade Federal estivesse nitidamente sucateada.

Além de o diploma ser mais valorizado, Janete acreditava que o pai não teria como custear seus estudos. Sim, havia os financiamentos estudantis. Mas estes, criados em 1999, eram, há anos, alvo de discussões: as universidades conveniadas exigiam a troca de títulos da dívida pública, usados como forma de pagamento pelos financiamentos, por dinheiro vivo.

O governo prometia solução para aquilo, mas, aparentemente, só queria ganhar tempo. Com a delonga governamental, não eram poucas as promessas de retaliação por parte das univer-

sidades. A qualquer momento, os alunos do programa poderiam ser seriamente prejudicados. Janete não conseguiria lidar com tanta instabilidade. Dessa maneira, ou entrava na universidade pública ou sacrificaria ainda mais o pai, seu Demerval.

O pobre mantinha Janete em Aracaju e sustentava a nova família dele no Interior desprovido de qualquer sossego material: de todas as direções pareciam surgir credores e ações. Pensar nessas coisas deixava a mente de Janete fervilhando. Desejando dissipar essa preocupação, a estudante começou a ler sobre um assunto um pouco mais complicado de português.

Não se deu conta de quando o cansaço a dominou. Despertou com o barulho do interfone. Era o porteiro avisando que o táxi, agendado na tarde anterior, já estava estacionado em frente ao condomínio. “Como pude perder a hora?”, recriminou-se, trocando o pijama de algodão pelo primeiro vestido que puxou do armário.

Pegou a bolsa conferindo se nela estavam os itens de identificação exigidos no edital do concurso, enquanto andava apresada na direção do veículo que a levaria ao colégio no qual faria as provas. Felizmente, chegou a tempo, e, de maneira idêntica à ocorrida com o vestibular da universidade particular, não teve quaisquer problemas com a resolução dos itens propostos.

Era uma aluna estudiosa e preparada. Desta forma, munida de uma boa dose de confiança, respondeu o caderno de questões com muita tranquilidade. Somente cometeu o pecado de não atentar para o tempo. Deu-se conta disso quando a fiscal anunciou que restavam poucos minutos para o momento limite de entregar a prova.

No afã de concluir tudo com agilidade, pulou a marcação de uma determinada questão no formulário oficial do gabarito e seguiu registrando, com sua caneta preta, uma sequência equivocada de respostas. Quando deu pelo erro, já havia marcado inú-

meras questões. Chamou um dos fiscais. Implorou por outro formulário em branco. Mas aquela não era uma alternativa possível.

Voltou para casa tentando ocultar o rosto vermelho. Ao compreender que nada mais podia ser feito, tentou se consolar no fato de que restavam ainda outros dois dias de avaliação. Havia alguma possibilidade de o estrago não ter sido tão grande. Tratou, então, de ser mais cautelosa com o aproveitamento do tempo e com a marcação das questões nas provas que se seguiram.

E como fizeram quase todos os alunos da geração de Janete, na data divulgada no edital, a vestibulanda acompanhou pelo rádio o resultado daquele concurso. O site da instituição de ensino superior e o dos portais de notícia tradicionalmente ficavam congestionados neste período em razão do grande volume de acessos. Afinal, conexão banda larga era um luxo acessível a poucos privilegiados.

Ir a São Cristóvão, cidade na qual estava instalada a universidade – e se espremer entre estudantes nervosos em frente a listas com nomes impressos em fontes minúsculas – não era uma ideia que a agradava. Assim, sintonizada em uma FM qualquer que divulgava a relação dos aprovados, foi torturada em seu nervosismo com a sistemática repetição de trechos da canção “O Pequeno Burguês”, interpretada pelo Martinho da Vila.

Janete tentou mudar algumas vezes de emissora. Mas o tripe sotaque forçado para o “paulistês” do apresentador, música de fundo cantada pelo sambista carioca e anúncio de nomes dos aprovados mesclados à dos patrocinadores pareceu um padrão radiofônico incompatível com o grau de ansiedade dela.

Sem ter paciência suficiente para ouvir se havia ou não sido citada entre os aprovados, ficou diante do computador por horas a fio, visando acessar, com a internet discada, a relação de futuros calouros. Não comemorou ao ver seu nome figurando entre os três primeiros colocados simplesmente porque a listagem na qual aparecia era a de excedentes do curso.

O pai foi prático ao exigir que ela não perdesse tempo e fosse levando a graduação na instituição filantrópica em que havia sido aprovada: botando na ponta do lápis, sairia mais caro bancar a repetição de um ano letivo em um colégio particular de renome. Além disso, ele apontava, “após algum tempo, você poderá solicitar uma transferência externa para a Federal, ou mesmo prestar um novo concurso vestibular aproveitando algumas matérias já cursadas”.

Assim, no primeiro dia como caloura, Janete chegou cedo para escolher um bom lugar. Sentou-se na segunda cadeira de plástico azul, disposta no centro da sala, por causa da visibilidade que teria do quadro, e tratou de anotar, com letras redondas, todas as informações relevantes ali recebidas. O segundo tempo da primeira aula já estava próximo de seu término, quando um rapaz esbaforido e suado pediu licença para entrar naquela classe.

O renomado mestre, doutor Leandro Henrique, fez, com expressão aborrecida, um comentário ríspido sobre a importância de se chegar dentro do horário previsto, frisando que dali por diante atrasos não seriam tolerados. Aquiescendo respeitosamente com a cabeça, o garoto pediu desculpas e buscou rapidamente a primeira cadeira disponível. Deste modo, acabou sentando atrás de Janete.

Foi só o professor virar para continuar suas anotações no quadro que o tal aluno atrasado a cutucou, perguntando se ela não disporia de uma caneta sobressalente. Sim, ela tinha. O estojo dela – de tecido estampado com ursinhos e corações excessivamente infantis – estava repleto de esferográficas, tantas que poderia se dar ao luxo de emprestá-las a quase todos os 50 alunos daquela turma de Introdução ao Estudo do Direito.

Perto do final da segunda aula, o rapaz devolveu a caneta com um papelzinho preso à tampa. Dizia: “Obrigada, Princesinha”. Janete não conseguiu esconder a vermelhidão que tomou

conta do rosto dela. E não teve coragem de trocar mais nenhuma palavra ou olhar com ele. Assim que soou um toque prolongado da sirene, que informava o encerramento das atividades acadêmicas naquela noite, reuniu rapidamente os seus pertences na mochila e saiu trêmula da sala.

Caminhou com pernas bambas os quinhentos ou seiscentos metros que precisava percorrer com destino a seu apartamento. Tal qual uma protagonista de filme de Sessão da Tarde, jogou-se na cama rindo, tendo o bilheteinho segurado com força contra o lado esquerdo do peito. Dormiu feliz e acordou pensando naquele rapaz. Sequer sabia o nome dele, mas já havia decorado seu rosto nos mínimos detalhes.

No dia seguinte, esperou ansiosamente pela hora de se arrumar para a próxima aula. Colocou seu vestido de passeio mais bonito, escolheu brincos de pérolas bem delicados e passou nos lábios um batom cor de boca. Ao chegar à classe, viu que o garoto já estava lá, conversando animadamente com um grupinho que se formava no fundo da sala.

Janete notou que havia poucas bolsas ou cadernos marcando lugares ali. Mas ainda que houvessem vagas e que ela desejasse muito se sentar perto dele, escolheu o mesmo assento do dia anterior. Organizava o material na carteira escolar quando o tal rapaz veio ao encontro dela. Em vez de um simples “boa-noite”, ele disse simpaticamente: “Está muito bonita hoje, Princesinha! Eu sou Caio”, cumprimentando-a em seguida com dois beijinhos estalados na face.

A estudante sentiu o rosto arder. Por sorte o sinal tocou, a professora de Metodologia Científica entrou na sala e os alunos foram obrigados a se acomodar rapidamente. Mas aquele cumprimento deixou Janete tão desnorteada que a fez derrubar o estojo. A menina da cadeira ao lado tratou de pegar o objeto ainda no ar. Era magra beirando o esquálido, excessivamente branca

e de sua cabeça alva brotavam volumosos cachos ruivos. Tinha ainda muitas sardas, olhos azuis e se chamava Cibele.

As duas passaram o intervalo conversando, e foi através desta nova colega que Janete soube da recente filiação de Caio a um partido de esquerda. Tentando desviar o foco da conversa para não demonstrar o interesse dela no rapaz, Janete formulou perguntas sobre o partido e seus ideais. O que ouviu da colega de classe a fascinou a ponto de fazer com que ela levantasse cedo na manhã seguinte e corresse para a biblioteca da Universidade. Não compreendia o porquê de ter estudado de forma tão mecânica sobre aquele assunto na escola, e compensou tal descuido devorando, com o máximo de crítica e profundidade possível, o que pode sobre Karl Marx, União Soviética e Comunismo.

Empolgou-se de verdade com aquelas classificações de relações de trabalho tão atuais e com a proposta da redução das desigualdades sociais a ponto de, em apenas algumas semanas, poder discutir com naturalidade sobre o que aprendera junto a Cibele e a outros colegas de sua turma de graduação. E, como geralmente tentava associar as teorias aprendidas à prática cotidiana, voltou alguma atenção para Maria, sua empregada.

Fazendo contas simples, atentou para o seguinte fato: a funcionária havia começado a trabalhar ainda criança. Parecia uma história muito absurda, mas a realidade é que, com apenas nove anos, Maria já havia se tornado babá de Janete. Aos 19, fora promovida a governanta e funcionária de confiança de Dona Inácia. Hoje, com pouco mais de 25 primaveras, aparentava ter cerca de 40 anos, e cuidava de abastecer e organizar um apartamento que pouco se sujava.

Janete ficou curiosa para saber se a criada não teria mais sonhos ou alguma outra ambição na vida além de servir e limpar. Ao ser questionada sobre isso, Maria foi sincera: “Eu não sei se a senhorinha vai pensar mal de mim, mas eu achava tão bonito

isso de você ficar lendo que comecei a ler também sempre que acabava o serviço da casa. Aprendi bastante coisa. Tanto que o Seu Zé, porteiro da tarde, disse que eu devia fazer o supletivo para terminar meus estudos. Fiz as provas e passei”, contou orgulhosa.

Aproveitando a deixa dada por Janete, Maria ousou falar também sobre o sonho de virar enfermeira. Não que estivesse reclamando do trabalho, frisou. Ao contrário. Era muito grata, porque podia ajudar a família dela, que vivia no Interior e antes passava fome. Mas, se Janete e Seu Demerval permitissem, pretendia se matricular no curso técnico de enfermagem que vira no comercial da televisão. Recebeu como resposta um abraço da patroa e, posteriormente, a autorização de Demerval para realizar a matrícula.

Ainda naquela noite, Janete se reuniu com os colegas novos. Contava feliz sobre o fato de a empregada da família ter tomado gosto pelos estudos, quando Caio interrompeu a conversa para fazer a todos um convite: o partido estava abrindo um curso de formação política para a juventude. Janete, empolgada que estava com as novas ideias – e também com ele –, não somente aceitou se inscrever, como ainda somou coro com Cibele para convencer Thales, Louise e Ester a participarem.

Ocorre que, tão logo começou a frequentar as reuniões, Janete compreendeu que existia certa hipocrisia no modo como as coisas eram conduzidas dentro do partido. Apesar de propagarem o ideário esquerdista, somente os mais abastados tinham voz ativa em assuntos ligados a conquistas de direitos pelos menos favorecidos. Foi incômodo também para ela verificar que as discussões mais decisivas ocorriam normalmente em bares e restaurantes, sempre regadas a muita cerveja.

O que mais frustrou Janete, porém, foi assistir a conceitos de liberdade e igualdade entre os sexos sendo confundidos com libertinagem. Em vez de empoderamento feminino, via – horri-

zada – mulheres copiando o ‘*modus operandi*’ de homens canalhas. Isso lhe causava tanto constrangimento quanto ciúmes. Inclusive porque ela constatava inquieta que a quantidade de garotas – e até de senhoras – se oferecendo escancaradamente para Caio crescia na medida em que ele ganhava visibilidade no partido.

Achou que a situação não poderia piorar após atestar, com os próprios olhos, o quão comum era Caio terminar as noitadas de ‘reunião partidária’ em braços femininos distintos. Mas estava obviamente enganada. Descobriu, por acaso, que ele estava envolvido em um relacionamento do tipo “à moda antiga”: namorava há mais de três anos uma moça chamada Giselle.

Janete fazia compras em um supermercado próximo do apartamento dela quando viu o casal pela primeira vez. Caio empurrava o carrinho ao lado de duas mulheres, uma senhora enrugada tal qual bruxa de conto infantil e uma garota quase bonita, ambas bem-vestidas e com cabelos loiros nitidamente tingidos. Educadamente, ele apresentou a mulher mais madura como sendo Hildegard, a sogra, e a mais nova como Giselle, a namorada.

Janete fez um grande esforço para se mostrar simpática. Pensou em dizer coisa do tipo “Finalmente, estamos sendo apresentadas. Caio sempre fala muito em você”, mas o susto não a permitiu verbalizar muita coisa. Simulou pressa com algo importante, a fim de sair daquele embarço, largou no carrinho as compras e correu para casa. Ficou deprimida pelo resto do dia e até pensou em não ir à aula.

Porém, ao avaliar e reavaliar aquilo, notou que precisava de uma explicação de Caio. Ao encontrá-lo no corredor bloco onde estudavam, promoveu contra ele uma espécie de interrogatório. Caio pareceu sincero e confessou que, apesar das muitas traições cometidas, amava profundamente a namorada. O problema é que os sogros de Caio criavam toda espécie de dificuldade para impedir ao casal qualquer momento de privacidade.

A princípio, ele julgara que aquele comportamento se devia a problemas ocorridos com a irmã de Giselle. A tal jovem, Bertha, engravidara de um primo quando tinha apenas 14 anos. No entanto, assim que Caio começou a conviver de forma mais próxima com a família, tomou ciência de que a questão era racial: apesar de dispor de excelente condição social e cultural, Caio não era bem querido pelos pais da namorada por ser mestiço.

Após alguns meses de relacionamento entre os dois, Friedrich, pai da garota, sempre arrumava um jeito de deixar isso claro. Descendente direto de alemães e defensor de ideias abominadas por qualquer humanitário, exibia no peito – com orgulho – uma medalha que teria pertencido a um famoso general da guarda pessoal de Adolf Hitler.

A peça fora arrematada em um leilão – a preço inimaginável – nos tempos áureos da família. Hoje, a situação financeira deles não era mais tão confortável. Giselle e os pais não viviam mal graças às boas relações que mantinham com pessoas poderosas – e também à crescente venda das joias e objetos de arte herdados por Hildegard.

Mesmo ostentando muita arrogância, Caio observava que ano após ano as dificuldades materiais aumentavam para eles. Inclusive desconfiava que a iminente escassez de recursos fosse a razão de Friedrich começar a tolerar a presença dele naquele casarão de paredes cada dia mais nuas. Prova disto era o fato de a sogra vez por outra o convidar para o supermercado.

Ao chegar ao caixa, *Dame* Hildegard sempre alegava ter deixado o cartão e o dinheiro sobre a cama ou sobre algum outro móvel qualquer. Era evidente que Caio sabia não se tratar de mero esquecimento. Pagava a conta satisfeito, pois não queria que nada faltasse para Giselle. Ele a amava. Queria se casar com ela o mais rapidamente possível.

Se o sentimento que ele dizia ter era assim tão imenso e sincero, qual a necessidade das traições? Janete quis saber. Seria

melhor não ter perguntado, pois Caio justificou tudo com desculpas inapropriadas para um homem que se dizia defensor das causas feministas, tais como necessidades físicas masculinas e busca da manutenção da pureza da amada, que ele teria “o orgulho de desvirginar, mas tão somente na noite de núpcias”.

Decepcionada, afastou-se a um só tempo de Caio e do partido. Ocupou o tempo dela naquele final de semestre voltando suas atenções aos estudos. Passou as férias no Interior, ajudando o pai nos negócios e brincando com o irmãozinho. O problema é que a distância física de Caio não significou o afastamento mental. Na realidade, tudo parecia lembrar ele, a exemplo das músicas do Roberto Carlos cantaroladas pela madrasta e a maldita trama da novela mexicana reprisada pela milésima vez na emissora do Sílvio Santos.

Com a proximidade do início de um novo semestre letivo, Janete começou a ter dúvidas sobre suas próprias vontades. Parte dela desejava reencontrar Caio a todo custo. Parte queria esquecer que ele existia. Foi sentindo muito frio na barriga que Janete entrou na sala de aula. Para alívio dela – e contraditoriamente também para sua tristeza –, Caio não estava na lista de chamadas. Descobriria depois que ele não cursaria com ela várias disciplinas, posto que reprovara em várias matérias do período anterior.

A consciência de que praticamente não teria mais contato com ele durante o resto do curso fez crescer em Janete uma espécie de luto. Ela, então, começou a trabalhar mentalmente em uma maneira de promover uma reaproximação. E a melhor forma que encontrou foi oferecer ajuda com os estudos. Para que Caio não desconfiasse das segundas intenções dela, montou, com Cibele e outros três colegas mais próximos de sala, um grupo de revisão.

Os pais de Caio não faziam ideia da situação dele na Universidade. Ao contrário. Alimentavam a crença em um filho brilhante, dedicado ao curso, e sonhavam com o dia em que o jovem

começaria a trabalhar no tradicional escritório de advocacia que levava o nome do bisavô dele. Aqueles projetos paternos, porém, não lho interessavam. Ele havia sido mordido pelo bicho do poder, e já se imaginava entre as facilidades e mordomias proporcionadas pela política.

E foi preciso ainda um bom tempo para que Janete compreendesse o óbvio: Caio aceitou o convite para o grupo de estudos porque isso casava perfeitamente com os planos dele. Há alguns meses o estudante almejava sair candidato à presidência do Diretório Central dos Estudantes. Sabia que o DCE, historicamente, era o trampolim mais rápido para a conquista de uma futura candidatura a vereador ou mesmo a deputado estadual.

Caio tinha ainda a convicção que aquele grupo de estudantes com pensamentos de esquerda continha os melhores nomes para a composição de uma chapa vitoriosa. Alheios a tudo isso, Cibele, Ester, Louise e Thales reuniam-se todas as quintas-feiras, antes da aula, no apartamento de Janete. O estudo, que durava cerca de duas horas, ocorria sempre de maneira séria e exaustiva.

A chegada de Caio, porém, obrigou uma flexibilização na metodologia de aprendizagem. Como ele nunca lia os textos previamente, os colegas eram obrigados a gastar certo tempo explicando e resumindo o tema proposto para as discussões do dia. Curioso é que, mesmo retardando o avanço dos estudos, todos acabavam aprendendo de forma mais eficiente.

Paralelamente à ampliação do conhecimento coletivo, a amizade entre eles também foi se solidificando. Quase sempre o grupo marcava um cinema ou alguma outra atividade de lazer: virou rotina a presença dos seis estudantes no barzinho do Zé após as aulas de sexta-feira, assim como no pastel da feira de sábado, que acontecia no bairro de Janete.

Como resultado, Cibele e Louise começaram a namorar quase ao mesmo tempo em que Ester e Thales. Logo o “só falta o

Caio e a Janete” virou frase recorrente entre eles. E toda vez que alguém falava disso, Janete ficava completamente roxa. Já Caio desatava a rir. Na realidade, ou Caio ria ou piorava o constrangimento dela, brincando debochadamente ao afirmar que Janete não queria compromisso sério, que não desejava nada além de “abusar do corpo nu dele”.

Nesses momentos, quase almejava ser enterrada viva tamanha a vergonha sentida. Mas o que a deixava mais desconcertada era quando o rapaz dizia que ela não tinha nenhum interesse nele. Via-se a um só tempo impotente e revoltada. Quantas e quantas vezes tentou tornar pública a sua paixão por Caio? Se criasse coragem para tanto, ele corresponderia? Será que ele não percebia, não pretendia perceber ou ela não demonstrava seus sentimentos da maneira clara?

Janete não saberia dizer, mas pretendia descobrir essas respostas. Tanto que, um dia, encheu-se de coragem e, ignorando o fator “Giselle”, ensaiou em frente ao espelho – por horas a fio – como falaria com ele. Quando juntou toda a confiança possível, telefonou para Caio pedindo que fosse ao apartamento dela. Em poucos minutos, ele já estava lá. E chegou dizendo que Janete parecia ter adivinhado que ele estava precisando muito falar com ela.

Todavia, antes que Janete pudesse pensar em verbalizar o que havia ensaiado, Caio simplesmente desatou a falar sobre o que ocorrera durante as férias: por um descuido dos pais de Giselle, ele e a namorada acabaram ficando uma tarde inteira a sós. Evidentemente que, após tanto tempo de controle e supervisão, o casal aproveitou a liberdade e foi “longe demais”. O problema é que a menstruação da garota atrasou. Não, ela não engravidara. Logo após a realização de um exame de farmácia, que apresentou resultado negativo, a regra dela desceu.

“Janete, você não avalia o meu desespero durante os dias em que ficamos sem uma certeza sobre a Giselle estar ou não

grávida. Passou tanta coisa na minha cabeça... Só imaginava uma criança sendo ou rejeitada ou estragada por aquele meu sogro nazista maluco. Também vi o quanto minha namorada é egoísta e despreparada. Não cheguei a falar nada disso para ninguém, mas ela notou algo diferente em mim. E, de uns tempos para cá, nossa relação passou a ser um misto de cobranças e chantagens emocionais. Não estou mais aguentando”, desabafou, com olhos vazios.

Janete ficou pálida. Havia sido pega totalmente desprevenida com aquele relato, e foi um alívio quando, assim que Caio parou de falar, o interfone tocou. Era Cibele. Vinha pedir umas apostilas emprestadas para tirar xérox. Ao ver Caio, a ruiva fez um comentário jocoso sobre os dois estarem sozinhos no apartamento.

Isso só não desconsertou Janete mais que a resposta de Caio: “Nunca vai haver nada entre a gente. Amo muito a Janete, mas é amor de irmão mais velho. E o que eu sinto por essa baixinha nunca vai mudar”, enfatizou, ao tempo em que deu nela um abraço fraternal – que machucou profundamente, como se uma arma branca tivesse sido enterrada nas costas dela.

Assim que Caio e Cibele desceram juntos pelas escadas do prédio, Janete pode chorar agarrada ao travesseiro até pegar no sono. Acordou desnorteada, sem saber quanto tempo havia dormido. Chamou por Maria, mas, logo recordou, a criada pedira uns dias de folga para cuidar de uma irmã doente. Na realidade, Nazaré, irmã de Maria, estava com depressão. O marido a abandonou tão logo soube que o filho deles, que acabara de nascer, tinha Síndrome de *Down*.

Maria sempre falava que ajudar a aliviar a dor dos outros era um santo remédio para aplacar a própria dor, e Janete decidiu fazer algo por aquela criança. E como a estudante não tinha ânimo para enfrentar a universidade naquela noite, seguiu para o mercado onde comprou produtos de higiene para o bebê e alimentícios para a família. No dia seguinte, antes das oito horas

da manhã, chegou de táxi no casebre onde Nazaré morava, no bairro Japãozinho.

Encontrou Maria na porta de casa, sentada em uma cadeira de balanço feita com arames cobertos por um plástico azul. A empregada de Janete trazia o menino nos braços. Usando um copinho de plástico descartável, alimentava-o com o máximo de delicadeza possível. “Minha irmã não está amamentando esse pequenino. Consegui leite materno no banco, mas, como poucas mães doam, o estoque lá está sempre baixo. Esse líquido aqui vale mais que qualquer tesouro”, afirmou, com um brilho no olhar capaz de ocultar um pouco de seu próprio abatimento físico.

Janete observou aquela criança linda e se perguntou como uma mãe poderia rejeitar algo tão frágil e dependente. Aparentando ler pensamentos, Maria explicou: “Você é pessoa estudada e, mesmo assim, deve estar estranhando minha irmã não querer cuidar do próprio filho. Mas não pense que é maldade. A Nazaré está doente. Aprendi com sua mãe que depressão é uma das piores coisas que podem ocorrer a uma pessoa. Todo mundo acha que é frescura, que é preconceito de minha irmã com o filho que nasceu especial... Poucos entendem a situação e estendem uma mão amiga”, lamentou.

Janete pensou em fazer algum comentário consolador sobre o quanto a irmã de Maria tinha sorte de tê-la por perto, porém não encontrou palavras adequadas. Ficou olhando para os próprios pés por segundos que pareciam não ter fim. Foi a empregada quem quebrou o silêncio: “Sabe que, quando decidi estudar, somente você me apoiou? Minha família disse que eu já tinha um emprego bom de carteira assinada e que precisava só arrumar um marido. Mas eu não me interessava por essas coisas de casamento e andava bem triste”.

Sob o olhar atencioso de Janete, Maria continuou a falar: “A vida inteira só trabalhei para a sua família. Eu saí de casa mui-

to criança, e a ideia de vocês deixarem de precisar de mim e me demitir estava tirando o meu sono. Fiquei um tempo perdida, mas me lembrei das histórias que seu pai contava. E foi o mesmo estudo que o salvou da humilhação e da miséria que também me mostrou um caminho. Quem poderia imaginar as providências e voltas desse mundo? Se minha mãe, na época da grande fome, tivesse me dado para outra família, talvez, eu hoje não pudesse estar aqui ajudando minha irmã e meu sobrinho”, cogitou.

“Mas não tinha como eu ir para outra família não. Minha sina era parar na sua casa. Engraçado como Deus faz tudo de caso pensado. Nunca se engane acreditando que as coisas são obra do acaso, menina Janete. Tudo, por mais confuso que pareça, tem sempre um porquê”, finalizou, com sabedoria. Janete respirou fundo, realmente precisava daquelas palavras. Voltou para casa inundada por uma boa sensação, que a fez esquecer um pouco da pequenez de seus problemas sentimentais.

Porém, essa nuvem de paz se dissipou assim que o celular bipou, anunciando a chegada de uma mensagem de texto. Era Caio, afirmando que precisava com urgência conversar com ela. Ignorando completamente o que ele havia dito no dia anterior sobre vê-la somente como “uma irmã”, Janete se encheu de esperanças e tornou a fantasiar situações românticas improváveis.

Para variar, o assunto passava longe dos sonhos projetados pela mente carente de Janete. O partido havia decidido que já era tempo de Caio disputar as eleições do Diretório Central dos Estudantes como candidato a presidente. E o jovem a queria na chapa dele, como diretora financeira. Thales, Cibele, Louise e Ester já haviam sido convidados e aceitaram participar daquela empreitada.

Faltava apenas a resposta de Janete, que estava frustrada demais para qualquer coisa, inclusive para recusar. Forjou todo contentamento que pôde diante do convite e, quando deu por si, já estava mergulhada de corpo e alma em uma campanha con-

flutuosa e barulhenta. Vez por outra, ao distribuir panfletos que traziam as propostas de sua chapa, Janete ficava perto o bastante para observar o tratamento frio que Caio ultimamente dispensava para os telefonemas da namorada.

O fato de o casal estar em crise trouxe fôlego para Janete. Ela sabia que muito em breve aquele relacionamento chegaria ao fim. E chegou: Giselle apareceu de supetão em um ato político encabeçado por Caio junto aos estudantes. Ao avistá-la na multidão, as feições dele ficaram mais sérias e a fala mais dura. No final do discurso, Caio desceu do palanque improvisado com a velocidade de um foguete e foi encontrar a namorada.

Janete se aproximou a tempo de ouvir como a briga começou. A moça reclamou que os dois não se encontravam desde o início de toda aquela “palhaçada”. Não seria preciso ter dons de vidência para saber que uma discussão iniciada a partir de uma frase daquelas não poderia acabar bem. Conforme o esperado, depois de alguns gritos e muito desrespeito de ambos os lados, Caio encerrou o desentendimento afirmando que cada um deveria tomar seu próprio rumo.

Foi assim que, naquela noite, em vez de assistir a aula de Hermenêutica, Janete acompanhou o amigo candidato a um bar para ouvir o desabafo dele. E foi escutando as lamúrias de Caio durante toda a semana que Janete aprendeu a beber cerveja. De início, segurava o vômito e engolia aquilo tudo com bastante sacrifício. Entretanto, de um momento para o outro, passou a gostar do sabor amargo do malte – possivelmente porque aquele ingrediente, metaforicamente, lembrava o quão pouco palatável era a sua própria vida.

Mas nem somente de amarguras se faz uma estória. Após uma eleição apertada, Caio foi eleito presidente do DCE. Ficou tão eufórico que, ao ouvir o próprio nome como vencedor das urnas, pegou Janete nos braços e a rodopiou no ar. Em seguida,

beijou a boca dela com volúpia e desejo. Ela, mais tonta pelo beijo que pelo giro, corou e mergulhou em um torpor que não a permitiu acompanhar o que ocorria ao seu redor por alguns segundos.

Quando voltou a si, já estava sozinha na sala de contagem de votos. Saiu de lá correndo, a tempo de ver uma multidão seguir com Caio nos braços, indo em direção à frente da reitoria. Todos estavam em festa, e a comemoração se estendeu por muitas horas. Por causa do turbilhão de coisas que aconteceriam a partir daquela vitória, Janete preferiu não tocar no assunto do beijo com ninguém.

Ousou, entretanto, entusiasmar-se quando Caio veio pedir desculpas por ter ultrapassado os limites da amizade que ela lhe concedera. “Eu realmente fui longe demais. Só que se eu disser que me arrependi, mentirei. Não sei se foi a mágica do momento, mas o fato é que adorei o nosso beijo. De longe foi o melhor de todos os que já experimentei na vida”.

Janete não soube como reagir além de esboçar uma expressão facial que denunciava a mais pura e ingênua felicidade. Passado aquele momento, odiou-se por não conseguir falar nada. Intuíva que a vida não lhe traria outra chance tão propícia para se declarar e não estava totalmente equivocada nesses pressentimentos.

Tomada a posse no diretório e resolvidas as primeiras questões burocráticas, Janete e Caio estavam mais juntos que nunca. Contudo, em termos sentimentais, nunca estiveram tão distantes. A rotina deles era a seguinte: de manhã cuidavam do Diretório, de tarde participavam de capacitações e mobilizações do partido e de noite, assistiam a aulas – em cadeiras próximas, quando estavam na mesma classe.

Sempre tinha o barzinho depois da universidade, no qual discutiam como mudar o mundo ao tempo em que tomavam aquele porre – agora patrocinado por recursos do DCE, adquiridos com a taxa cobrada pela confecção das carteirinhas estudan-

tis. Era frustrante para Janete verificar que, mesmo depois daquele “beijo incrível” e com toda proximidade cotidiana existente entre ela e Caio, nada ocorria em termos românticos.

O rapaz nunca mais fizera qualquer coisa que demonstrasse algum mínimo interesse. E ela, por sua vez, continuava sem conseguir reunir a coragem necessária para se declarar. Começava a pensar em desistir, em se conformar, afinal, pelo visto, tudo entre eles se resumiria eternamente a uma amizade. Talvez, por isso, a surpresa dela quando, durante uma enfadonha aula de Direito Administrativo, recebeu no celular uma mensagem de Caio.

“Amanhã, vai acontecer um show com aquela banda paulista *cover* que eu tinha comentado. Bora?”. Janete estremeceu ao ler aquilo. Envolvida pela ansiedade, derrubou o estojo e viu sua gigantesca coleção de canetas espalhadas pelo chão. O professor de Fundamentos e Teorias do Crime fez uma piada machista sobre “a complexidade dos hormônios femininos”, que ela ignorou totalmente em razão do tal convite.

Estava ainda agachada, catando os materiais, quando uma silhueta masculina apareceu na porta da sala. Instintivamente voltou sua atenção para o local e lá avistou Caio. Este perguntava, através de gestos, se a mensagem havia chegado. Completamente eufórica, Janete mexeu a cabeça para responder positivamente. E sim, com toda certeza, ela iria para o show com ele.

Naquele sábado em que aconteceria o evento, o sol amaneceu brilhando mais forte. Janete, que nunca fora vaidosa, foi ao salão. Fez as unhas e as sobrancelhas, cortou “um dedinho” do cabelo e correu para o shopping. Passou a tarde inteira procurando uma roupa adequada. Por fim, encontrou um vestido *vintage*, que a deixou realmente bonita.

Estava em uma sapataria provando calçados no instante em que Caio telefonou. Dizendo-se ansioso, combinou que a buscaria às 22 horas. Antes mesmo das 20 horas, Janete já estava pronta.

Colocara uma maquiagem leve e andava arrumada de um lado para o outro na sala como se isso ajudasse o tempo a passar mais rápido.

O coração parecia querer saltar do peito. Pegou uma cerveja quase fria na geladeira para tentar se acalmar e assistiu impaciente a toda grade da TV aberta. Ao verificar que já havia passado um pouco da hora marcada, ligou para Caio. Telefonou uma, duas, cinco vezes. Ele simplesmente não atendia.

Mesmo conhecendo a impontualidade dele, perto da meia-noite estava totalmente aflita, imaginando coisas terríveis como acidentes, sequestros ou mesmo a possibilidade de Giselle e Caio terem reatado o namoro. Digitou e apagou sem enviar uma centena de mensagens até reunir forças para questionar se havia ocorrido algo. Minutos depois recebeu um torpedo: “Você vai mesmo? É que estou com dois colegas e minha prima agora quer carona para ela e uma amiga. O carro vai ficar meio cheio”.

A sensação de impotência a impediu de responder qualquer coisa. Em segundos borrou toda a maquiagem com suas próprias lágrimas. Num rompante de fúria, arrancou do corpo o vestido, desfez o penteado e bateu por vezes seguidas no peito, chamando a si mesmo de idiota. Imersa naquela explosão de mágoa, Janete não conseguia compreender o que podia ter dado errado. Ela não tinha como ter se enganado, Caio realmente parecia interessado em sair com ela...

Acordou no dia seguinte em posição fetal sob o tapete da sala, com dores por todo o corpo. Estava envergonhada só de imaginar alguém ficar sabendo o tanto que ela havia sido estúpida e ingênua. Preferiu não comentar sobre o ocorrido nem mesmo com Maria. Tampouco quis tirar satisfações com Caio. Era melhor esperar ele vir se justificar e pedir desculpas ou simplesmente esquecer-se da humilhante desfeita que sofrera.

Para espanto dela, Caio não apareceu nem no DCE nem no grupo de estudos durante toda a semana. Louise comentou

desinteressadamente que o vira numa plenária do partido – e que ele estava acompanhado por uma menina. Foi somente no fim de semana seguinte que Janete teve notícias dele. Estava voltando da padaria quando o telefone dela tocou. “Quer ir comigo ao bar da avenida?”, ele perguntou.

Entalada que estava com o ocorrido, aceitou de pronto o convite, acreditando que teria oportunidade de vomitar na cara dele tudo o que estava engasgado em sua garganta. O rapaz demorou um pouco a chegar e, como de costume, Janete aproximou-se do carro e abriu a porta do carona. Ficou completamente sem graça ao notar que o lugar “dela” estava ocupado por outra garota. Pediu desculpas, disse que o fumê do vidro não tinha deixado-a visualizar ninguém ali e se acomodou ao banco traseiro, repleta de vergonha.

Alheio ao constrangimento de Janete, Caio apresentou a “intrusa” como sendo “a mais nova aquisição do DCE”. “Esta é Patrícia. Ela está no terceiro período de Jornalismo e está vindo contribuir com a organização da comunicação do diretório”, falou entusiasmado. Janete emitiu um grunhido na tentativa de parecer simpática, enquanto se perguntava em silêncio “de onde aquela criatura havia brotado”.

A resposta veio assim que Thales entrou no veículo e cumprimentou a nova integrante do DCE com um “e aí, aquele foi mesmo um show da zorra, né?”. Deduziu que Patrícia só podia ser ou a tal amiga da prima de Thales ou alguma outra garota que eles haviam conhecido durante o malfadado evento.

Ainda que tomada pelo ciúme, Janete foi obrigada a constatar que a suposta rival era bonita. Tinha cabelos longos escuros, olhos esverdeados e um rosto bem desenhado. Em termos de corpo, apesar de não ser nenhuma modelo, não era “malfeita”. A falta de bunda era compensada por peitos bem empinados e pernas perfeitamente torneadas.

Felizmente, ela parecia arrumada demais não somente para aquele bar frequentado por pretensos comunistas, mas, principalmente, para Caio. Era, para a estudante, um contraste quase tranquilizador observar o dourado das joias de Patrícia perto da blusa de Caio, velha e descosturada desde sempre na altura do sovaco direito.

Mas a certeza de que não estava acontecendo nada entre eles veio a partir de um comentário feito pela própria moça, no momento em que as duas foram juntas ao banheiro: “O Caio anda insistindo em ficar comigo de forma cansativa. Definitivamente, ele não faz o meu tipo. Só vim aqui porque o cargo no diretório pode me abrir algumas portas”, garantiu, com ar decidido.

Janete ficou tão agradecida com esta afirmação que se propôs iniciar uma amizade com ela, sem imaginar que, passada cerca de uma semana daquele encontro, Caio e Patrícia anunciariam o início de um namoro extremamente conflituoso. E ainda que fossem tão diferentes, em menos de seis meses, o casal estava praticamente morando junto. O pior é que, sob o incentivo da nova namorada, Caio não somente passou a se vestir melhor como adotou uma rotina de alimentação saudável com a prática de exercícios físicos.

Emagreceu a ponto de passar a justificar o assédio das mulheres. De quebra, ele se mantinha completamente fiel à namorada, apesar das inúmeras investidas que recebia. A fidelidade repentina de Caio deixou Janete ainda mais desesperada. Quando pensou em desistir de vez, acreditando que tudo aquilo era fato consumado, ouviu de Cibele algo consolador: aquela relação aparentemente perfeita não tinha tanta perfeição assim.

Caio teria se queixado de Patrícia por ela implicar com todos os amigos e querer controlar as saídas noturnas dele. Ela também andou criando problemas para o namorado dentro do partido. Certa vez, Patrícia teria pedido a palavra em uma reunião

e, sem qualquer cerimônia, saiu listando todas as contradições que enxergava na esquerda brasileira – o que gerou um constrangimento geral entre os presentes.

Janete observou em silêncio os amigos alertando Caio sobre o rumo desastroso que aquela relação com Patrícia estava tomando. Tudo em vão. Vendo que irritação era a única coisa que as pessoas estavam conseguindo provocar em Caio ao dar conselhos e fazer comentários acerca daquela união, Janete prometeu que não criticaria Patrícia sob hipótese alguma.

Teria provavelmente mantido a promessa, não fosse o vinho branco com suco de abacaxi que tomou de forma exagerada durante aquela festa... Acordou com uma dor de cabeça horrível. E sem lembrar nada do que havia feito na noite anterior. Chegando à sala onde funcionava o DCE, desconfiou que algo grave tinha acontecido assim que os colegas dirigiram olhares repreendedores para ela.

Janete não aguentou a pressão dos amigos e tomou coragem para perguntar o porquê de todos estarem estranhos desde a chegada dela. Foi Thales quem explicou: “Porra, Janete, como é que Patrícia te convida de boa para uma festa e você fica escrachando a mina e dando em cima do namorado dela?”. Como mágica, as palavras do companheiro de diretório resgataram as lembranças apagadas pelo álcool.

Envergonhada, Janete engasgou a ponto de vomitar. Chorou amargamente ao tempo em que secava o próprio vômito com um pano encardido. Não poderia haver momento mais humilhante que aquele para Patrícia chegar, mas ela entrou na sala no exato segundo em que Janete limpava o chão. Sem dizer uma única palavra, a rival pegou um segundo pano e foi ajudar Janete.

Diante do peso que pairava no ar, todos saíram dali. Quando Janete se viu a sós com a moça, tentou transparecer o máximo de dignidade possível ao pedir desculpas pelo ocorrido na noite

anterior. De forma tranquila, a namorada de Caio afirmou que não havia o que desculpar. Mas quis saber se Janete estava realmente apaixonada por ele.

Janete negou de forma convincente, afirmando que tudo fora fruto do excesso de álcool. Patrícia, então, colocou em palavras o que todos já haviam observado: o namoro dela não estava indo nada bem. Em tom sincero, contou que por inúmeras vezes tentou terminar aquela relação, mas Caio sempre se desesperava, e ultimamente até ameaçava cometer suicídio quando ela tocava na palavra término.

“Eu não sei mais o que fazer. Já tentei de tudo, até ficar criando caso com besteira para ver se ele fica irritado e toma iniciativa de dar o tiro de misericórdia nessa relação. A gente briga todo santo dia, mas ele não me deixa ir embora...”, desabafou. “Se você gosta mesmo dele, eu ajudo você e saio do caminho. A única coisa que quero nesse momento é um pouco de paz”.

Desconfiada de todo aquele desprendimento, Janete mais uma vez negou seus sentimentos. A expressão de Patrícia era de completo desassossego. Janete estava tão desconfortável quanto Patrícia, mas disfarçou bem forjando uma fisionomia neutra. As duas finalizaram aquela conversa prometendo que superariam o desagradável incidente ocorrido na festa. Janete, todavia, passou a evitar a rival sempre que possível. Patrícia, por sua vez, parecia não notar – ou não se importar com – o afastamento de Janete. Estava mais focada em provocar brigas desnecessárias com Caio.

Semanas depois, Janete conversava com Ester e Thales sobre isso. “Mas não seria mais fácil ela botar um ponto final na relação de uma vez por todas? É tão difícil assim terminar um simples namoro?”, perguntou Janete. Ester respondeu, em tom exausto que, “sim, às vezes, era muito difícil terminar um namoro”. Em resposta, Thales levantou furioso e abandonou a sala, batendo violentamente a porta.

Janete ficou sem entender aquele rompante. Sob olhar questionador, Ester explicou que eles estavam passando por um momento delicado. “A bruxa está solta querendo separar os casais deste diretório”, falou, desejando parecer divertida. Janete fez que sim com a cabeça. Sequer tentou verbalizar alguma palavra de conforto para a colega. Como nunca havia se relacionado com ninguém, julgava-se péssima conselheira para esses assuntos.

Mesmo assim, Caio a procurava quase que diariamente para desabafar sobre a crise que estava vivendo no namoro com Patrícia. Janete escutava sempre em silêncio. Procurava apenas acolhê-lo em seus braços, tentando reprimir as próprias emoções. Um dia Patrícia os flagrou abraçados. De nada adiantou Caio afirmar que aquilo era simplesmente um abraço carinhoso ocorrido entre dois amigos. A moça ficou furiosa, derrubou papéis que estavam sobre as mesas do diretório e ofendeu Janete com toda espécie de nomes chulos.

Caio defendeu a amiga, e isso só aumentou a fúria de Patrícia. De início ele ficou extremamente irritado, porém, estrategista que era, analisou o ocorrido, e julgou que poderia usar aquela situação a seu favor. Sabendo do ego exacerbado da namorada, acreditou que poderia reconquistá-la. Bastaria criar uma situação na qual ela ficasse bem insegura e desconfiada. Para tanto, decidiu usar Janete e provocar mais ciúmes em Patrícia.

Foi em uma terça-feira chuvosa que o rapaz colocou o plano em prática. Após as aulas, Caio sempre oferecia carona para Janete. Deixava-a na portaria do condomínio e, em seguida, ia com Patrícia para a casa dela. Desta vez, porém, mudou o percurso e parou em uma loja de conveniência. Quando voltou, trazia uma garrafa de vinho tinto doce gelado nas mãos.

Patrícia quis saber o porquê dele ter parado para comprar aquilo. Caio disse rispidamente que estava com vontade de degustar uma boa bebida. E, olhando para Janete com malícia, afirmou

em tom forçosamente sensual que naquela noite pretendia beber em boa companhia. A feição de Patrícia se contraiu imediatamente e todo o trajeto foi percorrido em meio a um silêncio agonizante.

Janete achou estranho o fato de Caio deixar Patrícia primeiro em casa, afinal, o condomínio dela ficava mais perto da universidade que a casa daquela jovem. Assim que a rival desceu do carro e entrou na residência sem se despedir de ninguém, Janete exigiu ser informada sobre o que estava acontecendo. O rapaz se desfez do ar confiante que vinha mantendo durante o percurso e perguntou se eles poderiam ir para o apartamento dela conversar um pouco.

Lembrando que Maria não estava lá e querendo evitar fofoca entre a vizinhança, Janete sugeriu que fossem para algum bar. Caio insistiu no pedido, dizendo que precisava de um lugar mais reservado para desabafar, pois realmente estava muito mal com tudo o que vinha ocorrendo entre ele e a Patrícia. Sem ter como negar a solicitação do amigo, os dois seguiram para o apartamento.

Após acomodar Caio no sofá da sala, Janete pegou na cozinha o abridor de vinho e dois copos de requieirão. Ouviu então sobre a última briga do casal: eles caminhavam na praia conversando sobre temas diversos. Tudo ia bem, mas Caio falou algo sobre política que a desagradou. Patrícia teria retrucado o argumento dele com grosseria e ele, ofendido, saiu a passos largos, deixando-a para trás.

A moça ficou parada, exigindo que ele fosse até ela se retratar de tal grosseria. Fez ainda ameaças que o deixaram ainda mais irritado. Por pura birra, Caio permaneceu andando ligeiro até a voz estridente dela começar a se incorporar aos ruídos pacíficos do vento e do mar. Quando deu por si, não a escutava mais. Ao se virar, Patrícia havia desaparecido de seu campo de visão. Voltou alguns metros para procurar a namorada, mas não a encontrou em lugar algum.

Seguiu em direção ao carro, imaginando que ela estivesse esperando por lá, afinal, tanto a bolsa quanto as roupas dela estavam no veículo. Não obteve sucesso. Retornou para a areia e descreveu Patrícia para todas as pessoas por quem passou no caminho, mas ninguém tinha cruzado com ela. O desalento que o dominava chegou ao clímax quando alguém sugeriu a ele chamar pela polícia. Caio, quis acreditar que aquilo era algo desnecessário.

Talvez Patrícia simplesmente tivesse encontrado algum conhecido e agora estivesse na segurança da casa dela. Quase entrou em pânico quando a Luci, senhora manca que trabalhava para a família da moça, disse que ela não havia retornado ainda da caminhada. Com o coração palpitando e as mãos suando, foi mais uma vez em direção à praia, começando a imaginar uma quantidade considerável de desgraças que poderiam ter acontecido à namorada. Não a encontrou. Regressou à casa dela na esperança de que a jovem de alguma forma tivesse conseguido chegar lá.

Ao tocar a campainha, foi atendido mais uma vez por Luci, que repetiu tranquilamente que a patroa não havia aparecido. A esta altura, o pavor e a culpa lhe cobriram a face. Desnorteadado, pediu para a doméstica uma fotografia recente da namorada, pretendia prestar queixa na delegacia sobre o sumiço dela. Irritou-se com Luci quando esta afirmou que não era necessário chamar a polícia.

Caio mostrou histeria contra trabalhadora doméstica. Como assim não era necessário chamar a polícia? Mostrando visível compaixão, a funcionária confessou: “A Patrícia já tá aqui de hoje... Ela veio de táxi e fez eu mentir para você. Não fica desse jeito não, Seu Caio. Tudo não passou de uma brincadeira boba dela”, garantiu.

“Eu não tenho como dizer se fiquei mais aliviado ou mais furioso. Sei que joguei a sacola com a saída de praia por cima do portão e saí cantando pneu. Fosse ela um homem, eu invadia a casa para descontar minha raiva com porrada. Mas sou louco por

aquela mulher, Janete. A merda é que ela fica me fazendo de palhaço. Aquela desgraçada não sente nada... nada...”, desabafou, bebendo o último gole de bebida.

Janete já estava embriagada, mesmo assim pegou na geladeira uma garrafa de vinho que Maria usaria para temperar o assado do fim de semana. Observou que Caio chorava compulsivamente. Esticou o braço magro e entregou a bebida, dizendo com voz enrolada: “Bebe pra esquecer”. Ele obedeceu, e em um só gole tomou quase metade daquele vinho amargo.

Levantou-se e abraçou Janete de uma forma carinhosa. Ela, movida provavelmente pelo torpor alcoólico, posicionou o próprio corpo junto ao dele de uma maneira que beirava o sensual. O rapaz, inicialmente desconcertado, buscou se afastar dela. A moça, contudo, pareceu não querer se desprender daquele abraço. Apertando-o contra si, balbuciou algo ininteligível bem próximo ao ouvido dele. Seria um gemido?

Deixando que o tesão falasse mais alto que a razão, deitou-a no tapete com a mesma voracidade de um predador faminto que subjuga sua presa. Janete estava quase despida quando um vislumbre de lucidez fez com que quisesse recuar. Sussurrou um “não” que foi sufocado por seus próprios gemidos de prazer. Respirou fundo e repetiu a negativa algumas vezes de modo mais incisivo.

Como ele não a escutava, tentou empurrá-lo. Caio, então, segurou os braços dela, usando grande força. Janete se debateu, mesmo assim, Caio puxou a camisa dela começou a sugar o mamilo esquerdo com desejo e volúpia. O desespero dela não parecia ter qualquer ação paralisante sobre os instintos primitivos que o dominavam. Não sem brutalidade, ele rasgou as poucas peças que ainda restavam sobre o corpo dela...

Janete acordou com o sol que entrava pela janela e queimava seu rosto. Estava nua, atordoada e deitada sobre o piso frio da sala. Assustou-se com um toque de celular estranho. Esticou

mecanicamente o braço para pegar o aparelho sobre a mesa de centro. Era Patrícia perguntando por Caio. Levou algum tempo para, gaguejando, explicar que o rapaz esquecera o telefone na casa dela na noite anterior. A moça agradeceu a informação com um tom de voz estranhamente satisfeito e desligou.

Pousando o telefone novamente sobre a mesa, observou as garrafas vazias e os copos sujos. Encostou-se no sofá e, sem muito sucesso, tentou recompor o que poderia ter ocorrido na noite anterior. Uma enxaqueca forte a consumia, e as lembranças desapareciam da mente dela pouco depois do instante em que Caio contava sobre o “desaparecimento” de Patrícia na praia.

Pendendo o vômito e jurando nunca mais beber, começou a sentir um estranho incômodo em sua própria genitália. Baixou a vista e atestou que suas coxas estavam manchadas de sangue seco. Perto de onde estava encostada, havia uma pequena poça daquele líquido já coagulado. O terror sentido horas antes retornou, fazendo com que tremesse da cabeça aos pés.

Capítulo IV

GESTAÇÃO

Janete atravessou o boxe de vidro temperado do banheiro, abriu o chuveiro e deixou a água quente escorrer sobre si durante um tempo que não cogitou mensurar. Já havia reduzido três barras de sabonete a filetes inúteis quando notou os dedos enrugados e decidiu terminar o banho. Enrolada em uma toalha gasta, deitou na cama como se estivesse em choque.

Foi acordada por Maria, que trazia consigo um prato de canja recém-saída da panela de pressão. “Você dormiu o dia todo. Precisa se alimentar ou acabará doente”, aconselhou a empregada. A luz artificial mostrava que já era noite, e isto a atordoava ainda mais. Como a cabeça pesava toneladas, precisou de ajuda para sentar e comer aquela mistura rala de arroz, frango, água, temperos e legumes.

Mesmo queixando-se vez por outra de um terrível amargor na boca, comeu quase toda a refeição. Ainda ajudada por Maria, vestiu um pijama estampado com pequenas rosas, acomodou a cabeça sobre os travesseiros, e, tão logo a empregada desligou o interruptor e saiu do quarto, pôs-se a respirar profundamente, permitindo que os olhos vertessem toda água que desejassem antes de voltar a dormir.

Levantou-se no início da manhã, trazendo consigo uma angústia que de tão profunda chegava a lhe queimar no peito. Isso não a impediu de reagir e sair do quarto. Maria tinha posto a mesa com algumas frutas, iogurte, pão com queijo e café bem forte. O enjoo ainda lhe dobrava o estômago e piorou consideravelmente quando, olhando para a sala, percebeu que a empregada havia feito desaparecer todos os vestígios do malfadado encontro com o Caio.

Uma onda de vergonha percorreu então cada milímetro do corpo dela e fez com que o pranto voltasse a escorrer rosto abaixo. O ar pareceu ficar rarefeito na medida em que a jovem rememorava o que ocorreu ali. Os terríveis sentimentos de culpa e dor que vivenciara na infância voltaram acompanhados da certeza de que agora não era mais uma criança inocente.

O corpo dela fora violado, contudo, não restava dúvida, ao menos para ela, de que fora culpada pelo que aconteceu. “Mesmo que por um instante, eu desejei”, repetia, escutando os próprios soluços. Encolheu-se no sofá agarrada a uma almofada. Maria apareceu com um comprimido e um copo cheio com água nas mãos. “Tome. Vai ajudar você a relaxar”.

Janete, com esforço, engoliu a pílula e foi praticamente carregada até a cama. Estudou a expressão de Maria. Havia preocupação e servidão, mas nenhum traço de julgamento ou revolta. “Será que ela tem consciência de que mesmo limpando tudo com cloro puro, a sala permanecerá tão marcada quanto eu para sempre?”, questionou-se antes de se entregar ao efeito do calmante.

Levantou tonta no meio da madrugada. Cambaleando, seguiu em direção à sala. Ainda no escuro, bateu o móvel sobre o qual ficava a televisão e o aparelho de DVD procurando o celular de Caio. Suspirou ao imaginar que ainda teria de passar pelo constrangimento de devolver aquilo. E como seria encontrar ele? Ele pediria perdão pelo que fizera? Ela aceitaria o pedido de desculpas ou teria coragem de acusá-lo publicamente? E se duvidassem dela?

“Eu não devia ter tomado banho. Devia ter ido à delegacia, fazer exame de corpo e delito”, pensou. E agora? Como provaria ter sofrido aquela monstruosidade? Era mais do que comum buscarem culpa nas vítimas de estupro. “Se um short curto serve de justificativa na mente dessa sociedade insana, o que dirão de mim, que trouxe um homem para beber na minha

própria casa?”, refletiu atordoada, batendo a mão displicentemente numa pilha de DVDs.

A queda das mídias acordou Maria. Esta apareceu na sala com ar sonolento, trajando uma camisola de flanela e uma estranha touca de meia na cabeça. “Não consigo achar o celular do Caio”, falou Janete fungando. “O senhor Caio esteve ontem aqui. Parecia um pouco agitado e, como a senhorita estava repousando, informei que não poderia recebê-lo. Ele, então, mencionou que havia deixado o telefone aqui. Entreguei para ele. Espero não ter procedido mal”, contou a empregada.

O uso repentino daqueles pronomes de tratamento fez Janete se lembrar dos tempos em que vivia no antigo casarão com os pais. A mãe dela, Dona Inácia, certa vez, encontrara uma “revista de madame” em um consultório médico. A publicação trazia, em uma de suas matérias, a maneira com a qual um “bom criado” devia se portar diante dos patrões. Aproveitando-se de um momento de distração da atendente, arrancou aquelas páginas e as colocou na bolsa. A partir de então, passou a exigir dos funcionários não somente muita descrição, mas, ainda, toda a formalidade possível.

“Maria, não vivemos mais com meus pais. Você agora é minha mãe, minha irmã, minha amiga. É a única pessoa que eu tenho nesse mundo”, afirmou, antes de abraçar a empregada e voltar a mergulhar em um pranto desesperado. Maria ficou com os olhos úmidos. A patroa, desde menina, lhe parecera frágil. Porém, naquele instante, era como se ela voltasse a ser apenas um bebê indefeso. Como alguém podia ser tão só? Perguntou-se, sem atinar se lamentava pela patroa ou por si mesma.

Como teve dificuldades para voltar a dormir, organizou a mesa do café antes mesmo dos primeiros raios solares apontarem róseos no horizonte. Janete, por hábito, convidou Maria para o desjejum. Esta, como de costume, agradeceu o convite, afirman-

do que já estava alimentada. Na verdade, ainda não havia comido nada. Negou por ter dificuldades de fazer refeições na frente de outras pessoas.

Não sabia manusear os pesados talheres de prata que mantinha reluzentes há anos, tinha vergonha da forma como mastigava e tremia somente de pensar em estar numa mesa convencional. Por mais que Janete insistisse em tratá-la como igual, Maria tinha uma autoimagem muito diminuída.

Autoconceitos formulados por meio da humilhação desde a mais tenra idade eram difíceis de serem superados. Tanto que Maria demorou a aceitar a ideia de que um obstetra estava verdadeiramente interessado nela, quando, meses depois, passou a trabalhar em um grande hospital.

No lugar de tatuagens, trazia consigo marcas de um complexo de inferioridade que não a abandonou nem mesmo durante as viagens para a Europa, feitas sozinha a trabalho ou para fins de lazer na companhia do marido doutor. Longe de poder imaginar que tantas mudanças ocorreriam no futuro dela, Maria se concentrava no aqui e no agora, e tentava a todo custo proteger Janete.

Dessa maneira, convidou-a para visitar mais uma vez a irmã dela, Nazaré, e o sobrinho Guto, ressaltando como o pequeno estava se desenvolvendo bem e levando alegria para todos. Nazaré, com o apoio da família, também estava melhorando da depressão, contou. O convite foi feito de modo tão inocente, que Janete sequer cogitou que o desejo real da empregada era afastá-la de casa durante aquele domingo.

A ação tinha razão de ser porque, durante o tempo em que a patroa dormia sob o efeito de uma potente medicação calmante, o interfone tocou inúmeras vezes. Era Seu Ezequiel, porteiro do condomínio, avisando que um rapaz bêbado queria a todo custo subir. O funcionário sabia que se tratava de um amigo de Janete, pois já o tinha visto com ela algumas vezes.

Ocorre que o jovem estava fora de si, chorando e xingando Janete de nomes impronunciáveis. Pelo interfone, quis saber se deveria permitir a entrada dele ou se era para chamar a polícia. Maria informou que Janete estava doente, e pediu que o tal baderneiro tivesse a entrada impedida. “Chame a rádio patrulha, se precisar. Mas não deixe essa criatura subir”.

Após este diálogo, Ezequiel não voltou a interfonar. Maria respirava mais aliviada a cada segundo registrado em paz pelo relógio. Todavia, ao sair logo cedo para comprar o pão para o café da manhã, a empregada soube que o “amigo” de Janete tinha causado muitos problemas durante toda a madrugada. “Ele só foi embora depois do Ezequiel dizer que já tinha chamado “os homens”, afirmou Seu Francisco, porteiro do turno da manhã. Maria ficou horrorizada, mas decidiu que não falaria nada do ocorrido para Janete.

Foi quando surgiu a ideia da visita à irmã e ao sobrinho. Janete aceitou prontamente o convite, e as duas passaram todo o domingo de forma tranquila. Era fato que, vez por outra, a patroa ficava com um estranho olhar perdido. Mas, de um modo geral, aquele distanciamento da realidade pareceu ajudar de alguma forma. Ao retornarem para o apartamento, a empregada entrou em contato com a portaria e soube que o tal rapaz bêbado não voltou a importunar.

Janete, por alguma razão desconhecida para Maria, preferia mudar de assunto quando se tocava no nome dele. Teria simplesmente mudado de cidade, de país, de continente só para não voltar a pensar ou encarar “certas coisas”. Após três dias passados em casa, verbalizando alguns desses devaneios, ouviu de Maria a seguinte frase:

“Você não quer me dizer o que ocorreu. Tem esse direito, mesmo eu achando que o peso de qualquer situação fica mais leve quando é dividido com quem confiamos. Mas pergunto se é justo

“você abandonar tudo o que conquistou para viver fugindo. A vida não é fácil não, menina. Ou a gente enfrenta os problemas de frente ou eles vão se fortalecendo e dominam tudo. Vá! Levante-se dessa cama, tome um banho e se arrume para os seus afazeres na Universidade”.

Como se tivesse recebido uma injeção de ânimo, Janete resolveu acolher aquele conselho e sair de casa. Era a vítima, quem devia ter vergonha e se ocultar do mundo deveria ser aquele que a violentou. Regressou para casa em frangalhos poucas horas depois, amparada por alguns colegas do grupo de estudos. Ao que a empregada pôde escutar da cozinha, Caio decidira afastá-la do cargo de diretora no DCE por razões pessoais.

Ele evitou contato com Janete, mas a estava responsabilizando pelo fim do relacionamento dele com Patrícia. Thales, Louise e Cibele se mostravam revoltados com aquilo desde o princípio. Tentaram defender Janete ao máximo, porém a última palavra era a de Caio. Afinal, ele era o presidente democraticamente eleito do Diretório. Houve um racha no grupo, de maneira que os três amigos abandonaram suas diretorias em favor de outros membros do DCE.

Maria não compreendia muito de política estudantil, entretanto, apesar do estado emocional de Janete, ficou satisfeita ao descobrir que a patroa se afastaria daquilo. Acreditava que, em razão das atividades no DCE, Janete deixara os estudos de lado a ponto de ver as próprias notas despencarem a níveis medianos. Para a criada, Caio e o diretório representavam um grande atraso na vida da jovem.

Teve certeza de julgar adequadamente quando, semanas depois, Janete abandonou a feição melancólica para trazer uma boa notícia. Estava entre os dez alunos selecionados para duas vagas de estágio em um importante escritório de advocacia local, o Tertuliano Maia & Associados. A única coisa que não deixou

Maria ficar completamente satisfeita foi saber que Thales também havia sido escolhido, e que os dois combinaram estudar juntos para o processo seletivo.

A empregada não sabia dizer o porquê, mas tinha desenvolvido uma implicância com o garoto desde que ele apareceu com o grupo para estudar. Janete pouco falava nele, contudo Maria já havia observado o interesse do rapaz pela patroa ainda no período em que o mesmo namorava Ester. E, por falar em Ester, Maria somente conseguiu aceitar a razão de ela, tão bonita, ter se envolvido com aquele garoto arrogante e forçosamente metido a engraçado depois de descobrir que ele era filho de desembargador.

“Aposto que foi só por causa do pai que ele conseguiu o estágio”, alfinetou assim que soube que o rapaz e Janete conseguiram as vagas. Janete, então, defendeu o colega, lembrando a Maria que vários universitários foram submetidos a um difícil processo de seleção. “Eu sei que você não gosta do Thales, mas foi testemunha do tanto que a gente estudou para essa prova. Ele é meio complicado sim – nisso a gente concorda –, mas é muito inteligente”, garantiu.

Maria não respondeu. Preferiu voltar a cuidar da casa, ignorando o presságio que lhe chegara naquele momento. Não era vidente, no entanto, poderia apostar com qualquer um que, em pouco tempo, Thales e a patroa estariam juntos. Acertou na previsão: camisetas com figuras de heróis cubanos começaram a ocupar os espaços do guarda-roupa de Janete, da mesma maneira que copos de cerveja apareciam sobre os móveis e cuecas e meias se espalhavam pelo chão do apartamento.

A empregada observava tudo em silêncio, mesmo se achando humilhada com o tratamento recebido daquele playboy que se dizia de esquerda. Era como se repentinamente tivesse voltado aos tempos nos quais Dona Inácia era viva. Mais uma vez, passara a ser uma mera “empregadinha”. As ordens vinham agora sem

nenhum “por favor” ou “obrigado”. Não havia mais espaço para as opiniões ou os conselhos dela.

Aquela sensação de invisibilidade se reforçou quando a sogra de Janete, Dona Flávia Regina, começou a frequentar o apartamento – e a criticar a forma como Maria executava o serviço diário. Certa vez, escutara um dos sussurros daquela mulher sempre maquiada e repleta de joias. Ela sugeria que a casa, apesar de limpa, não ficava devidamente arrumada – e que, se Janete desejasse, disponibilizaria uma de suas criadas para, vez por outra, ajudar em uma melhor organização das coisas.

Maria esperou ouvir palavras em defesa própria, porém, observou desgostosa da cozinha que Janete se limitou a agradecer à sogra pela generosidade. Naquele instante, compreendeu que, apesar dos discursos de igualdade e amizade de Janete, seria sempre uma simples serviçal naquela casa. Trancou-se no banheiro de serviço e, tendo como testemunha as paredes daquele minúsculo recinto, jurou que faria o possível e o impossível para mudar de vida.

Cumprindo o que prometera, já no dia seguinte buscou estágios remunerados como auxiliar de enfermagem. Passou a dedicar todo o tempo livre imersa nos livros voltados para o vestibular de Enfermagem. O esforço foi recompensado ainda naquele ano: Maria foi aprovada, certo que não uma colocação de destaque, no curso da Universidade Federal. “Você não estudou em nenhuma escola de renome, não fez cursinho de inglês. Sua vaga foi conquistada na raça.”, ouviu de doutor Marcos Cláudio durante um plantão no qual trabalharam juntos.

Sobre a sogra de Janete, Dona Flávia Regina, poderia ser afirmado que ela era uma mulher dedicada à família, à Igreja e ao salão de beleza. Com o nascimento dos primeiros netos, os gêmeos Ricardo e Rafael, cortou as atividades de caridade que realizava na paróquia que frequentava sob a justificativa de ter mais tempo livre para acompanhar o crescimento daquelas crianças.

Dessa forma, quando não estava realizando algum procedimento estético, nem bisbilhotando a agenda do marido, ou fiscalizava de perto o trabalho dos três empregados que mantinha no apartamento – localizado em um prédio de luxo da Avenida Beira Mar – ou oferecia suporte à filha Thalita, mãe dos gêmeos.

Apesar de não parecer muito afetiva, Dona Flávia Regina cultivava certas tradições das quais Janete fora privada desde cedo: reunia os filhos e netos em banquetes ocorridos na casa de praia ou no sítio da família durante os fins de semana e feriados. As refeições sempre eram antecedidas por lindas orações entoadas pelo doutor Meireles, pai de Thales.

Bonito era, na avaliação de Janete, ver que os sogros pareciam verdadeiramente apaixonados, mesmo após 34 anos de união matrimonial. O segredo de toda aquela harmonia, de acordo com Dona Flávia Regina, era a fé em Deus, e alguma boa dose de compreensão e paciência. Aquele ambiente ameno conquistou Janete. Havia sempre comentários felizes, boas acomodações e presentes na chegada dela.

Com o passar do tempo, verificou que era tida em grande estima especialmente pelo fato de ter conseguido trazer Thales de volta para o convívio da família. “Aquele ovelha havia se desgarrado do rebanho, mas foi salva por Janete”, brincava, satisfeito, doutor Meireles, sempre que a nora se aproximava. Janete escutava aquilo tendo consciência parcial do pretérito do namorado. Thales era conhecido na Universidade pelas loucuras que havia feito, e ainda pelo abuso de drogas lícitas e ilícitas.

Ficou famosa a história acerca de uma vivência realizada pelo movimento estudantil em uma colônia de pescadores. Na ocasião, o rapaz apostou com um tal “Zé do Mé” que aguentaria tomar mais cachaça que ele. Venceu a aposta quando o homem teve de ser levado às pressas para um hospital em estado de coma alcoólica. Entretanto, a vitória dele foi celebrada de modo pouco honroso.

Após o incidente, Thales acordou, por volta das duas da tarde, preso em uma gaiola de caranguejos. Estava ensopado com vômito e fezes, e sem ter ideia de como havia acabado ali. Por causa dessas e de muitas outras, o namorado de Janete tornou-se *persona non grata* na casa dos amigos dele que ainda viviam com os pais.

Em todas as versões que contava sob tal tratamento recebido, Thales se colocava como um injustiçado. E era tão convincente que Janete realmente chegou inicialmente a acreditar que tudo aquilo não passava de pura implicância com seu namorado. Após conviver um pouco mais de perto com pessoas que cresceram com ele, ouviu histórias que a assombraram.

Uma delas era a que Arnóbio, companheiro de infância de Thales, fora incitado por este a mostrar coragem e quase se afogara ao pular bêbado da ponte sobre o Rio Poxim. Havia, também, boatos sobre o envolvimento dele em um noticiado caso de incêndio a um barraco que vitimara duas crianças. Entretanto, aquele assunto era tido como tabu: ninguém mencionava tal ocorrido.

Pesquisando posteriormente sobre esse caso, Janete pôde verificar que o nome de Thales fora retirado dos autos do processo como em um passe de mágica. Outros dois rapazes, que antes viviam na companhia dele, estavam presos. Contudo, independente do que o mundo pudesse acusá-lo, Dona Flávia Regina sempre defendia o filho com unhas e dentes.

De acordo com ela, os seguros estavam sendo gananciosos ao negar cobertura ao filho após ele ter dado perda total a dois veículos; a maconha encontrada na gaveta do quarto dele tinha sido colocada lá por uma empregada que não gostava dele e que queria que ele se metesse em confusão; Ester havia traído Thales e inventado inúmeras barbaridades a respeito dele para se justificar...

Em um sábado qualquer, a sogra conversava com Janete na varanda da suíte que ela e Thales ocupavam no sítio da família.

Apesar do odor de cigarro que o quarto exalava, do teto manchado de amarelo em razão das baforadas de nicotina e das incontáveis bitucas lançadas nos vasos de planta que adornavam a área, a sogra de Janete afirmou que se acreditava “presenteada como mãe” por saber que nenhum de seus filhos bebia ou fumava.

E completou com tom professoral: “Acho que cigarro não faz bem para a pele. Você, querida, devia parar de fumar tanto”. Janete nunca havia colocado um cigarro na boca. Todos os que havia “fumado” foram consumidos passivamente, desde que começara a andar com o pessoal do grupo de estudos. Por outro lado, os dentes e até os dedos de Thales eram alaranjados. Isso sem contar o fedor que impregnava as roupas dele...

Como era possível não saber que o filho dela era o único fumante ali? Mesmo perplexa, preferiu evitar qualquer desgaste com a sogra. Apenas sorriu sem graça como se dissesse “É, eu acho melhor mesmo parar de fumar”. A conversa foi observada a certa distância pela cunhada de Janete. Assim que Dona Flávia Regina foi verificar o andamento do almoço na cozinha, Thalita se aproximou dizendo:

“Ainda bem que você não falou nada sobre Thales fumar. Talvez você não saiba, mas depois que a vovó piorou com o Alzheimer, minha mãe ficou com os nervos muito abalados e foi diagnosticada com síndrome do pânico. Chegou a ser internada por alguns meses e ainda hoje toma remédios muito fortes. Por causa disso, mamãe não pode ser contrariada sob hipótese alguma, Janete”.

A partir daquele diálogo com a cunhada, algo acerca do olhar de Janete sobre aquela família mudou. Compreendeu que era por causa da doença da sogra que os assuntos giravam sempre em torno de momentos agradáveis, que tudo parecia ter uma aura cor-de-rosa típica de comerciais de margarina. Somente um observador extremamente atento poderia deduzir que críticas e

desentendimentos eclodiam a todo instante, mas vinham adocicados, ocultos em brincadeiras ou sugestões delicadas.

Um exemplo prático daquilo era a reprovação velada sobre o relacionamento existente entre ela e Thales. Católicos fervorosos, Dona Flávia Regina e doutor Meireles nunca reclamaram abertamente da modernidade existente naquele namoro. Mas vários foram os momentos em que os sogros de Janete lançaram elogios ao comportamento casto de Vanessa, noiva do filho caçula deles, Thiago. Após alguns meses, pareceu também um sinal claro de desaprovação o fato de a sogra de Janete trazer sempre à mão uma revista sobre casamentos.

Diferente da esposa, o sogro sondou a situação civil deles uma única vez, e de forma mais direta, perguntando se já não estava passando da hora de o casal marcar a data do casório. Thales respondeu com um discurso de liberdade que Janete já sabia de cor: que o casamento “era uma instituição ultrapassada” e que ele “não pretendia ser aliciado pelos padrões sociais vigentes”.

Doutor Meireles conhecia bem o filho e, em vez de tentar convencê-lo a mudar de ideia, dirigiu um olhar fraterno para Janete antes de comentar: “Acho uma pena você pensar assim, meu filho. Sua namorada ficaria linda vestida de noiva”. Janete corou. O sogro mostrou os dentes satisfeito, certo de que tinha plantado uma semente que poderia prosperar em Janete.

Ocorre que a nora não era uma simples “casadoira”. A infância de temores, a morte precoce da mãe, a falência do pai, a dedicação aos estudos e a desilusão com Caio após o estupro não haviam deixado tempo para sonhos. Ademais, nunca antes refletira sobre o que tinha ou o que pretendia com Thales. Ambos eram colegas de estudo. Ele, inclusive, relacionou-se por um bom tempo com uma amiga dela, a Ester.

Se avaliasse tudo de maneira fria, possivelmente compreenderia que em momento algum, planejou estar com ele. As coisas

simplesmente aconteceram. Ela mesma não saberia definir com exatidão que espécie de emoção dedicava ao companheiro. Começaram aquela relação, talvez, com um servindo de ombro amigo para o outro. Thales lamentava os meses perdidos ao lado de Ester, ao mesmo tempo em que incentivava Janete a sentir raiva por ter sido “enganada, iludida e usada por Caio”.

A revolta dele com o afastamento de Janete do DCE era tamanha que o jovem abandonou o diretório e cortou relações com Caio. Teria agredido fisicamente o presidente da agremiação estudantil se tivesse tomado conhecimento do estupro. Naquele período, ela e Thales eram ainda somente colegas, e Janete sempre fora muito reservada com suas coisas.

A moça não sabia dizer como, mas, meses depois, os dois acabaram ficando juntos em uma festa. Logo em seguida, Thales já estava alojado no apartamento dela, proibindo-a de citar o nome de Caio em qualquer situação. Ela aquiesceu e, na tentativa de tranquilizar o namorado, convenceu a ele e a si própria de que o que vivera com Caio não fora mais que uma improdutiva e desditosa fantasia juvenil.

Esse processo de convencimento não se deu de forma fácil. Inúmeras foram as noites nas quais Janete não pôde dormir, ouvindo Thales criticar o fato de que ela não era mais virgem quando se entregou a ele. “Temos esse ruído, essa ranhura em nosso relacionamento. Não fosse isso, poderíamos viver uma história perfeita”, repetia com frequência, trazendo certo desespero no olhar.

O “assunto Caio” só foi perder força quando Thales soube que não houve uma noite romântica, mas um terrível momento de violência. “Seu erro foi não ter denunciado ele logo. Desenterrar isso agora, que ele se elegeu vereador, é pedir para sofrer uma humilhação pública. Seria a sua palavra contra a de um político...”, concluiu, após ouvir a dura verdade sobre o ocorrido.

Thales parou de encrencar com a “falta de pureza” da namorada, porém, substituiu o tema por outros: um dia, era o *barman* da casa de eventos que olhou tempo demais para ela; no outro, era o chefe do estágio que estava tratando-a com gentileza demais. Era como se todos os homens do mundo, de uma hora para a outra, passassem a desejar Janete.

Nem mesmo o pai ou o irmão dele eram pessoas confiáveis. Para garantir que ninguém faria “mal a Janete”, Thales não a deixava na presença de outra pessoa do sexo masculino. Os colegas a alertavam sobre os riscos do “ciúme doentio” de Thales. Nestas ocasiões, a jovem sempre discordava e defendia o companheiro.

Nunca comentou com ninguém, mas, no íntimo, trazia a certeza de que o namorado havia ficado tão chocado com os relatos dos abusos que ela havia sofrido na infância quanto com tudo o que Caio lhe fizera. Deste modo, as atitudes de Thales podiam parecer um pouco exageradas a quem desconhecava o complexo histórico de vida de Janete, mas não eram meras demonstrações de posse. Aquilo era amor, zelo e cuidado, acreditava ela.

Até para evitar ficar se justificando o tempo todo, Janete foi se fechando cada vez mais. Os colegas, como consequência, foram se afastando dela. Porém, como Thales era muito popular, a vida do casal era sempre movimentada. Saíam juntos quase todos os dias da semana para reuniões, festas e baladas.

Mesmo fisicamente exausta com aquela rotina, Janete conseguia acordar cedo e dar conta dos afazeres na Universidade e no estágio. Thales, por sua vez, exagerava sempre na bebida. E, geralmente, exibia ares de mau humor e ressaca após as farras. Cochilava com frequência durante no trabalho – até ser flagrado ressonando durante uma reunião com o diretor-presidente da empresa. Resultado: o contrato de estágio dele foi sumariamente rescindido.

O rapaz não pareceu abalado com a perda do emprego. O pai dele tinha amigos influentes e prometera conseguir uma

oportunidade muito mais rentável que aquela da qual ele havia “sido privado”. Até uma nova ocupação profissional surgir, doutor Meireles aumentou a mesada do filho – para que ele não passasse nenhuma dificuldade material – e trocou o carro dele por um modelo “mais apresentável para a sociedade”.

Ainda que recebesse três ou quatro vezes mais que Janete, Thales não contribuía com nenhuma despesa mensal naquele apartamento. O pai de Janete, Seu Demerval, permanecia em uma situação financeira muito difícil. Não bastassem as dívidas da empresa falida, precisou reconstruir a casa onde vivia com a nova família, que foi parcialmente destruída após um caminhão desgovernado bater nela.

Com tudo isso, o dinheiro enviado para Janete foi ficando cada vez mais escasso. Apenas pagava a Universidade, o salário de Maria e o condomínio. A remuneração do estágio de Janete tinha que render, então, não somente para pagar xérox e materiais didáticos, mas, também para as contas de telefone, água e luz, e ainda sobrar para o supermercado.

Nas raras vezes que Thales se propunha a fazer compras, trazia o carrinho repleto de petiscos e bebidas alcoólicas. Janete não falava nada, afinal, era ele quem custeava todas as refeições fora de casa, bem como todas as farras. E não era apenas para a namorada que ele pagava a conta das noitadas. Ao longo da noite, era bem rotineiro que os amigos dele fossem indo embora com desculpas variadas, de modo que quase sempre Thales assumia contas homéricas sem nunca questionar.

Mas que justiça seja feita: se de um lado não comprava itens de alimentação, limpeza e higiene pessoal, de outro, Thales investia pesado em aparelhos elétricos e eletrônicos para o apartamento. Devido ao excesso de peso, estava sempre com muito calor. Para ficar mais confortável, instalou um potente condicionador de ar no quarto do casal.

Após a rescisão prematura do contrato de estágio, o rapaz passou a ter muito tempo vago. Precisava se distrair e, por isso, comprou um televisor de plasma com pOLEDs capazes de ocupar toda a parede do cômodo no qual dormia com Janete, e um videogame de última geração. Depois daquelas aquisições, só saía do quarto para levar a namorada para o estágio ou para ir com ela na Universidade.

Como resultado, houve um significativo aumento no valor da conta de luz. Janete sugeriu uma única vez que Thales ajudasse com essa despesa. Como resposta, ouviu dele algo próximo a “Você está maluca? Olha quanta coisa cara eu comprei para a sua casa. Eu vivo de mesada. Na prática, você ganha mais do que eu. Quem ganha mais, obviamente paga mais”.

Outra consequência do ócio de Thales foi a mudança corporal. Ele saiu do sobrepeso para entrar definitivamente em um grave quadro de obesidade, o que gerou para ele alguns problemas de saúde. Assim que ouviu as primeiras queixas sobre as dores de coluna do filho, Dona Flávia Regina apareceu com uma gigantesca cama boxe ortopédica.

Para fazer o móvel caber no quarto, Janete precisou se desfazer da penteadeira e do armário renascentista que ganhara da mãe ao fazer 13 anos. O guarda-roupa branco com arranjos de flores em afresco foi, então, substituído por um modelo menor, de madeira escura, também escolhido pela sogra. O novo móvel não combinava em nada com a penteadeira que restou como lembrança de Inácia.

Por isso e ainda por Thales “precisar de um espaço com a cara dele dentro daquele apartamento”, Dona Flávia Regina providenciou uma escrivaninha no mesmo tom do armário para ficar no lugar da penteadeira. Janete detestou a nova decoração do ambiente, especialmente depois de Thales colocar inúmeros adesivos vinculados ao movimento estudantil na porta do armá-

rio. Entretanto, evitou emitir qualquer opinião que contrariasse a sogra ou o namorado.

A partir da recomendação do cunhado ortopedista, Thales começou a fazer fisioterapia na região lombar. O fisioterapeuta, por sua vez, indicou um amigo acupunturista que poderia contribuir a questão das dores e com o controle da ansiedade. Uma vez que o plano de saúde de Thales não cobria tratamentos alternativos, Dona Flávia Regina prontificou-se a custear aquelas despesas extras.

Assim, alguns dias antes da data prevista para o pagamento das primeiras sessões de acupuntura, a sogra de Janete emitiu um cheque e o entregou em mãos ao filho. Este correu ao Banco para descontar o documento. Em seguida, foi a uma loja de jogos e usou o dinheiro do tratamento para desbloquear seu videogame novo.

Janete somente ficou sabendo daquilo quando Thales começou a demonstrar nervosismo por não ter recursos para pagar o profissional que lhe aplicava semanalmente as agulhadas. “Janete, nem me olhe com essa cara. Você sabe quanto custa um jogo original? Com o destrave, eu economizei uma fortuna”, justificou, antes ligar para a mãe e pedir mais dinheiro.

Ao chegar à casa de praia dos sogros naquele fim de semana, Janete estranhou o tratamento frio que recebeu de Dona Flávia Regina. Como estava muito cansada, não deu importância àquilo. Julgou que estaria tendo uma má impressão em razão da indisposição que sentia e passou bastante tempo deitada no quarto. Na semana que se seguiu, o cansaço continuou e, várias vezes, a jovem tentou arrumar desculpas para não ter de acompanhar Thales em algumas baladas.

Fosse somente o sono, estava bom. Problema maior era aquela azia que a estava maltratando. Um colega de trabalho dela afirmou que vinha há meses tendo os mesmos sintomas. Havia ido ao médico, e este afirmou que se tratava de uma gastrite mo-

tivada por estafa. Contou que estava seguindo a recomendação médica e, para relaxar, começou a correr as terças e quintas-feiras, além de tomar uns polivitamínicos.

Janete avaliou sua situação atual. Em casa, as coisas não andavam fáceis desde que Thales discutira com Maria. Esta, magoada, pediu demissão. Por falar no companheiro, o rapaz andava muito irritado, reclamava de tudo e provocando brigas por qualquer motivo. Na Universidade, um novo período letivo havia começado, e os professores novos se mostravam muito exigentes. No trabalho, assumia cada vez mais responsabilidades. Para piorar, as contas de casa começavam a se acumular.

Temendo se prejudicar em função de um momento de estresse, resolveu procurar ajuda médica. A profissional que a atendeu na clínica ouviu o relato dela e passou uma longa lista de exames de rotina. No dia seguinte à consulta, Thales a levou ao laboratório e depois a deixou em uma clínica – não sem antes atestar que seria uma mulher, e não um médico ou técnico, a pessoa responsável por examinar a namorada dele.

Thales estava atrasado para uma entrevista de estágio e havia algumas pessoas na fila para serem atendidas antes de Janete. Desta forma, o combinado foi o de ela ligar assim que estivesse liberada para que ele fosse buscá-la. No consultório, desejou que ele estivesse presente quando a imagem do útero dela, na ultrassonografia de abdômen total, sugeriu a presença de um saco embrionário.

“Ainda é um pouco cedo para eu afirmar com 100% de certeza, mas, pelo que estou vendo aqui, acho que você vai ser mamãe!”, anunciou. Janete ficou em estado de choque por alguns segundos. Thales havia dito a ela que era estéril, por isso o casal nunca havia se preocupado com métodos contraceptivos. Lembrava-se de ele ter contado sobre uma “papeira” que teria “descido” para o saco escrotal.

Uma gravidez não era, então, algo possível. Atordoada, sentou-se em uma cadeira plástica da recepção. Com a agenda na mão, pôs-se a fazer as contas e se assustou porque a menstruação realmente estava há algum tempo atrasada. Movida por impulso, foi de táxi ao laboratório onde havia feito os exames de sangue no início daquela manhã e se submeteu a um Beta HCG.

Após a coleta de sangue, tentou inúmeras vezes telefonar para o namorado, mas o dispositivo móvel permaneceu desligado por várias horas. Como estava desde a noite anterior em jejum, começou a ficar tonta. Lanchou um salgado qualquer e mandou um torpedo para Thales, avisando que voltaria para casa de ônibus. Estava certa de que a bateria dele tinha arriado, mas que ele veria a mensagem assim que entrasse no carro e colocasse o celular para carregar.

Dixou para falar da suspeita da gravidez pessoalmente, mesmo porque o resultado do exame sairia ainda naquele dia, às 17 horas. Foi somente por volta das três horas da tarde que Thales ligou para Janete. Pediu desculpas pela demora, explicando que encontrou Inácio ao sair do processo seletivo do estágio. O “cara” era um grande amigo do tempo do colégio, e Thales foi com ele a um bar “tomar uma cervejinha”.

Explicou ainda que estava indo buscar Janete na clínica quando viu o recado dela. Resolveu então almoçar na rua, tomar mais umas geladas e botar o papo em dia com aquele “brother”. E, sem dar oportunidade para a namorada falar qualquer coisa, disse antes de desligar: “Não se preocupe que logo estarei em casa”.

Chegou perto das 18 horas. Estava alcoolizado a ponto de não conseguir dizer “coisa com coisa”. Evidentemente que não existia nenhuma possibilidade de ele ir buscar o resultado do exame. Muito menos de conversar sobre o assunto de tamanha gravidade. Janete resolveu esperar pelo dia seguinte. Faria Thales levá-la à clínica assim que ele acordasse.

Porém, não foi bem assim que as coisas ocorrem. Janete levantou antes do raiar do dia e aguardou pacientemente que ele acordasse. Perto das nove horas da manhã, chamou-o algumas vezes. Sacudiu-o primeiro de leve, depois com força. Entretanto, a única coisa que conseguiu dele foi um ou dois roncões mais barulhentos.

Thales, aos sábados, geralmente não levantava antes do meio-dia. Ciente disto, Janete chamou um mototáxi. Após pegar o resultado, tomou um ônibus para voltar para casa e sentou em um dos poucos assentos vazios. Só pretendia abrir o envelope quando chegasse em casa. Contudo, a curiosidade fez com que ela lesse a seguinte frase: “Resultado compatível com gravidez”.

O café da manhã que tomara começou a refluir entre o estômago e a garganta. Desnorteadá, desembarcou no terminal de integração apenas porque outras pessoas também o fizeram. Movida ainda por impulso, pegou um segundo ônibus qualquer. Desceu em um ponto que ficava em frente a um grande hotel da orla marítima.

Caminhou sem rumo e, ao dar-se por si mesma, estava na região dos lagos da orla, simpática área de lazer construída a preços exorbitantes pelo Governo de Sergipe alguns anos antes. Sentou-se embaixo de um coqueiro com o resultado do exame amassado entre os dedos. Pranteou desalentada por muito tempo.

O corpo tremia tanto de desespero que Janete não percebeu o celular vibrando insistentemente no bolso traseiro da calça. Quando finalmente notou que o telefone tocava, já se acumulavam em tela mais de 18 ligações perdidas. Apertou o botão verde para aceitar a chamada e, antes de conseguir dizer qualquer coisa, foi obrigada a escutar desaforos e acusações que duraram até Thales se dar conta do estado deplorável no qual Janete se encontrava.

Ele, então, baixou a voz e, demonstrando alguma preocupação, perguntou o que estava acontecendo e qual era a locali-

zação dela. Apesar de a distância entre o condomínio de Janete e o local onde ela estava ser inferior a cinco quilômetros, Thales levou quase duas horas para conseguir encontrar a namorada. Justificou a demora com um “Você sabe que preciso fazer cocô antes de sair de casa”.

Ela nem conseguiu dar atenção ao ridículo daquela explicação. Limitou-se a entregar para ele o documento do laboratório que atestava a gravidez. O rapaz pegou o papel, leu, suspirou, abraçou-a e, com voz firme, determinou: “Vamos para a casa”. O desgaste emocional havia sido tão grande que, lá chegando, ela se deitou na cama, fechou os olhos e, quando voltou a abri-los, viu o sol se pondo pela janela aberta do quarto.

Com certo esforço, apoiou-se em um travesseiro e tomou um susto quando percebeu Thales observando-a. Ignorando o temor causado na namorada, o rapaz se levantou da cadeira onde estava sentado e esticou as mãos. Na esquerda havia uma cartela prateada com quatro comprimidos, na direita um copo de água. Janete quis saber o que era aquilo e ele respondeu secamente: “*Cytotec*”.

Janete arregalou os olhos. Recordou que no movimento feminista muito ouvira falar sobre o direito da mulher ao próprio corpo, e ainda sobre o uso de medicamentos como aquele para finalidades abortivas. Nunca fora religiosa, mas não apreciava a ideia do aborto, que era, conforme os artigos de 124 a 126 do Código Penal do período, considerado crime em circunstâncias como aquela.

Certamente, não havia ficado feliz com a ideia de ter um filho naquele momento. Ainda estudava, trabalhava como estagiária e dependia financeiramente do pai... Entretanto, havia outra vida ali. Janete não queria fazer nada que pudesse gerar nela algum tipo de arrependimento. Puxou o ar como quem inspirava coragem e, com voz trêmula, afirmou: “Eu não vou tomar essa coisa. Pelo menos não agora”.

“Você está acreditando mesmo que eu vou apoiar isso? Que vou casar com você como querem os meus pais? Não. Eu não vou. Nunca quis ter filhos e nem constituir família. Se quiser continuar comigo, vai ter que tomar esse remédio. Isso ou saio agora por essa porta e você vai arcar sozinha com essa situação que armou nas minhas costas. Isso foi traição. E eu só posso perder esse golpe baixo se você mostrar que está arrependida. Então tome logo essa merda”, gritou Thales, trazendo ódio no olhar.

Janete puxou com força o ar que lhe faltava no peito. Por alguns segundos, viu o rosto de um bebê em sua frente e aquela alucinação deu a ela coragem. Com violência, bateu o braço direito na mão dele, de modo a arremessar para longe os comprimidos. “A porta da rua fica logo ali”, apontou ela decidida.

Para surpresa dela, Thales não saiu. Em vez disso, ajoelhou-se na cama e começou a choramingar como uma criança desamparada. Janete ficou desconcertada com a situação e, em um impulso, aproximou-se para tentar ajudá-lo. Ele a afastou com rispidez, formulando frases que, para ela, não possuíam a menor lógica:

“Como você pode fazer isso comigo, Janete? Eu amei tanto você e você me traiu. Quem é o pai dessa criança? Você sabe que não posso ter filhos. É do Caio, não é mesmo? Esse filho é do Caio? Por que, Janete? Por que você me traiu?”, questionava enlouquecidamente.

Janete, abalada que estava com toda a situação, teve ainda que consolar o namorado, repetindo diversas vezes que nunca o traíra, que não havia a menor possibilidade de o bebê não ser dele. Tentou ainda apelar para a racionalidade, perguntando se algum médico tinha avaliado-o e afirmado que ele não podia ter filhos ou se ele simplesmente deduzira aquilo a partir de uma crença popular.

Estava tão segura nos argumentos que o rapaz pareceu se acalmar. Parecendo recobrar a razão, Thales a abraçou e pediu

perdão por ter agido daquela maneira. Garantiu que a amava e que não queria perdê-la, mas que havia ficado fora de si com a possibilidade de ela ter ficado com outro homem. Pouco depois, foi contraditório afirmando que provaria seu amor por Janete se casando com ela e assumindo aquele filho como se fosse dele. “Como assim como se esse filho fosse seu? É seu filho! Que tipo de pessoa você acha que eu sou? Eu nunca traí você”, reiterou, empurrando-o.

Thales, com fisionomia perturbada, explicou: “Somente um exame de DNA vai poder provar que você está falando a verdade. Eu peço a você apenas que não comente com ninguém sobre a gravidez enquanto não fizermos esse exame. Eu não quero fazer papel de otário novamente. A Ester me traiu. E mais de uma vez. Meus pais souberam. Eu não vou aguentar eles me vendo como um completo idiota novamente”, confessou, com a voz marcada pela vergonha.

Janete concordou com aquele disparate mais para que ele permanecesse calmo do que por qualquer outra razão, prometendo que faria o teste de paternidade para tranquilizá-lo. Sugeriu então que ambos fossem se deitar, mesmo sabendo que não conseguiria dormir. Já era dia quando ela conseguiu finalmente cochilar. Contudo, foi somente fechar os olhos por alguns minutos que o telefone começou a tocar. Era a sogra, convidando o casal para um almoço de domingo na casa de praia.

Sabia que não estava em condições de participar de uma refeição em família depois daquele sábado tortuoso, e ia declinar do convite. Porém, quando Dona Flávia Regina falou do escondidinho de macaxeira com charque e queijo que havia preparado, Janete teve um *insight*: aquela poderia ser uma boa oportunidade para colocar em pratos limpos toda a história sobre a papeira de Thales. “Pode deixar que estaremos aí antes do meio-dia”, avisou.

O longo caminho para chegar à casa de praia foi feito imerso no mais enlouquecedor silêncio. Thales somente o quebrou uma vez, para, de forma grosseira, lembrá-la da promessa de não contar nada sobre a gravidez até eles terem em mãos o resultado do teste de DNA. Janete movimentou a cabeça em concordância, certa de que aquela que seria uma tarde extremamente difícil para ela.

Mas bastou ao casal se aproximar da entrada da casa para o humor de Thales mudar. Ele abraçou a namorada e começou a tratá-la com muito mais carinho que o normal. Evidente que a jovem estranhou aquele rompante de afeto, especialmente depois de tudo o que havia ocorrido na noite anterior.

Fato era que, durante quase todo o tempo em que o casal esteve na presença dos sogros, Thales foi extremamente afetivo e não desgrudou dela. Houve apenas um momento no qual ele se afastou, para ir ao banheiro. Janete não teve dúvidas: puxou Dona Flávia Regina para um canto e perguntou sem rodeios se algum médico ou exame tinha atestado que Thales não podia ter filhos.

A sogra tomou aquilo com espanto. Não havia sido o Thales, mas, sim, o filho caçula, Thiago, quem contraíra a doença. E, mesmo assim, um espermograma já havia comprovado que “a virilidade do menino estava intacta”. Janete mostrou-se satisfeita com tal resposta, especialmente porque o namorado entrou na sala a tempo de ouvir a explicação dada pela própria mãe.

Passou o resto do dia mais tranquila e feliz, brincando com os sobrinhos gêmeos e dando aquele assunto como encerrado. Todavia, ao retornarem a sós para casa, não somente a frieza de Thales, como também a questão da traição, voltou à tona.

“Namorei dois anos a Ester, e ela nunca engravidou. Não engravidou, mas me traiu. E o fato de ter sido o meu irmão quem teve a papeira não isenta você de ter dormido com outro homem. É para ter certeza de que esse filho é meu que eu preciso do DNA.

Você compreende isso, não é mesmo?”, questionou, com ar de profunda tristeza.

Não, Janete não compreendia. Ficava enojada somente de pensar que ele era capaz de imaginar algo assim dela, ainda mais convivendo sob o mesmo teto que ela já há algum tempo. Na medida em que Thales aumentava o tom de voz e gritava calúnias das mais absurdas, Janete chorava inconsolavelmente. Mas nem o desespero dela parecia aplacar a fúria de Thales:

Ele repetia aos berros que Janete o sacaneara de qualquer forma. Ou de fato, engravidando de outro homem, ou armando para prendê-lo em um casamento. Após estacionar o carro na vaga do apartamento de Janete, Thales exigiu que ela “engolisse o choro”. “Guarda o seu cinismo bem guardado, porque eu não vou aceitar você se fazendo de vítima para nenhum vizinho. Eu é que levei chifre, e da forma mais vil e covarde possível”.

Com a voz saindo pelas frestas dos dentes serrados, ele avisou que era para inventar que alguém tinha morrido se algum conhecido cruzasse com ela na escada e reparasse naquela cara de enterro dela. Ou isso ou ele faria um escândalo no condomínio, anunciando a todos que Janete não passava de “uma puta que ficava posando de santa do pau oco”.

Por sorte, não encontraram com ninguém nas escadas ou no corredor. Janete chegou tão abalada em casa que tomou um longo banho e, ao atestar que Thales havia saído, deitou e dormiu. Foi acordada no meio da madrugada pelo companheiro. Visivelmente embriagado, ele dizia ter pesquisado e descoberto que era melhor esperar passar o primeiro trimestre da gravidez para fazer o exame de paternidade.

“Se esse filho for realmente meu, não quero que ele seja prejudicado”, falou com voz embolada antes de se jogar para o lado dele na cama e começar a ressonar. Janete ficou refletindo em vez de voltar a dormir. Ora tinha raiva do Thales; ora, pena.

Raiva por ele desconfiar dela e agredi-la verbalmente de forma tão injusta. Já a pena vinha sempre que ela tentava se colocar no lugar dele.

Dentre os múltiplos pensamentos desordenados, cogitou que, talvez, fosse melhor deixá-lo ir embora de uma vez. “Mas o que eu diria a meu pai?”. Seu Demerval já tinha se colocado contrário àquela relação. Achava que Janete e Thales haviam se precipitado ao começarem a morar juntos antes de concluírem a graduação ou sem “um emprego de verdade”.

Ademais, o sogro de Thales julgava que o rapaz não passava de um “filhinho de papai irresponsável”. Janete defendera o relacionamento deles. Já era maior de idade e tinha o direito de decidir sozinha o que queria. Demerval rebateu, tentando fazer valer a autoridade paterna. O conflito chegou ao clímax quando Janete acusou o pai de não ter moral para se meter na vida dela:

“Você se preocupou comigo quando me largou sozinha na Capital para ir viver com uma garota que mal conhecia? Não! Então, continua vivendo a sua vida e deixa eu viver a minha em paz”. Magoado com aquelas palavras ditas da boca para fora em um momento de descontrole, Demerval garantiu que Janete sofreria amargamente as consequências daquela escolha equivocada. Afirmou estar decepcionado e que esperava que “o tal Thales” valesse ao menos a dor de cabeça que havia causado naquele momento.

Após essa briga, pai e filha ficaram por algum tempo sem falar um com o outro. Como ela poderia voltar atrás, pedindo perdão agora, reconhecendo que errara e mostrando-se abandonada e, de quebra, grávida? O orgulho não permitiria que ela fizesse tal coisa. O pai morreria de desgosto. Além disso, não queria levar a gestação com a “pecha” de mãe solteira.

Passaria ainda por muito mais constrangimento se Thales espalhasse intrigas a respeito dela. Fora que sozinha não teria condições de concluir a faculdade. Possivelmente, seria obrigada

a aceitar um subemprego qualquer para custear leite e fraldas. Teria, ainda, pouco tempo para o filho, que cresceria cuidado por estranhos em escolas de bairro com qualidade de ensino duvidosa. Não. Ela engoliria o que fosse preciso, mas não teria aquela criança sozinha.

Thales só estava inseguro diante de questões emocionais e traumas mal resolvidos, mas não era uma pessoa de índole ruim, Janete cria. Mesmo com todas as maluquices, ele desejava um mundo melhor, mais justo e solidário. As bebidas e as atitudes infantis eram somente uma forma de chamar a atenção. No fundo, era uma criança desamparada e triste. Os problemas de insegurança tinham muito a ver com as dores de ter sido rejeitado pela mãe.

Veza por outra, ele voltava a tocar no assunto, sempre com voz sufocada. “Minha mãe engordou muito na minha gravidez e se manteve gorda após o meu nascimento. Vivia preocupada com a possibilidade de perder meu pai para mulheres mais interessantes, aí ela fez uma dieta absurdamente restritiva. Quando o leite dela secou, ela marcou uma cirurgia para levantar a mama. Minha mãe não me pegou no colo nem me amamentou mais por pura vaidade, Janete. Com o Thiago isso não aconteceu. Mesmo com o risco de o peito cair de novo, ela amamentou meu irmão até ele fazer dois anos”.

Como não ter pena de uma criatura que via o mundo assim, como uma vítima rejeitada pela própria mãe? Janete tentou ajudá-lo, assumindo uma postura maternal para com o namorado, pois sabia exatamente como era se sentir desprezada por uma mãe vaidosa e leviana. Aquilo também os unia. Estava certa de que um poderia se apoiar no outro e ambos superariam os traumas de infância.

Janete era uma otimista. Acreditava, também, que Thales logo cairia em si, assumiria o próprio filho e eles formariam uma

família feliz. Aqueles pensamentos a confortaram a ponto de fazerem com que ela adormecesse e tivesse bons sonhos. Foi acordada mais uma vez pelo namorado no meio da madrugada. Ele trazia lágrimas nos olhos.

Pedi desculpas por tudo o que fizera no dia anterior e implorou que ela compreendesse a situação que ele estava vivendo. Desejava somente que ela o apoiasse e escondesse a gravidez por um curto espaço de tempo. “Talvez em mais umas semanas eu consiga lidar com tudo isso. Às vezes, acho que estou enlouquecendo, Janete. E preciso de você...”, começou.

“Você não faz ideia das coisas horríveis que passam na minha cabeça antes de eu brigar com você. Eu não consigo controlar... Depois eu me sinto mal, porque eu amo você e amo também o nosso bebê. Mas o medo e os ciúmes tomam conta de mim. Daí, eu fico irracional. Eu não quero ser essa criatura que faz mal a você ou ao meu filho. Eu não quero ser um pai ruim para o meu bebê”, desabafou aos prantos.

Emocionada, Janete garantiu que ajudaria no que fosse preciso para ele ficar bem, e afirmou que esperaria as coisas se resolverem na mente dele antes de anunciar a gravidez. Lembrou-o de como ele era bom com crianças, do quanto ele gostava de brincar com os sobrinhos como se dissesse: “Você somente tem que aceitar o fato de que precisa amadurecer para se tornar um bom pai para seu filho. Aí, então, tudo estará resolvido”.

A semana teria passado em paz após esta conversa não fosse uma triste situação ocorrida com Thalita. A cunhada de Janete marcou um jantar para celebrar a descoberta de que o casal teria um terceiro filho. Infelizmente, os gêmeos Ricardo e Rafael não tiveram tempo de entender o que seria ter um irmãozinho. No dia anterior ao jantar, Thalita foi organizar o guarda-roupa. Durante a arrumação, encontrou um filhote de rato entre os edredons.

O pavor foi tão grande que caiu da cadeira usada como escada. Em razão da queda, sofreu um aborto. Janete enxergou naquilo mais uma razão para não comentar sobre a própria gravidez. O problema é que os peitos dela estavam visivelmente aumentados. O próprio ventre já dava os primeiros sinais de crescimento. Como faria para esconder o embaraço por mais alguns dias ou semanas?

Lembrou-se amedrontada de uma história que acompanhara ainda menina: a de Geralda, esposa do carroceiro Tonho, que trabalhava como lavadeira para Dona Inácia no Interior. Aquela senhora – que sempre cheirava a sabão de coco – engravidou enquanto o marido fazia uma longa viagem para São Paulo. Para evitar o falatório, comprimiu a barriga com cintas tão apertadas que o povo somente soube da gravidez dela quando começaram as dores do parto.

Danilo, o bebê, nasceu com deformidade física e severas limitações psicomotoras. Janete atribuía a má formação do menino à maneira como aquela gestação havia sido escondida. E desejando não viver com culpa caso algo assim ocorresse com o filho dela, decidiu que ganharia um pouco de peso com o intuito de esconder a gestação. Mergulhou então em ritmo alimentar exagerado, quase acompanhando a ingestão calórica diária de Thales.

Em menos de duas semanas, conseguira engordar quase cinco quilos. Alegava um distúrbio hormonal qualquer para justificar a gordura acumulada em tão curto espaço de tempo. O companheiro, por sua vez, mostrava-se completamente instável em relação à gravidez de Janete. Havia momentos em que até fazia planos para o filho. Todavia, mal terminava uma frase de cunho positiva, voltava a acusar Janete de traição para, em seguida, se mostrar choroso e arrependido.

Ela nem tentava mais defender a própria honra. Já havia compreendido que falar qualquer coisa somente piorava o estresse do namorado. Assim, toda vez que ele começava com aquele

discurso, Janete se calava ao máximo e desabava no choro. Silenciar diante de uma injustiça daquelas era quase tão terrível quanto não poder desabafar com ninguém sobre tal situação. Contudo, como poderia confessar para um familiar ou colega de trabalho que o namorado desconfiava dela?

Se o homem com quem dividia a cama e as intimidades não acreditava na dignidade dela, quem mais acreditaria? Fora que por causa de Thales, brigara não apenas com o pai, mas, também, se afastara dos colegas de faculdade. As pessoas que, de alguma forma, se aproximavam dela, segundo Thales, tinham sempre algum interesse escuso ou severos desvios de caráter.

Para evitar brigas e discussões desnecessárias, Janete passou a se esquivar de todos. Somente falava o essencial e prestava contas de tudo o que fazia para o companheiro. Mesmo atividades simples, como sair do apartamento para pegar uma correspondência na portaria, eram relatadas para Thales. Já começava a aprender a arte de demonstrar contentamento, mesmo se sentindo muito desesperada. Isso era necessário, até porque o namorado dela reunia sempre colegas para beber no apartamento.

E aí de Janete se não estivesse sempre de bom humor. Caso alguém notasse a tristeza dela, era obrigada a passar o resto da madrugada ouvindo o quanto ele estava de saco cheio de vê-la se fazendo de coitadinha, que iria abandoná-la e todo mundo saberia a puta que ela havia sido por engravidar e tentar empurrar um filho bastardo para ele.

Janete alegava então “excesso de amor” quando era questionada sobre como conseguia demonstrar satisfação em organizar petiscos, gelar bebidas, aturar os amigos dele madrugada adentro e, no dia seguinte, limpar o vômito espalhado antes que o Thales acordasse ressecado. Estava tão acostumada a tudo aquilo que estranhou ter direito a um pouco de paz tão logo o namorado foi contratado para um estágio na empresa de um tio dele.

Doutor Ariosto Meireles, pai de Thales, atribuía as negativas de trabalho que o jovem recebia à sua falta de experiência. Acertou com o irmão empresário que pagaria o salário do próprio filho, mas exigiria que ele trabalhasse em um horário rígido, sem nenhuma regalia. Após muita reclamação, o rapaz acabou por demonstrar gosto pelo ofício a ponto de mudar o próprio comportamento. Parou de beber nos dias de semana, passou a acordar cedo, vestir-se melhor e, repentinamente, começou a papparicar a barriga de Janete.

Um dia, avisou que a buscaria mais cedo no escritório, pois queria que ela se arrumasse para um jantar importante. Janete acreditou que era alguma comemoração no trabalho dele e usou um dos poucos vestidos arrumados que ainda cabiam nela. Ao chegar ao restaurante, foi surpreendida com a presença do pai dela, da madrastra, dos sogros, dos cunhados e de todos os demais agregados da família.

Thales, irradiando felicidade, anunciou a um só tempo o noivado e a gravidez do casal. O casamento seria modesto, mas aconteceria ainda no final daquele mês. Surpresa, Janete chorou de felicidade. O jantar ocorreu em uma noite de quinta-feira. Algumas horas depois, na madrugada da sexta para o sábado, Thales acordou Janete.

Avisou que Sergivaldo, um grande amigo de infância, viria para a casa de praia dos pais dele passar uns dias. “Amanhã cedo, vou levar umas roupas para ficar essa semana lá e me divertir com ele, como nos velhos tempos. Será uma despedida de solteiro, por isso não quero que você vá. Já contratei prostitutas gostosas para uma boa festa. E nem faz essa cara. Você me deve isso, porque estou assumindo você e esse seu filho numa tacada só”.

Janete nunca havia sido tão injuriada. Mais de uma vez, jurou que nunca havia ficado com outro homem, que o bebê que carregava era dele. Afirmou que faria o teste de paternidade

assim que fosse seguro para a criança e que ele ia se arrepender de tudo o que vinha dizendo ao tempo em que Thales a xingava de vagabunda e de outros nomes piores, mandava-a parar “com os choramingos” e ficar quieta.

Aos berros, ameaçava: se ela não se calasse, ele sairia para dormir fora de casa. E se saísse, não mais voltaria, porém avisaria a todos “sobre a escrotice” que ela havia feito. Janete mordeu o travesseiro para abafar os soluços durante longas horas insones. Acordou enjoada com o cheiro do perfume do noivo invadindo o quarto. Uma sacola com roupas estava sobre o pé da cama. Gaguejando, ela perguntou o que era aquilo.

“Não se faça de idiota, porque eu avisei que passaria o fim de semana com o Sergivaldo”, respondeu secamente, enquanto terminava de abotoar a camisa. Janete, perdendo toda a noção de amor-próprio, jogou-se aos pés de Thales, implorando para que o companheiro não saísse. Furioso com aquela cena, ele a empurrou gritando: “Sai da minha frente ou eu arrebeno você”.

Janete instintivamente se encolheu, protegendo ao máximo a barriga. Somente pode sair daquela posição quando ouviu a porta da sala ser batida com violência. O desespero dela era tamanho que não conseguia respirar. O rosto estava vermelho e inchado. O nariz não parava de produzir secreção. Arrastou-se pelo boxe do banheiro e, sem se despir, abriu o chuveiro.

Passando a mão freneticamente sobre a barriga molhada, pediu perdão ao filho. “Seremos somente nós dois, meu bebê. Mas eu prometo te amar muito”. Após algum tempo no banho, vestiu uma roupa seca e foi fazer um chá de camomila para tentar se acalmar um pouco. Observava as primeiras bolhas de água se formando nas paredes do fervedor quando o interfone tocou. Era Cibele.

A ex-colega de graduação soube da gravidez e veio fazer uma visita para a “futura mamãe”. Janete tentou fazer a melhor expressão possível ao abrir a porta, mas a colega foi direta: “Al-

guém morreu, criatura? Que cara de velório é essa, amiga?”. A gestante voltou a chorar, conseguindo apenas dizer que ela e Thales haviam brigado. A revolta de Cibele era evidente.

“Olha, o Thales fez muito mal para a Ester. Você provavelmente não soube por que se afastou da gente quando aconteceram aquelas coisas lá no DCE... Eu troquei o horário na Universidade semestre passado, mas, mesmo sem termos contato ultimamente, eu quis alertar você. A Louise é que disse para eu não me meter. Talvez seja um pouco tarde para eu avisar, mas seu namorado não é boa coisa não...”, afirmou.

La continuar, entretanto, notou que aquela conversa não estava ajudando em nada. Cortou o assunto entregando um pequeno embrulho para Janete: “Tome. É para o meu sobrinho ou sobrinha”. Pela primeira vez, desde que Cibele entrou no apartamento, Janete sorriu. Desembrulhou com cuidado o pacote e se emocionou ao ver os chinelinhos.

“É o primeiro presente que meu filho ganha. Tudo está tão tumultuado que não arrumei tempo para comprar nada”, confessou a futura mamãe. Cibele perguntou quantos meses faltavam para o parto e se espantou ao ouvir que o bebê não tinha sequer um pacote de fraldas, mesmo que a gravidez já estivesse quase pela metade.

O espanto da estudante somente foi maior quando esta soube que Jante sequer tinha feito uma consulta médica desde que descobrira a gravidez. “Amiga, que loucura é essa? Você não é nenhuma ignorante. Precisa marcar urgentemente esse médico! Por que diabos você ainda não está cuidando dessa criança?”, perguntou.

Pela primeira vez, a gestante esteve tentada a contar para alguém o que vinha passando. Mas, foi apenas cogitar abrir a boca, e o telefone celular dela tocou. Era Thales, desesperado, arrependido do que havia feito e repetindo que a amava. Avisou que estava voltando para pegá-la, que eles deveriam sair para

conversar e que ele precisava urgentemente do perdão da companheira ou enlouqueceria.

Com a sensibilidade à flor da pele, Janete começou a soluçar e explicou para Cibele que ele estava voltando para casa e pretendia fazer as pazes. “Olha, Janete, desculpa a sinceridade, mas não vou esperar esse cara chegar. Eu sou sua amiga, então saiba que pode contar comigo e com a Louise para qualquer coisa”, garantiu, antes de dar um abraço apertado em Janete e ir embora.

Thales apareceu com olhos inchados. Assim que Janete entrou no carro, ele se desculpou milhares de vezes. Jurou que nunca havia ameaçado ninguém antes, e se autodenominou de monstro por ter feito algo tão terrível contra “a mulher da vida dele”. Trazendo a voz embargada, garantiu que nunca mais duvidaria da honra de Janete, e prometeu que faria tudo para que eles, mãe e filho, fossem sempre muito felizes dali por diante.

Dito isso, o rapaz enxugou o rosto e, com um olhar subitamente radiante, mudou o tom e apresentou novos planos: “Vamos encontrar o Sergivaldo. Você não vai acreditar, mas ele veio do Recife com uma namorada. Logo ele, que jurava de pé junto que nunca ia se amarrar a ninguém... O nome dela é Natália. Ela, a Nat, está doida para conhecer você. Foi bom ele vir com ela, porque poderemos fazer vários programas de casal”.

Janete se assustou com aquela mudança repentina. Como em um minuto ele podia chorar arrependido e no outro planejar um passeio de casais? Pensar naquilo deixava-a ainda mais instável. Talvez fosse melhor esquecer toda aquela briga, bem como a história das prostitutas. A gestação dela precisava de paz. Importaria somente o fato de Thales estar arrependido e disposto a nunca mais repetir aquela conduta.

O filho dela teria um pai. Ela não envergonharia a família. Ninguém apontaria para ela na rua, afirmando que era uma vagabunda. Janete não seria criticada ou recriminada por ser

mãe solteira naquela sociedade machista em que vivia. Respirou profundamente, decidida a passar o fim de semana de forma alegre e divertida.

E mais celebração viria, pois, após seu próprio casamento, os sogros dela completariam 35 anos de união. Dona Flávia Regina não falava em outra coisa que não fosse relativa às bodas de coral. Tudo já estava praticamente organizado para a festa que reuniria a fina nata da sociedade sergipana: o melhor salão de festas havia sido reservado há meses; o mais requintado *menu* devidamente escolhido no *Buffet* mais renomado da cidade; e prestigiados decoradores de São Paulo contratados.

Até para não ofuscar o brilho da comemoração planejada cuidadosamente pela sogra, a cerimônia no cartório que formalizava o novo estado civil de Janete e Thales se deu sem grandes estardalhaços. Houve uma nota sem foto em uma coluna social de um jornal de pouco destaque e um almoço com a família, como tantos ocorridos na casa de praia.

Dias depois, Janete conversava virtualmente com Cibele por meio de um programa de bate-papo virtual muito usado naquele ano de 2007, o MSN. Pedia conselhos sobre o que vestir nas bodas dos sogros quando uma segunda janela de comunicação apareceu na tela do computador. Era Ricardo, colega de escola de Janete, informando que a turma marcaria um encontro para celebrar os três anos de formatura no científico, modo como era popularmente chamado o antigo ensino médio no País.

Ao Perceber que a companheira conversava com um homem pelo MSN, Thales teve mais um ataque de ciúmes. Chamou Janete dos nomes mais impronunciáveis de forma furiosa. A expressão de descontrole dele era assustadora: os glóbulos oculares pareciam querer saltar da órbita e o rosto contraía-se em espasmos múltiplos. A grávida, de início, tentou explicar a situação.

Mas eram tantos gritos que tudo ao redor dela começou a rodar. As vistas escureceram. Quando voltou a enxergar, encontrou-se em um ambiente de paredes brancas com detalhes em verde. A dor de cabeça era tanta que ela custou a perceber o soro sendo injetado no próprio corpo através da mão esquerda.

Agitada, apertou o botão de emergência pendurado ao lado da cama para que alguém viesse explicar o que estava acontecendo. Assim que a sirene hospitalar soou, Dona Flávia Regina surgiu, assoprando um copinho plástico. “Que susto que você nos deu. Felizmente, meu neto está bem, mas você precisará parar de bater perna se quiser mesmo levar essa gravidez adiante”, falou, antes de bebericar o café quente.

“Por que estou aqui? O que houve com o meu bebê?”, falou Janete demonstrando muita ansiedade. A enfermeira que entrou no quarto esclareceu a situação de forma gentil. “Seu filho está bem, fora de perigo. Só que você vai precisar ficar mais um tempinho aqui porque perdeu algum sangue. Amanhã, o doutor Marcos Cláudio passará para ver como você está e, se for possível, dar a sua alta. Até lá, aproveite para descansar um pouco mais”.

A grávida sabia que precisava repousar. O corpo doía em tantas regiões diferentes que ela não conseguiria enumerar. O pior, entretanto, era recordar-se de tudo o que se passara. Desejando se livrar de tais lembranças, dormiu sonhos intranquilos melhores que a realidade. Thales chegou por volta das 20 horas, precisamente quando uma enfermeira aplicava uma medicação venosa para diminuir as contrações. Deu um beijo na testa de Janete e avisou que ela não precisaria se preocupar com mais nada.

“Já levei seu atestado na Universidade. E meu pai conversou com o seu patrão pessoalmente. O doutor Tertuliano garantiu que sua vaga será preservada: você vai receber seu salário mesmo que precise se afastar por uns meses. Ah, seu pai também está

vindo. Eu tentei explicar para aquele cabeça dura que não havia necessidade dele se meter em estrada, já que você e o bebê estão bem. Mas ele mandou avisar que chegará amanhã de manhã”, falou, com um olhar traiçoeiro.

Assim que a enfermeira e a sogra saíram do quarto, Thales segurou a mão de Janete com mais força do que deveria: “Eu falei a todos que você escorregou na rua, enquanto comprava coisas para esse seu filho aí. Não quis brigar, mas você fica me provocando o tempo todo. Olhando, ninguém diz a vagabunda que você é... Parece uma santa com esse seu ar angelical fingido. Olha, você até pode enganar os outros, mas não me engana não. Então me diz: o cara no bate-papo... É ele o pai dessa merda que você está esperando, não é?”.

“Você é o pai”, tentou dizer entre singultos. Porém, Thales não parecia interessado nas palavras de defesa que ela tentava proferir. Tanto que continuou o monólogo: “Eu sou uma pessoa boa, Janete. Estou disposto a assumir esse bastardo e tudo mais. Prova disso é o nosso casamento. Mas eu não vou aceitar você me sacaneando pelas costas. Você tem que decidir. Se você quiser ficar com ele ou puteando por aí, eu deixo. Basta você me falar. O que eu não quero é fazer papel de idiota novamente”.

A jovem não tinha forças para entrar naquele surto. Via a face transtornada do namorado apavorada com o fato de ele realmente parecer acreditar em tudo o que dizia. Se estava sofrendo, ela sofria duplamente: além de ser injustiçada, via-se impotente para ajudá-lo. Analisando a situação, teve certeza de que aquele homem que a acusava não passava de uma alma-perdida.

Era ainda mais sozinho do que ela, mesmo vivendo sempre no meio de uma multidão de amigos. Janete observara isso meses antes, quando ele foi operado às pressas de apendicite. No primeiro dia, alguns colegas ainda telefonavam, chamando-o para beber. Ao receberem a notícia da cirurgia – e da necessidade de

repouso por pelo menos 15 dias –, os companheiros de cachaça desapareceram por completo.

O rapaz não recebeu uma visita sequer, nem enquanto esteve internado, nem durante o período em que ficou de licença médica em casa. Acabrunhado, passou aquelas duas semanas de repouso forçado distraído com o videogame. Janete propôs que ele parasse de jogar um pouco. Faria bem para Thales se o casal fosse dar uma volta na praia e respirar um pouco de ar puro.

Aquela sugestão inocente não foi bem recebida. “Ninguém veio me ver por sua causa. Eles detestam você e estão descontentando isso em mim. Maldita hora que fui ter pena de você. Certo foi o Caio que somente usou e descartou você. Ele sabia a biscate que você é. Agora, tenho que aguentar ser corno babaca, assumir o filho de outro por vergonha de meus pais ficarem sabendo dessa história suja e ainda ficar sem meus amigos”.

Por um segundo, Janete cogitou passar na cara dele que ele não possuía amigos. Que aquelas pessoas só estariam ao redor dele enquanto ele estivesse bancando a bebida e as drogas. No entanto, não teve coragem. Ou sentiu pena. Seria cruel demais com ele, ela refletiu, antes da primeira palavra lhe sair pela boca. Ouviu, então, calada aquelas e outras ofensas.

Ultimamente, buscava se proteger de todas as agressões verbais abrigando-se internamente em pensamentos e lembranças capazes de distraí-la. Ali, no hospital, não foi diferente. Focada no gotejar do soro, foi se distanciando mentalmente daquela situação a ponto de deixar de escutar as grosserias que Thales estava proferindo.

Quando voltou a si, estava sendo gentilmente acordada pelo médico. “Bom dia, Janete. Eu sou o doutor Marcos Cláudio. Ontem eu era o responsável pelo plantão na Obstetrícia e, quando você deu entrada no hospital, tive a impressão de que estava bem exausta e abalada emocionalmente. Como se sente agora?”.

Após a paciente responder que sim de maneira quase convincente, o médico continuou:

“Maravilha! Bem, nós fizemos uma ultrassonografia. Nosso parecer é o de que seu bebê está se desenvolvendo dentro da normalidade. Tudo indica que ele vai ser um garotão saudável, mas, por causa do sangramento, sua gestação vai requerer alguns cuidados. Você não pode mais fazer nenhum tipo de esforço e também não pode ter qualquer tipo de contrariedade. Recomendando repouso absoluto até o fim da gravidez. No mais, gostaria de conversar com o seu médico e passar para ele algumas observações sobre o seu quadro antes de liberar você”.

Constrangida, Janete informou ao médico que ainda não tinha tido tempo de procurar um obstetra. Doutor Marcos Cláudio tentou manter o tom paternal, mas não conseguiu esconder a perplexidade ao explicar a gravidade da situação: “Não gostaria causar mais sustos, mas por pouco não teve um abortamento espontâneo. Você e seu marido precisam urgentemente iniciar o acompanhamento desta gestação. O bebê já está com quase 26 semanas e sua gravidez, agora, é considerada de alto risco”.

Janete lançou um olhar desesperado para Thales, que ouvia tudo da poltrona onde adormecera na noite anterior. Este, tomando a palavra, disse: “Obrigado, doutor. Assim que Janete tiver alta, nós procuraremos uma médica para fazer o acompanhamento da gravidez. Inclusive, nós ficaremos muito agradecidos se o senhor puder indicar alguma obstetra mulher que atenda pelo convênio da minha esposa”. Doutor Marcos Cláudio lançou para Thales um olhar incrédulo e, antes de sair, pediu que ele encaminhasse para a secretária dele a lista de médicas conveniadas.

“Não gostei desse cara. Palhaço arrogante. E não pense que eu não vi os olhares que vocês dois trocaram. Até aqui, Janete, você arruma pretexto para me sacanear? Puta que pariu, olha só onde fui me meter...”, falou grosseiramente antes de ligar a tele-

visão e selecionar um canal esportivo qualquer. Janete não queria acreditar que estava ouvindo aquilo. Parecia presa em um pesadelo idêntico os que tinha quando criança.

Por esta razão, os olhos dela estavam úmidos quando a enfermeira veio aplicar mais uma dose da medicação. Preparando a injeção, a profissional falou amorosamente: “Não fique assim e nem se preocupe. Seu neném ficará bem. Você já está fisicamente em condições de ir para casa, mas o médico, por precaução, pediu que ficasse até mais alguns dias em observação”.

Janete não conseguiu conter o choro ao escutar aquelas palavras. A enfermeira recebeu aquela reação com normalidade. Afinal, grávidas são tidas preconceituosamente como “pessoas emocionalmente instáveis” em razão da alteração hormonal do período gestacional.

A realidade, entretanto, era que ali no hospital a jovem desfrutava de um pouco de proteção contra as torturas psicológicas que vinha sofrendo. E última coisa que Janete queria, naquele instante, era voltar para o apartamento dela na companhia de Thales. Temia por si mesma, e, depois do sangramento, passou a recear também pela vida do filho.

Capítulo V

DILATAÇÃO

Após sonhar com uma sequência de imagens confusas, tornou a abrir os olhos. Fosse cansaço acumulado, fosse efeito das medicações que estava tomando, fato era que vinha dormindo demais. Ou, pelo menos, cochilando demais. Chegou a esta conclusão após observar o relógio de parede que Thales havia pendurado de forma improvisada entre os puxadores do armário embutido daquele apartamento hospitalar.

“A próxima enfermeira deve vir em aproximadamente vinte minutos”, calculou, ao se perceber sozinha. Estivesse mais perto do controle remoto, teria ligado a televisão. Avaliou, entretanto, que o esforço para levantar e o pegar sobre a mesa na qual as refeições eram servidas seria demasiado, especialmente pela desmotivadora razão de o hospital só disponibilizar canais abertos para os pacientes.

Desejando distrair-se um pouco, fechou os olhos para melhor ouvir os ruídos externos. Eram carros e motos buzinando na avenida. Da igreja, vista através da janela lateral do quarto, chegavam alguns trechos de cânticos católicos oriundos da missa. Sons de passos, alguns murmúrios e lamentos, além dos bips cadenciados de um e outro equipamento de monitoramento cardíaco eram trazidos a partir do corredor.

Embalada por essa melodia estranha, acreditava que voltaria a dormir em poucos instantes. Contudo, um burburinho crescente atravessou a porta entreaberta e despertou novamente os sentidos de Janete. Duas vozes masculinas pareciam travar uma discussão. Janete logo reconheceu a primeira voz como sendo a de Thales. Demorou um pouco para perceber que a segunda pertencia a Demerval, pai dela.

Esforçou-se para ouvir o que eles diziam. Mas as palavras, ainda distantes, chegavam abafadas aos seus ouvidos. Repentinamente, surgiu uma terceira voz, desta vez de mulher. E esta soou clara ao exigir mais discrição e menos volume naquele entrevero. “Os senhores estão em um hospital. Façam o favor de deixarem as diferenças para serem resolvidas em outra oportunidade”, exigiu uma enfermeira ou a acompanhante de algum interno.

Pouco após terem sido chamados à atenção, entraram os dois, pai e genro, no quarto que Janete ocupava. Traziam a cabeça baixa e faziam silêncio, possivelmente constrangidos diante da reprimenda que receberam. Levaram algum tempo para falar, e, mesmo assim, evitaram qualquer comunicação entre eles mesmos.

Deste modo, as razões da peleja ocorrida no corredor do hospital só foram reveladas para Janete dias depois de ela receber a alta médica. “Quanto tempo você acha que seu pai ainda vai ficar por aqui?”, quis saber Thales, “Aquela empregadinha não tinha nada que ter telefonado para ele vir”, resmungou.

Somente após tal comentário a gestante tomou consciência de que não havia sido o companheiro quem informara Seu Demerval sobre o estado de saúde dela. Ocorreu o seguinte: enquanto a moça estava sendo levada às pressas para o hospital, Seu Zé, um dos porteiros do condomínio, telefonou para Maria, contando que Janete havia desmaiado e saído do prédio carregada, e isso “após uma briga feia com o senhor Thales”, acrescentou ele.

Todavia, mesmo que o funcionário não tivesse contado nada, a ex-doméstica inevitavelmente tomaria conhecimento daquela internação. Por uma dessas coincidências do destino, Janete foi atendida no serviço de urgência pouco antes do plantão de Maria. Trabalhando agora como auxiliar de enfermagem, ela procurou o obstetra que havia cuidado de sua ex-patroa e, ao ser informada da gravidade da situação, entrou em contato com Seu Demerval.

A vinda do sogro pegou Thales desprevenido. Contudo, apesar da discussão ocorrida entre eles no corredor do hospital, logo a paz foi restabelecida. O genro procurava agradá-lo de todas as formas. Tanto que, após alguns dias convivendo com o casal, Demerval acalmou o coração de pai, acreditando que Janete se mantinha a mesma criatura arredia e assustada de sempre.

A personalidade da filha já havia sido motivo de alguma preocupação para ele no passado. Hoje, mesmo que sua atual esposa, Judite, fizesse questão de alertá-lo continuamente sobre a possibilidade de haver algo errado acontecendo com a jovem, Demerval parecia convencido de que a cria dele era “simplesmente assim mesmo”.

Desta maneira, enquanto ficou hospedado no apartamento que agora abrigava sua filha e genro, riu sozinho, recordando, com os brios de macho inflamados de orgulho, das inúmeras aventuras extraconjugais que vivera ali, em tempos outros, economicamente mais prósperos e luxuriosos que os atuais.

“Tanta coisa mudou nessa minha vida que parece que foram duas ou três existências numa só”, filosofava consigo, certo de que somente a melancolia de Janete não se alteraria nunca. Crendo que pouco ou nada podia contribuir para a melhoria da qualidade de vida da filha, fez a única coisa que julgou pendente: contratou uma diarista para se ocupar do serviço mais pesado da casa três dias por semana.

Após tal contratação, organizou as próprias malas, despediu-se de todos e voltou para o interior, onde o pequeno Francisco e a carinhosa Judite o aguardavam saudosos. A partida do pai deixou Janete apreensiva. Nos dias em que Seu Demerval estava com eles, Thales pouco ficou em casa. Em um jantar, ele até pediu desculpas pela ausência, gabando-se de estar envolvido com uma causa importante no escritório do tio.

Janete sabia que não havia processo nenhum. “Você só está evitando meu pai”, pensou assim que ouviu aquela conversa fiada. “Esta ação é imprescindível para o meu futuro profissional, não é mesmo, querida?”, questionou Thales, como a exigir uma confirmação. A jovem acenou positivamente com a cabeça, ciente dos problemas que teria se não se somasse com veracidade a mais aquele jogo cênico do consorte dela.

Diante da partida do pai, começou a se perguntar o que o companheiro verdadeiramente tanto fazia na rua. Em bar ele não andava. Afinal, nos últimos dias, estava sóbrio até além do normal. Ficou ressabiada ao recordar que Thales vinha recebendo uns telefonemas estranhos, e até se afastava para atender tais ligações. Bem, na realidade aquilo só ocorreu duas vezes, mas ele nunca havia se preocupado em falar baixo ao telefone antes.

“Será que ele está me traindo?”, inquiriu-se com nervosismo, enquanto buscava mentalmente outros indícios de traições. Não encontrou nenhum. Thales a procurava regularmente para sexo e, tirando aqueles dois telefonemas, não havia nada de diferente no comportamento dele que indicasse alguma “pulada de cerca”. “Janete, pare de criar fantasmas mentais”, falou em voz alta para si mesma, segundos antes de o interfone começar a tocar.

Era Maria. Mas não parecia a Maria. Janete levou algum tempo até atentar para o fato de que aquela mulher bonita, bem-vestida, de cabelos arrumados, levemente maquiada e com as unhas pintadas era a mesma pessoa humilde e desprezada que limpava, cozinhava, e que, tantas vezes cuidara dela nos últimos anos.

Era racionalmente impossível que aquele ser tivesse mudado tanto em tão pouco tempo. Foi com naturalidade, então, que Janete afirmou deslumbrada: “Como você está diferente!”. A ex-empregada sorriu sem graça. Ainda não se habituara a receber elogios. Talvez não conseguisse se habituar nunca.

Passados uns minutos daquele estranhamento inicial, as duas começaram a conversar como velhas amigas queridas, que se reencontravam após logo tempo de separação. Maria comentou sobre os estudos, sobre o novo emprego e sobre a família, falou com carinho especial do crescimento do sobrinho e de como a irmã havia superado a depressão.

Janete, por sua vez, ao tratar da própria gravidez, mencionou o susto pelo qual havia passado há alguns dias. Foi quando a ex-doméstica confessou já saber de tudo o que ocorrera. Trabalhava, agora, no mesmo hospital em que Janete havia sido internada. Acompanhou o caso de bem perto, mas com toda descrição possível. “Até para evitar novos atritos com Thales”, quis dizer. Todavia, julgou prudente não verbalizar tal pensamento.

“No segundo dia em que você ficou internada, eu estava escalada e deveria ter tomado conta das suas medicações. Mas pedi a uma amiga que me substituísse. Também falei algumas vezes com o Marcos Cláudio sobre o seu caso. Fiquei assustada quando ele disse que você não tinha ainda começado o seu pré-natal. E vim aqui pedir para que você não deixe de cuidar de seu filho e, principalmente, de se cuidar”, recomendou.

“Eu vou procurar um médico do convênio assim que estiver me sentindo mais forte.”, afirmou a futura mamãe. Enquanto se despedia, Maria a abraçou e avisou que o obstetra que cuidara dela na urgência tinha se colocado à disposição para atender Janete gratuitamente. “Ele é um excelente médico. E é um homem muito bom também.”, afirmou, corando como se tivesse dito algo que não pudesse ser pronunciado.

Janete não notou o rubor de Maria, estava mergulhada num profundo sentimento de tristeza. Dera-se conta do tanto que a ex-empregada fazia falta na vida dela. “Foi bom para ela ter saído daqui. Ela está muito mais bonita, mais feliz”, reconheceu. Mesmo assim, o aperto do peito sentido após Maria partir não passou logo.

Na realidade, ele foi se emendando a outros incômodos. Um deles, talvez o mais doloroso, surgiu quando, ainda naquele fim de semana, a sogra quis conversar em particular com Janete. “Filha, você sabe que eu e o Meireles estamos completando 35 anos de casados. Isso só foi possível porque eu fui organizada com as finanças. O Thales puxou ao pai. Vive com a cabeça no mundo da lua quando o assunto é dinheiro”, começou.

“Ele não sabe com o que gasta, e é capaz de gastar até o que não tem. É preciso que você seja, na vida do meu filho, uma mulher capaz de fazer o controle dos recursos materiais da casa. O amor não sustenta uma família, e, quando as contas começam a acumular, as brigas se tornam intermináveis”, palestrou a sogra.

Sob o olhar interrogativo da nora, Dona Flávia Regina continuou, ligeiramente exaltada: “Eu prometi para mim mesma que não ia me intrometer. Contudo, esse assunto não sai da minha mente há meses. Serei então direta: não estou conseguindo administrar o fato de você ter gasto o dinheiro que dei para a acupuntura do meu filho. Paguei pela saúde dele. Não sou sua mãe e, apesar de não ter nada a ver com as suas contas atrasadas, compreendo que as coisas ficaram difíceis para você.”

Janete gaguejou na tentativa de explicar que o próprio Thales havia usado o recurso, todavia, a sogra nem se deu ao trabalho de escutar. “Não precisa mentir, querida. Eu sei que você está envergonhada do que fez e que não tornará a fazer.”, falou, em tom áspero, apesar do sorriso que marcava a face dela. A jovem grávida olhou ao redor, como se procurasse uma alguma lógica naquilo tudo, e deu com a figura de Thales, que vinha chamar as duas para um passeio na praia.

Constrangida e injustiçada, Janete implorou para que o companheiro desfizesse o mal-entendido daquela situação, que assumisse ter usado o dinheiro dado pela mãe dele no destrave do videogame. Diferente do esperado, escutou apenas um “Pare com

isso. Mainha já sabe de tudo”. Interpretando que nas entrelinhas daquela frase havia algo próximo de “Cale-se, pois minha mãe nunca acreditará em você”, Janete desesperou-se.

Atravessou aos prantos a sala na qual a babá passava protetor solar nos gêmeos Ricardo e Rafael, e esbarrou no sogro que andava a chouto procurando as sandálias no corredor. Sem parar para pedir desculpas pelo encontrão, dirigiu-se para o quarto de casal no qual costumava ficar hospedada com Thales, e se trancou nele.

Passou certo tempo agachada atrás da porta, como se quisesse evitar que alguém a arrombasse. Só compreendeu que não havia ninguém interessado no que ocorrera com ela quando escutou o ruído dos passos se afastando da casa. Deitou na cama sentindo uma exaustão que dilacerava tanto a carne quanto a alma.

Agarrou o travesseiro, usando-o para enxugar as lágrimas do rosto. Foi acordada pelo insistente toque da campainha. Estranhou que estivesse em seu próprio apartamento. Não fazia ideia de como havia chegado lá. Levantou aturdida para ver quem havia chegado àquela hora da madrugada. Através do olho mágico instalado na porta da sala, viu a família de Thales: mãe, pai, irmão, irmã, cunhado e sobrinhos.

Recebeu-os ressabiada, como se não conseguisse atinar sobre o que estava acontecendo. Não quis ser indelicada perguntando o porquê daquela visita. Era certo, porém, que não havia acontecido nada com Thales, até porque todos os visitantes demonstravam excelente humor. Como se fossem moradores do apartamento, eles se acomodaram nos sofás e começaram a falar banalidades.

Janete estava tão confusa que não conseguia se manter atenta àquela conversa. Tanto que a sogra teve que pedir água para ela algumas vezes antes de falar mais alto. “Querida, onde você está com a cabeça? Não me ouviu falar que estou morrendo de sede?”. De forma maquinal, dirigiu-se até a cozinha, e tentou encher uma taça de vidro no bebedouro elétrico.

Apesar de empurrar com força o botão plástico que liberava o fluxo da torneira, nenhum líquido saiu dela. “A água do galão deve ter acabado”, pensou, imaginando que precisaria pedir ajuda ao sogro ou ao cunhado para realizar a substituição do vasilhame. Ao levantar a capa branca de crochê que adornava o reservatório de 20 litros, assustou-se com o que viu e soltou um grito de horror.

O suporte que Janete julgava vazio estava repleto de sangue, e com ratos boiando na superfície. Os familiares de Thales vieram correndo, preocupados com o que poderia ter acontecido. Janete estava tão aterrorizada com aquilo que só conseguia tremer e apontar para o bebedouro. Dona Flávia Regina olhou com desdém para nora, que se contorcia de nojo. Pegando uma nova taça no escorredor de pratos, serviu-se daquela água vermelha e podre como se aquilo fosse saído da nascente mais intocada.

“Pelo amor de Deus, não beba isto, não beba!”, Janete berava. A sogra ironizou a estranha atitude da nora, pondo-se a gargalhar. Tão logo se recompôs das longas risadas que dera, sorveu o líquido repulsivo com visível prazer. Foi o sogro, doutor Ariosto Meireles, quem se aproximou tentando compreender o que havia ocorrido com a esposa do filho dele.

Envolveu-a paternalmente nos braços, perguntando se a gestante estava bem. Em seguida, fê-la sentar confortavelmente em uma poltrona de couro branco, comprada recentemente por Thales. Janete não sabia o que dizer. Como era possível que ninguém visse todo aquele sangue? Enquanto ela tremia, os demais voltaram a se acomodar no sofá e reiniciaram animada conversação.

Imersa em pensamentos confusos, voltou seus olhos para o recipiente de cristal usado pela sogra: o que ele continha era, aparentemente, água pura e cristalina. “Eu estou ficando louca”, pensou, tomada pelo constrangimento. Desviando a atenção para os próprios pés, esforçou-se para segurar o choro. Mas não o con-

teve por muito tempo: as lágrimas escorreram em cascata após perceber um filete de sangue escorrendo por suas pernas.

“Eu estou sangrando”, tentou falar. Mas não havia voz. Começou a gesticular nervosamente para chamar a atenção de qualquer um dos membros da família de Thales. Tudo em vão. Voltou a tentar dizer que estava passando mal. As palavras saíam tão sussurradas que ninguém a ouviu. Desesperada, esforçou-se para repetir como pode a frase, várias e várias vezes. Como nenhum deles parecia prestar atenção, reuniu forças e bradou, enfim, a plenos pulmões: “Estou perdendo meu filho”.

Enquanto aquele grito desesperado enchia o cômodo, Janete pulou da cama. Constatando que ainda estava na casa de praia – e que não havia nada de errado com a sua gestação –, disse em voz alta: “Foi só um pesadelo”, antes de voltar a chorar. Não compreendia racionalmente aquele pranto. O bebê estava bem. Inclusive mexia com suavidade dentro da barriga dela. Então, entre um soluço e outro, escutou o barulho dos carros retornando para a casa.

Entrou no chuveiro para tentar se acalmar. Não queria materializar a louca descontrolada de seu próprio sonho atormentado. Ao chegar na sala com os cabelos ainda pingando, encontrou todos sorrindo e conversando. Deduziu que sua presença ou ausência não fazia a menor diferença para aquelas pessoas. “Eles são a família do Thales, nunca serão a minha”, raciocinou entristecida.

Um dos gêmeos, o Ricardinho, aproximou-se do canto no sofá onde ela se acomodara. “Titia tá triste?”. “Não, meu amor. Eu não estou triste”, respondeu, esforçando-se ao máximo para enganar o pequeno. “Quer brincar de carrinho com eu e maninho?”, quis saber, esticando na direção dela a mão que segurava uma miniatura de Ferrari vermelha. Grata diante daquela inocente e sincera manifestação de afeto, pegou o brinquedo e tentou se distrair um pouco com os meninos.

Ainda naquele fim de semana, durante o jantar do domingo, o sogro quis saber se Janete já havia agendado um médico. Envergonhada, a gestante assumiu que ela e Thales não tinham escolhido ainda o obstetra. Com voz desprovida de censura, doutor Meireles sugeriu que os futuros papais entrassem em contato com a sobrinha dele, a Camila. A moça acabara de chegar de mais uma especialização, esta última realizada na Europa.

“Minha prima seria a escolha perfeita se aceitasse convênios. Nós não estamos em condições de arcar com o preço absurdo das consultas dela”, interrompeu Thales. “Dinheiro não é problema. Ainda mais quando estamos tratando da saúde do meu neto. Amanhã, telefonarei para ela e agendarei a consulta o mais rápido possível”, avisou doutor Meireles.

“E eu faço questão de comprar os móveis do bebê”, alardeou a sogra de Janete. “Dona Flávia Regina, eu agradeço, mas já comprei os móveis”, respondeu Janete, como se pedisse desculpas. “Comprou?”, questionaram, em uníssono, mãe e filho. “É! Eu estava pesquisando umas lojas de bebês pela internet. Gostei de um quarto e acabei fazendo o pedido online. Devem entregar até o fim do mês”, justificou-se.

“Você deveria ter me consultado antes de sair gastando nosso dinheiro”, reclamou Thales, visivelmente irritado. “O que está feito, está feito. Não vamos nos aborrecer por isso. Tenho certeza de que Janete comprou lindos móveis. Assunto encerrado”, decretou dona Flávia Regina, não menos contrariada que Thales. O silêncio verbal foi instaurado naquela refeição. De ruídos, só o dos talheres que vez por outra se chocavam com os pratos, e as batidas fortes do coração de Janete.

Tendo o estômago revirado, a grávida não conseguiu mais tocar na comida. Se deixara de comentar sobre a aquisição dos móveis, havia sido por um fato simples: dias antes de ser internada, havia comprado umas poucas roupinhas de bebê. Mostrou conten-

te aquelas primeiras peças do enxoval para o companheiro, e ele, sem disfarçar o desdém, respondeu: “não sei porque você está me mostrando isso. Não me interessa pelas coisas do seu filho”.

Houve também o episódio no supermercado. Janete colocou dois pacotes de fralda no carrinho. Thales se aproximou com algumas cervejas na mão e perguntou: “Que diabo é isso?”. “Fraldas descartáveis”, respondeu a gestante quase que num sussurro. “Se você raciocinasse um pouco, agiria como a Thalita. Minha irmã fez um chá de fralda e não precisou gastar nem um centavo com isso”.

“Nenhum centavo com fralda, mas uma fortuna com aluguel de salão de festas, decoração, comes e bebes...”. Interrompeu a frase tão logo visualizou os globos oculares saltando furiosos da órbita do companheiro. Por conta do comentário sobre a cunhada, foi obrigada a ficar em claro naquela noite, ouvindo como havia sido ‘desrespeitosa’.

“Ao contrário de você, que sai dando para qualquer um e nem sabe quem é o pai do próprio filho, a Thalita se casou com o primeiro e único namorado. É mãe exemplar. Largou até a faculdade de medicina para cuidar da família e acompanhar o marido nas viagens dele de trabalho”, gritou ele na ocasião.

A mente dela viajava nestes fatos de um passado recente. A cada lembrança, Janete, ainda sentada à mesa, desejou que aquele jantar não terminasse nunca. Sabia que o caminho de volta para o apartamento dela seria um inferno, repleto de palavras ácidas e acusações. E foi. Após saírem da casa de praia dos sogros, Thales começou a querer detalhes sobre a compra dos móveis. Janete respondeu as perguntas com a voz embaçada pelo medo.

“Mentirosa. Você não comprou merda nenhuma”, afirmou. “É claro que comprei. Por que eu mentiria?”. “Você mente sobre tudo. É uma vagabunda das mais cínicas. Não sei como fui me meter com você...”. “Eu tenho como provar. O pedido está no

meu e-mail. Assim que a gente chegar em casa eu mostro.”. “Eu não acredito em você. Vai ser igual àquela história ridícula que você inventou sobre o projeto político. Você é muito cínica. Eu tenho nojo de você. Maldita hora que eu fui ter pena de você...”.

Janete tentava não demonstrar o desespero a cada palavra que emitia para se justificar. Não queria demonstrar fraqueza, pois havia dito a verdade. Sim, havia comprado os móveis do filho numa loja virtual e podia comprovar. O desfecho desta briga, ela acreditava, seria diferente do ocorrido na situação mencionada por Thales. E nesta ela também havia sido verdadeira: realmente passara meses montando um complexo projeto de assessoria jurídica tão logo recebeu o convite de trabalho daquele deputado estadual.

Evidente que ela ficou chateada no dia em que o tal parlamentar a dispensou, informando que precisava de alguém já formado e com bom relacionamento no meio jurídico. Mas a mágoa maior veio ao verificar que o legislador havia contratado um parente para a vaga de Janete e – o mais grave – estava usando todas as ideias dela. E logo ele, que tanto pregava sobre honestidade e coerência nas palestras de formação política do partido que representava.

O pior é que ela, inocente, não havia registrado o tal projeto. Assim que soube do ocorrido, chegou em casa sentindo-se profundamente revoltada. Ao desabafar com Thales esperava apoio, mas não o teve. “Você não é burra. Se tivesse feito mesmo o projeto, teria registrado. E aqui para nós: duvido que um deputado respeitado tenha roubado as ideias de uma universitária qualquer”.

“Thales, eu vou mostrar a você que ele está sim usando meu projeto. Vou pegar o arquivo aqui no notebook”, respondeu inconformada, sem imaginar que um dos filmes pornôs que o companheiro havia baixado naquela tarde trouxe junto um vírus capaz de apagar todos os arquivos do Disco Rígido. Naquela

época, a jovem passou dias revirando seus impressos à procura de algum rascunho ou mesmo de uma cópia do projeto.

Não localizou nada e teve de engolir, junto com as próprias lágrimas, a alcunha de embusteira. Desta vez, porém, tudo seria bem diferente. Tinha salvado no e-mail e no computador o pedido dos móveis do bebê e o recibo de compra. Também estava com o código de rastreamento para acompanhar a evolução do pedido. Com tudo aquilo, Thales seria obrigado a, ao menos desta vez, reconhecer a injustiça que estava cometendo.

Mal entrou no apartamento, Janete correu até o quarto e ligou a máquina. Estava tão entretida com a localização das provas de sua inocência que não deu atenção ao telefonema recebido por Thales. Este, após cochichar algumas palavras no celular, comunicou: “preciso sair e não sei a que horas retorno”.

Janete não entendeu nada. Limitou-se a imprimir os dados relativos à encomenda e tentou esperar acordada pelo cônjuge. Quando deu por si, Thales já estava dormindo ao seu lado. Fedia a cerveja azeda e a perfume barato. A jovem levantou desconfiada, Tateou sobre o travesseiro dele e pegou o telefone móvel. Com a respiração ofegante e sentindo o bebê inquieto dentro de sua própria barriga, titubeou, avaliando se teria ou não o direito de invadir assim a intimidade do companheiro.

Seria melhor ficar na dúvida ou verificar de uma vez por todas se existia algo que valesse a preocupação dela? As mãos que acessavam as mensagens recebidas estavam trêmulas. A grande maioria dos torpedos listados ali havia sido enviada por amigos de Thales. Alguns poucos tratavam de trabalho. Existia ainda uma centena de mensagens de dona Flávia Regina, e isso quase a fez passar despercebida por um SMS, cujo emissor não estava identificado. Dizia apenas “Estou ansiosa. Venha”.

O número de telefone era o mesmo que havia ligado para ele na noite anterior, pouco antes daquela súbita saída noturna.

Procurou em vão por outras mensagens ou ligações daquele número. Concluiu que Thales estava tendo o cuidado de apagar os registros desta pessoa. Pensou em ligar e ver quem atenderia. Sim, poderia ter feito isto, mas não teve coragem – ou não quis se rebaixar a tanto.

Sem ter clareza sobre como deveria agir, voltou para o quarto e, apoiada nos travesseiros, esperou pacientemente Thales acordar. Mas não houve tempo para conversa alguma: o rapaz olhou o relógio e pulou da cama para o chuveiro, vestiu-se rapidamente, e saiu porta afora afirmando que o tio não perdoaria mais um atraso dele. Voltou correndo quando se deu conta de que havia esquecido o celular. “Ele está aqui comigo. E nós precisamos conversar”, disse Janete, com seriedade.

“Depois a gente conversa. Agora eu tenho que ir”, determinou. Fosse ela outra mulher, teria gritado algo próximo de “Não, você não sai dessa casa enquanto não me explicar quem é essa que anda trocando torpedos contigo”. Mas Janete não era dada a escândalos. Aguardou pacientemente por toda a segunda-feira, ensaiando mentalmente como o abordaria e o que falaria quando do retorno dele para casa.

A verdade é que o ensaio não valeu de muita coisa. A jovem esqueceu-se de todas as palavras e frases que havia planejado dizer e soltou, a queima roupa, um “você está me traindo?”. “Quê?”, ele respondeu, aparentando mais desejar ganhar tempo do que por não ter entendido a pergunta. “Perguntei se você está me traindo.” “Que conversa é essa agora?”. “Eu vi as mensagens do seu celular. Quem é essa garota que estava ansiosa por sua chegada?”.

“Quer dizer que você agora anda mexendo no meu celular? Vou ter que colocar senha nas minhas coisas?”, quis saber ele, forjando melindre. Para Janete estava claro: o marido pretendia mudar o rumo da conversa, como se ter tido a privacidade inva-

dida fosse algo muito mais grave que cometer adultério. Thales, em outras situações, já utilizara com sucesso esta mesma tática. Entretanto, Janete não permitiria ser enrolada desta vez.

“Eu fiz uma pergunta e quero uma resposta. Quero não. Exijo. Quem é essa garota? Você está me traindo com ela?”, insistiu, esforçando-se para manter a calma e não perder a razão. “Aí não vale. São duas perguntas”, gracejou ele. “Pare de palhaçada e responde de uma vez. Quem é essa garota que fez você sair correndo no meio da noite ontem? Você está de caso com ela?”, questionou com um forte tom de irritação na voz.

“A Paulinha. Foi a Paulinha quem me ligou. Eu não ia falar nada porque era para ser surpresa. Só que você sempre estraga tudo. A Paulinha soube da sua gravidez e quis organizar um chá de fraldas para você no salão de festas do condomínio dos meus pais no fim desse mês. Tá satisfeita agora, sua idiota? Pronto! Acabou a surpresa. Não posso nem pensar em agradar você de alguma forma que você vem com suas imbecilidades e estraga tudo!”, berrou.

Janete, que havia se preparado para ouvir sobre traições, não soube como reagir. Thales a deixou muda no meio da sala, e ela ficou desta forma por um tempo digno de estudo pela física quântica. Sentindo-se ridícula e diminuta, a moça foi para o quarto e pediu desculpas para o companheiro, que já estava deitado. “Não fala comigo agora não, Janete. Eu estou furioso contigo e não quero mais ouvir a porra da tua voz hoje. Nem a tua voz nem o teu maldito choro. Fique avisada. Eu já estou cheio. Qualquer hora dessas eu me canso e vou embora.”, resmungou.

Obediente, Janete deitou sobre o lado dela na cama, tentando controlar até mesmo a respiração para não incomodar ainda mais o companheiro. Por mais que tentasse, não conseguiu cochilar ou dormir. Tampouco chorou, apesar de, em alguns momentos, achar que desabar seria algo inevitável. Sabia que Thales também não estava conseguindo dormir.

Ele se revirava de um lado para o outro da cama. Devia ser começo de madrugada quando, enfim, dirigiu-lhe a palavra: “Janete, acorde...”. “Estou acordada”, respondeu, quase num susurro. “Sabe? Eu pensei sobre o que você falou. Eu não traí você, só que não vou mentir: vai chegar um momento em que vou precisar de novas experiências. Você é muito travadona na cama. Parece uma boneca inflável... Enfim... veio umas ideias na minha cabeça. A gente podia contratar uma prostituta para aquecer as coisas... o que você acha?”, quis saber, sem cerimônias.

Horrorizada com a proposta, ela só conseguiu responder de forma afrita: “Thales, eu estou grávida”. Calmamente, ele continuou: “É verdade... tem a questão das doenças... e se esse bebê for mesmo meu filho eu não quero que ele tenha nada. Ei, quer saber? Eu tive uma ideia genial! Você podia chamar uma amiga sua de confiança. Aquela sapata do DCE, a Cibele. Ela é bem gostosinha. Será que ela topa?”.

Janete levantou correndo tentando alcançar o vaso sanitário da suíte, mas o vômito dela foi mais rápido, e se espalhou por parte significativa do chão do quarto. “Puta que pariu, Janete! Puta que pariu! A gente tendo aqui um papo massa e você faz uma merda dessas? Limpa essa porra direito que eu vou dormir no sofá da sala. Cacete, que merda do caralho! Você conseguiu cortar todo o meu tesão. Tá satisfeita agora?”, gritou revoltado, enquanto pegava algumas almofadas e atravessava o quarto, esforçando-se para saltar por cima daquela fétida mistura de restos alimentares e suco gástrico.

Como que para compensar a madrugada terrível, houve naquele mesmo dia uma alegria: os móveis do bebê foram entregues, bem antes da data prevista. Lamentavelmente, a felicidade de Janete durou apenas algumas poucas horas, afinal, assim que soube – só Deus sabe como – da chegada das caixas, Dona Flávia Regina apareceu com um montador e dois carregadores.

“Não consigo esperar para ver o quartinho do meu neto todo arrumadinho”, falou ao adentrar no apartamento de Janete, cheia de sacolas e embrulhos. Com tudo pronto, Dona Flávia Regina chamou a nora para ver como o quarto havia ficado. Janete sorriu. Os móveis não estavam exatamente na posição que ela havia idealizado, contudo o aconchego e o calor humano era algo notável ali.

Suspirou feliz e, assim que começou a se imaginar com o bebê naquele espaço, ouviu a sogra falar: “É, minha filha, eu até gosto da sua praticidade. Comprou móveis de segunda linha, pois sabe que o bebê logo vai crescer. Eu tenho que confessar que, a princípio, fiquei bem apreensiva, mas, agora saio satisfeita daqui, certa de que meu neto vai ter um lugarzinho minimamente decente para habitar. Ah, é claro que eu teria dado a você peças mais robustas. Entretanto, elas não combinariam com a simplicidade do seu apartamento”, disse, despedindo-se com um largo sorriso.

Tão logo atestou que a sogra foi realmente embora, Janete se sentou sobre o tapete – que trazia a figura de um pequeno pirata navegando dentro de um navio de madeira–, e se pôs a chorar. Não queria crer na maldade que captou nas palavras de Dona Flávia Regina. Preferia ver naquelas farpas gratuitas um simples comentário vindo de alguém que nunca passou por dificuldades financeiras, que viveu a vida cercada de tudo de bom e de melhor que o poder material era capaz de oferecer. No entanto, aquilo a machucara profundamente.

“É. Agora eu entendo porque a senhorinha vive nessa tristeza. Se eu tivesse uma cobra dessas como sogra, também ia estar sempre chorando pelos cantos”. Janete tomou um susto ao ouvir aquela frase. Havia esquecido que a faxineira ainda estava lá. “Não é da minha conta, mas eu vejo que a senhorinha não é feliz. Por que deixa eles fazerem isso com você? É porque ele é rico ou é por causa da barriga que você pegou?”, quis saber Lenirdes.

“Olha, se você já terminou seu serviço, fique à vontade para ir embora”, cortou Janete, de maneira rude, ao mesmo tempo em que levantou enxugando as próprias lágrimas. “Desculpa se eu fui bisbilhoteira. É que a senhorinha não merece essas coisas não. Mas, de agora em diante, vou ficar no meu lugar. Não está mais aqui quem falou. Desculpe. Eu preciso muito desse emprego. Esquece o que eu falei, por favor.”, suplicou.

Nas semanas seguintes, Janete ficou espantada com a empolgação e o envolvimento de Thales com os preparativos do Chá de Fraldas. Permitia-se gozar de uma pontada de felicidade, pois começava a acreditar que seu companheiro finalmente havia compreendido que o filho que ela esperava era obviamente dele.

Um dos indícios dessa mudança no comportamento de Thales se deu quando ele chegou do trabalho com um livreto na mão. “Comprei na banca agorinha mesmo. Tem vários nomes para meninos, com origem e o significado”, contou animado. Após algumas horas analisando calmamente aquelas sugestões, Thales decidiu fechar o livro e o colocar sobre a mesinha de vidro da sala: “Quer saber? Vamos dar a ele o nome do meu avô. Ele vai se chamar Oviedo Assunção Meireles Neto!”.

Janete achou o nome muito pesado para uma criança e buscou protestar com o máximo de suavidade possível. “Você acha mesmo que ele vai ser criança para sempre? É melhor que ele cresça com um nome imponente. Isso vai abrir portas para ele no futuro. E, enquanto ele for criança, a gente o chama de Netinho”, determinou.

“Netinho...”. Janete gostava da sonoridade daquele apelido. Agora o filho tinha um nome, uma identidade. Com a novidade, Janete começou a festejar a barriga na qual seu bebê, o Netinho, se desenvolvia. E dispendo de muito tempo livre por conta da exigência do repouso médico, passou a ler fábulas para Netinho, colocar músicas para Netinho escutar.

Esses e outros pequenos estímulos foram prontamente aprovados pela carrancuda Camila, obstetra de Janete. O ar mal-humorado e a frieza da médica contrastavam com a profissão por ela escolhida, diagnosticou Janete durante a primeira consulta com a prima do Thales. A grávida detestou várias coisas, em especial o momento em que Camila quis saber quantos quilos ela havia engordado na gravidez.

“Dezoito”, respondeu. “Oito?”, buscou confirmar, como se não quisesse acreditar no que acabara de escutar. “Não, aumentei dezoito quilos”, corrigiu Janete, pouco antes de ouvir um grosseiro sermão sobre os riscos do sobrepeso em uma gestação.

Não fosse Camila parente, Janete ousaria pedir para trocar de obstetra. Não sentia nem conforto nem afinidade com aquela profissional, por mais gabaritada que ela fosse. Pudesse escolher, certamente optaria pelo doutor Marcos Cláudio. Ele era visivelmente mais humano e experiente. Entretanto, sabia que Thales nunca permitiria a um médico homem acompanhar a gestação da companheira dele.

Além disto, as consultas estavam sendo pagas pelos sogros. Seria uma afronta muito grande pedir tal coisa. Para se conformar, Janete buscou consolo no fato de o parto estar relativamente próximo. Restariam apenas dois ou três encontros com a “doutora Camila”. Mas a consulta não havia sido completamente insatisfatória: foi solicitada a realização de uma ultrassonografia “4D”.

O exame, recém-chegado ao Estado de Sergipe, era capaz de exibir os traços do bebê com muita precisão. Janete ficou encantada com essa possibilidade. O filho, que já tinha um nome, logo ganharia um rosto e um corpo mais real. Aquela ideia a estava deixando extasiada. Tanto que, nos dias que antecederam a ultra, a jovem gestante nem levava mais em conta as provocações ou acusações do companheiro. Ver o bebê e ter certeza de que ele estava bem formado era tudo o que importava naquele momento.

Conhecendo de antemão a falta de compromisso de Thales com o cumprimento de horários, Janete mentiu sobre o agendamento da consulta. Marcou para as dez horas da manhã, mas informou ao companheiro que era as oito, acreditando que ele não seria capaz de atrasar tanto tempo. Contudo, ele se atrasou. Janete já começava a se desesperar quando o rapaz chegou esbaforido para pegá-la. Faltavam quinze minutos para as 10 horas. Como não havia trânsito, o casal chegou a tempo na clínica.

Assim que se dirigiram ao balcão de atendimento, novos problemas surgiram. Thales não ficou nada satisfeito ao ser informado de que a técnica responsável pelo exame tivera problemas pessoais e, por conta disso, fora substituída por um homem. Reclamou em alto e bom som, humilhando a atendente como se esta tivesse tido alguma culpa no ocorrido.

Exigiu acompanhar Janete na sala de exames e só baixou o tom de voz quando se deu conta de que o tal técnico trazia resquícius de esmalte nas unhas. E de cor vermelha. Ao ver as primeiras imagens do bebê aparecendo na tela, Janete não conseguiu conter a emoção. “É o meu bebê, o meu Netinho...”, repetia entre um suspiro e outro de felicidade.

O companheiro dela, por sua vez, observava desconfiado às imagens. Em um dado momento, perguntou para o profissional, com ar levemente jocoso, se o feto parecia mais com a mãe ou com o pai. Janete contraiu imediatamente a feição, pois deduzia facilmente onde o Thales desejava chegar com aquele questionamento.

Sem atentar para o nervosismo de Janete, o funcionário tentou fazer graça: “Bem, as esposas nunca gostam do que eu vou dizer, mas, para mim, criança na barriga ou pouco depois de nascer só se parece com um joelho”. Ninguém, além dele, riu. O profissional, contudo, conseguiu desfazer aquele constrangimento com muita naturalidade:

“Casal, não fique bravo comigo não porque estou só brincando. Desculpa mãe, mas o guri aqui é igual ao pai. Olhe o nariz romano e a curvinha funda dos olhos. É Júnior fotocópia xérox reduzida”. A risada de Thales aliviou o aperto no peito de Janete, que expirou aliviada.

O bom humor de Thales se estendeu até o dia do chá de fraldas. Foi uma comemoração pouco tradicional, com a participação de homens e mulheres. Apesar disto, o salão de festas da casa dos sogros de Janete foi decorado com extremo bom gosto. As paredes estavam revestidas com tecidos em variados tons de azuis e delicados arranjos florais. Havia ainda o dourado dos castiçais que adornavam a mesa principal, na qual estavam alinhadas as lembrancinhas do evento: sapatinhos azuis bordados com o nome do bebê em amarelo-ouro.

Não houve as brincadeiras, muitas vezes humilhantes, nas quais as gestantes terminavam a festa repleta de farinha e desenhos de batom. A celebração contava com muito riso, bebida, salgados e doces. A música começou leve, com muita MPB. Porém, o piano de Jobim logo foi substituído pelo rock dos Anos 1960 e 1970, tocado pela banda de garagem de Thiago, irmão caçula de Thales. Tudo conspirava para que Janete estivesse extremamente feliz.

Ocorre que ela não estava. Havia algo de estranho no ar. Fosse mais espiritualista, diria que pressentia algo de ruim. Racionalmente, encontrara um porquê para tal desconforto: a intimidade, um tanto excessiva, existente entre Thales e a tal Paulinha. A desconfiança de que algo estava errado naquilo cresceu assim que a gestante observou o tanto que seu companheiro ficava nervoso sempre que ela e a moça, de alguma maneira, acabavam se aproximando durante o evento.

É o que a princípio era só cisma virou certeza assim que Janete precisou usar o banheiro do salão de festas. Da mesma

maneira que apenas uma mulher sabe as dificuldades de usar o sanitário de um espaço comum, somente uma grávida tem ciência do que é ver este malabarismo – o de se agachar sem sentar sobre uma privada para fazer suas necessidades – ser multiplicado exponencialmente.

Para Janete, aquilo tudo era ainda pior: somado ao excesso de peso corporal e ao tamanho da barriga estava o uso de meias de pressão, que auxiliavam a circulação e reduziam o inchaço nas pernas. Após protagonizar uma cena digna das piores comédias do tipo pastelão naquele pequeno cubículo sanitário, a grávida começou a aliviar a bexiga, cheia pelos incontáveis copos de água de coco que havia tomado naquela noite festiva.

A perna já começava a tremer em razão da posição corporal incômoda, e possivelmente por conta disto ela demorou a perceber a conversa que alguém, no sanitário ao lado, estava tendo ao telefone. “É, eu sou mesmo muito atriz. Acredita que estou agora no chá de bebê da mulher do Thales, e, a pedido dele, posando de organizadora da festa?”, comentou a pessoa aos risos.

“Eu sei que ele é ridículo. Mas tem muita grana. Ou, como ele mesmo diz, os pais dele têm. E é disso que eu preciso: um otário que me banque”. Pela voz e pelo conteúdo da fala, Janete não teve dúvidas de que se tratava de Paulinha. Deu descarga, enxugou-se, subiu a calcinha, puxou como pôde as meias elásticas, ajeitou o vestido, baixou a tampa do vaso e sentou-se sobre ela.

Não queria passar pelo constrangimento de dar de cara com a amante do seu companheiro ao sair dali. Apertando os olhos e segurando a barriga na tentativa de se acalmar, esperou pacientemente, até sentir que deveria voltar para a mesa. No curto caminho de volta, recordou o episódio ocorrido com sua sogra no último dia dos namorados: Dona Flávia Regina tinha encontrado uma caixa de bombons em formato de coração no banco de trás do carro do marido.

Perguntou o que era aquilo – e fingiu que ter engolido a desculpa esfarrapada dada por doutor Meireles: a de que uma senhora lhe dera tal mimo em agradecimento a uma causa ganha. Sorrindo, a esposa do desembargador desatou o laço, rasgou o adesivo no qual se lia “com muito amor para você” e devorou todos os chocolates em pouquíssimos minutos.

Tomando aquilo como exemplo, acomodou-se na mesa decidida a manter a classe: tratou a todos com a amabilidade de sempre, mas fez questão de oferecer toda a cortesia e simpatia possíveis para a rival. Deu certo. Paulinha, aparentando alguma dignidade, arrumou uma desculpa qualquer e foi se despedir de Thales. Este, visivelmente bêbado, ignorou a amante e, esquecendo o telefone sobre a mesa, seguiu até o palco improvisado para cantar com o irmão uma canção desafinada.

Janete guardava o celular dele dentro de sua pequena bolsa quando sentiu uma pequena vibração vinda do aparelho. Olhou instintivamente para a tela que se iluminara e, apesar de não haver nome vinculado ao número, teve certeza sobre quem havia mandado o torpedo. Dominada por uma profunda curiosidade, pegou-o e leu o seguinte texto: “Hoje vi que você não está nem aí para mim. Não me procure nunca mais”.

“Ao vencedor, as batatas”. A frase machadiana invadiu a mente dela, enquanto tornava a colocar o dispositivo móvel dentro da bolsa. Mesmo que isso fosse só uma jogada da tal Paulinha para ganhar mais atenção, que vitória tinha para comemorar? O que havia ganhado? Lutando contra esses pensamentos, não se apercebeu de quando começou a verter lágrimas, do instante no qual a vista começou a embaçar, ou muito menos do momento em que a música parou e alguém gritou “ela está desmaiando”.

Deixou-se cair em braços que a carregaram até um carro. Trazia os olhos abertos, mas a vida para ela acontecia em uma enxurrada de flashes cinematográficos. Quando recobrou a consci-

ência, estava deitada sobre uma maca, em uma sala de observação. Maria, uniformizada como auxiliar de enfermagem do hospital, veio ao encontro dela, perguntando se Janete estava se sentindo melhor. Ela balançou a cabeça positivamente.

“Olhe: o seu bebê está bem e eu fico feliz que você também esteja. Vou pedir, então, para você tentar esvaziar a mente e aproveitar para relaxar o máximo possível. O doutor Aurélio Lima, médico que está no plantão de hoje, foi conversar com Thales e com os seus sogros. Daqui a mais uns minutinhos, ele vem falar com você. Depois disso, cuidarei de sua internação. Prometo que no quarto será tudo mais confortável e tranquilo”, garantiu, de maneira quase angelical.

Dito isto, um homem alto, branco e obeso veio ter com ela. “Oi Janete. Eu me chamo Aurélio. Desejava falar a sós com você. Há pouco, entrei em contato por telefone a doutora Camila, sua médica, e ela afirmou que sua gravidez vinha se desenvolvendo sem maiores problemas. Entretanto, vi no seu prontuário uma coisa que me chamou a atenção: no mês passado você ficou internada aqui por alguns dias”, começou serenamente.

“Observando seus exames do período, vi que não havia razão alguma para uma internação tão longa quanto a que você foi submetida. Mas como o médico que a acompanhou, o doutor Marcos Cláudio, é meu amigo particular, fiz questão de conversar com ele. Precisava saber o que havia ocorrido de fato. Ele me explicou que você parecia estar sob uma forte pressão psicológica. Essa foi também a minha impressão sobre você. O ultrassom que fiz confirma estes indícios: o peso do seu bebê está abaixo do esperado”, continuou.

“Então eu preciso que você confie em mim até para que eu possa definir e justificar o tipo de tratamento que você receberá enquanto estiver sob os meus cuidados”. “Eu não estou entendendo, doutor...”. “Eu vou dar detalhes técnicos porque a

situação é um pouco mais complexa do que eu gostaria: existem pesquisas apontando que mulheres com alto nível de estresse psicológico têm um risco 80% maior de darem luz a natimortos. Isso, claro, em relação a grávidas que vivenciam uma carga moderada de estresse. Outros estudos afirmam que a sobrecarga emocional pode ser responsável por não só partos prematuros de bebês com baixo peso, mas ainda com doenças como asma e alergias”, explicou.

“Sendo franco e direto, tenho os seguintes caminhos: se me disser simplesmente que está tudo bem, como vem fazendo com sua obstetra, vou ter de liberar você assim que o sangramento parar. Já demos a medicação, já verificamos que o feto por ora não corre risco de morte e que seu colo de útero está fechado. Clinicamente falando, você pode ter alta em algumas horas. Mas eu só vou dar sua alta se você me garantir que posso fazer isso com a consciência tranquila”, concluiu doutor Aurélio.

Janete arregalou os olhos, não pelo que ouviu, mas por perceber que Thales estava próximo. “Se meu filho está bem, eu prefiro ir para casa. Está tudo bem comigo”, respondeu vacilante. “Você tem certeza? Então, eu faço como Pilatos e lavo as minhas mãos. Quando o segundo soro terminar, você provavelmente já poderá ir. Seus sogros estão aguardando você lá fora. Havia um quarto sendo preparado para você, mas vou pedir que a levem para a enfermaria da urgência. Já passei para seu marido uma receita com remédios, para o caso de novos sangramentos”.

“Obrigada, doutor!”. “Não precisa agradecer. Eu passei algumas recomendações para a sua família. Contudo, preciso repetir tudo para você. Preciso que repouse o máximo que puder. Ou melhor: só levante da cama para ir ao banheiro ou comer. E sobre comida, busque uma alimentação mais saudável, baseada prioritariamente em frutas, legumes, hortaliças, grãos integrais e carnes magras. No mais, é ter o máximo de tranquilidade para esse rapaz

se desenvolver bem. E precisando de mim, aqui está meu cartão. Pode ligar sempre que sentir qualquer coisa”.

Janete jurou seguir a risca todas as recomendações que lhe foram passadas. Na prática, entretanto, acabou fracassando. Thales, hiperativo desde sempre, não conseguia compreender a necessidade de repouso dela e, após monólogos cansativos acerca das necessidades dele de sair de casa, a jovem acabava acompanhando-o nas mais variadas programações – desde as mais simples, como um cinema no fim de tarde, até as mais inoportunas, a exemplo de farras nas quais a gestante era obrigada a passar madrugadas inteiras em bares.

O desgaste dela era evidente. O corpo doía, as pernas inchavam muito ao menor esforço, sentia a respiração constantemente ofegante. Mesmo assim, até para evitar confusões dentro de casa, ela nunca reclamava. Em duas ocasiões desmaiou. Imediatamente após o segundo desmaio, foi atendida na residência da própria Camila, por volta das 3 horas da madrugada.

Janete estava com a pressão muito alta. Após a medicar, e julgando que ela havia adormecido, a obstetra discutiu com Thales, chamando-o de irresponsável e afirmando que a culpa seria exclusivamente dele se algo ocorresse com a paciente e com o bebê que ela esperava. Preocupada com a gravidade da situação, Janete começou a se impor em relação à necessidade de descanso.

E chegou ao extremo afirmando que faltaria às bodas dos sogros. Camila a apoiou integralmente. “Olha, Janete, foram dois sangramentos grandes. Seu peso aumentou muito, fora que sua pressão arterial anda fora de controle. É uma gravidez de alto risco. Como médica, eu peço que você não vá ao evento. Só que conhecendo meu primo e minha família como eu conheço, sei que vai ser quase impossível manter você em casa. Mas tem uma coisa: se decidir comprar esta briga, estarei com você para o que der e vier!”, disponibilizou-se, cada dia mais próxima, humana e afetiva.

O comentário da médica tinha sua razão de ser. E Janete o sabia. Ao verbalizar que pretendia faltar ao evento, foi ‘bombardeada’ por todos os lados. Thales argumentava que a sociedade estaria em peso lá. “Se você não for, vai parecer que há problemas entre você e meus pais. Minha mãe não aguentaria algo assim. Você pode ir pelo menos um pouco e ficar lá sentada. O que poderia acontecer? A Camila estará lá para qualquer eventualidade!”.

A sogra, mais sutil, mandou entregar um lindo vestido de gestante, bordado com pedrarias douradas. “Quero minha nora querida deslumbrante nas minhas bodas”, dizia um bilhete colocado sobre a caixa que continha o presente. A etiqueta, propositalmente ‘esquecida’ na peça, trazia o preço exorbitante daquele mimo, como se sussurrasse “olhe o quanto estou gastando contigo. O mínimo que você pode fazer, como ato de reciprocidade, é ir às minhas bodas!”.

Já sem forças para discutir, Janete condicionou sua ida a uma pequena lista: ficaria sentada na mesa o tempo todo e, quando se sentisse cansada, Thales a traria de volta para casa. “Claro!”, aceitou ele prontamente. Os problemas, porém, começaram já na escadaria do prédio no qual o casal morava. O esforço de descer pareceu sobre-humano para aquela gestante, de forma que ela chegou aos últimos degraus amparada nos braços do companheiro. Tinha as vistas embaçadas, suava frio, sentia náusea e uma forte pontada na cabeça que ia e voltava em uma cadência torturante.

Em vez de levá-la para um hospital, como ela insistia, Thales guiou o veículo no sentido do salão de festas, soltando piadas sem graça do tipo “quando você estiver lá, bebe logo um uísque cowboy que esse fricote passa”. Janete chegou pálida e ofegante à festa. A sogra pareceu não notar ou não se importar com o estado da nora, atarefada que estava em cumprimentar os importantes convidados.

O companheiro ficou com ela na mesa. Visivelmente entediado, começou a aceitar todo *champagne* que lhe era servido pelos garçons. Em curta fração de tempo estava embriagado. Thalita chegou, em seguida, com o esposo e seus dois rebentos. Sentou-se ao lado de Janete e perguntou se ela estava bem. Era evidentemente uma pergunta de cunho social, pois, sem dar atenção à palidez de Janete, ostentou excitada a máquina fotográfica digital que trouxera:

“Pretendo registrar os momentos mais divertidos e informais da festa, aqueles que normalmente são ignorados pelos retratistas que a mamãe contrata”, ressaltou. “Foi uma boa ideia, mana. Ei, você apagou aquelas fotos que estavam no cartão de memória?”, quis saber Thales. “Ai, nem sei. O Gerson é quem cuida disso... Amor, você mexeu nos registros da máquina?”, quis saber, voltando o corpo para o esposo.

“O Gerson não apagou nada não. Olha aqui essas fotos”, disse Thales, rindo daquelas memórias familiares de três ou quatro anos atrás. Virou-se então para a esposa: “Olha só isso... Mas era gostosa mesmo... Janete, diz se a Ester não era perfeita...”. Janete, sentindo as bochechas arderem em razão de mais aquela humilhação, respondeu que sim, pôs o rosto em outra direção e tentou se concentrar na música ambiente.

Esforçando-se para sorrir, acompanhou a série de homenagens ao casal e, assim que observou os primeiros convidados indo embora, pediu gentilmente a Thales: “Eu já estou muito cansada. Será que você pode me levar agora?”. “Você já quer ir embora? Olha, vou só terminar esse uísque e a gente vai”, respondeu ele prontamente.

Janete estranhou aquela presteza, tanto que, pela primeira vez na noite, sorriu de forma sincera. Mas àquele uísque se seguiram outros três. Temerosa e ciente de que o companheiro há muito não estava mais em condições de dirigir, sugeriu com toda

delicadeza que pôde: “Thales, é a festa dos seus pais. Você tem todo o direito de ficar e se divertir. Eu vou pedir um táxi...”.

“Mulher minha não anda de táxi”, cortou ele, batendo violentamente com a mão na mesa. Thalita, prevendo o desenrolar daquela situação desconfortável, afirmou: “Thales, meu irmão, a Janete realmente já ficou mais tempo na festa do que devia. Talvez fosse melhor você levá-la embora ou deixá-la pegar um táxi”.

“Eu já disse para ela que só ia beber mais essa dose e que depois eu a levaria embora”, garantiu, com voz alterada. “Você falou isso há três doses. Está completamente bêbado”, falou Janete ao tempo em que segurava o pranto. Dona Flávia Regina estava por perto, e se aproximou quando percebeu o acaloramento daquela discussão:

“Não faz drama, Janete. Meu filho está acostumado a beber. É só ele acabar mais essa dose e vocês vão para casa em segurança. Não é isso mesmo, Thales?”, a sogra tentou apaziguar. Thales, aparentando calma, balançou a cabeça em concordância e pediu desculpas pelo comportamento inadequado.

Todavia, assim que a irmã e a mãe se afastaram, voltou-se para Janete dizendo por entre os dentes: “Você acha que manda em mim, sua vadia? Eu vou beber o quanto eu quiser e você vai esperar. Quem você pensa que é para falar comigo assim na frente da minha família? E logo nas bodas dos meus pais? Maldita hora que eu resolvi assumir você e esse bastardo dos infernos. Olha a vergonha que você me fez passar. Você manchou de sangue a comemoração dos meus pais!”.

Ele continuava a falar. Fazia ameaças. Contudo, Janete não mais conseguia compreender as palavras dele. Uma tela branca surgiu repentinamente sobre os olhos dela. Escutou ainda um falatório crescente e gritos. Após isso, só um zumbido prolongado que foi serenado assim que tudo silenciou por completo. Aquilo era precisamente o que ela necessitava: nada; ninguém.

Deixou-se então levar por aquele sentimento imenso de paz e acolhimento que a dominava. Quanto tempo poderia passar daquela forma? Talvez a eternidade inteira, mas uma sequência repentina de bipes quebrou o silêncio. O branco começou a se misturar com outras cores, ganhando aos poucos formas desfocadas para Janete.

“Olhem, ela está acordando. Chamem a Camila, rápido”, alguém falou. Após piscar algumas vezes, compreendeu estar novamente em uma cama de hospital. Tudo apontava para isso: o barulhento monitor cardíaco, o soro preso por agulha e esparadrapos em seu braço direito, os grossos lençóis verdes, as pessoas com feições preocupadas ao redor do leito.

Atentava para essas coisas quando a porta abriu e a obstetra entrou, aparentando cansaço. “Como você está se sentindo?”, perguntou a médica. “Sinto dor”, respondeu num filete de voz. “Eu vou pedir para aumentarem a dose da sua medicação agora mesmo”, afirmou a doutora, segurando a mão esquerda de Janete. “Por que estou aqui?”, quis saber, esforçando-se bastante para pronunciar as palavras.

Camila respirou fundo antes de responder. “Você passou mal no final das bodas do tio Meireles. Tombou da cadeira, teve convulsões e entrou em estado de pré-coma. Fomos obrigados a trazer você correndo para o hospital. Seu estado clínico era bem grave. Assim que o centro cirúrgico foi liberado, realizamos às pressas uma cesária”, explicou Camila, apertando um pouco mais a mão de Janete.

O pálido rosto de Janete se iluminou como por magia. “E o meu filho, o meu Netinho? Cadê o meu bebê?”, quis saber com um brilho nos olhos que destoavam profundamente da fisionomia abatida que trazia no semblante.

Camila, sem conseguir manter o profissionalismo, abraçou Janete soluçando. “Eu tentei... eu tentei de tudo, Janete! Eu juro

que fiz tudo o que estava ao meu alcance! Toda a equipe fez! Eu juro! A gente tentou de tudo, Janete. Eu juro que a gente tentou!”.

Capítulo VI

PARTO

Passados três meses desde que Janete perdera o bebê, as pessoas já pareciam um tanto impacientes com a demora dela em superar o ocorrido. Thales há muito voltara a estudar e trabalhar. Também retomara a organização de farras que varavam a madrugada no apartamento. A diferença era que, agora, Janete ficava sempre trancada no quarto. Vez por outra ela precisava pegar água ou qualquer outra coisa na cozinha. Ao passar pelos convidados, não mais disfarçava o incômodo que sentia.

O companheiro reclamava daquele comportamento de “bicho do mato”. Insistia para que ela viesse se divertir e beber. Quando respondia, quase sempre falava algo próximo de “desculpa, prefiro ficar quieta no meu canto”. Não temia mais sofrer alguma retaliação em razão de tal posicionamento: Thales nunca armaria uma cena desagradável na frente dos amigos dele. E estaria bêbado demais para discutir depois que as pessoas tivessem ido embora.

Se Janete não mais participava daquelas farras, também não as proibia. Deixava os ditos “amigos” do marido se divertindo à vontade nas áreas comuns do apartamento. Quando a barulheira começava a incomodar, fazia uso de um comprimido, cuja caixa trazia a marca de uma tarja preta, e se permitia imergir em algumas boas horas de torpor.

No dia seguinte à festa, geralmente, arrastava Thales para a cama e limpava o grosso da sujeira espalhada pela casa. Não queria que a faxineira se assustasse muito ao chegar para trabalhar na segunda-feira. Estava conformada com tal rotina, e teria permitido a realização de muitas outras noitadas, se um dos amigos mais problemáticos do casal não tivesse extrapolado todos os limites possíveis.

Por alguma razão desconhecida, o remédio ingerido por Janete não havia promovido o efeito tranquilizador esperado naquela noite. Era o último da cartela. Estava mais impaciente por não conseguir “apagar” do que com as gargalhadas e com o volume da música de qualidade duvidosa que ecoavam a partir da sala.

A certa altura da noite, sentiu um cheiro de incenso muito forte. Mesmo não fazendo uso de drogas, sabia de cor e salteado os artifícios que alguns colegas de Thales empregavam para tentar disfarçar o característico odor do cigarro de maconha. Tão logo o cheiro do baseado chegou ao quarto dela, ouviu uma voz desconhecida falando alto que erva era “coisa de viado”.

Esse alguém continuou anunciando aos risos: “Trouxe uma parada de Dublin e quero ver quem vai aguentar o tranco”. A música parou repentinamente. O entorpecente devia ser líquido, pois um coral empolgado recitou num portunhol esquisito algo que deveria significar “*arriba, abajo, al centro e adentro*”.

A brincadeira foi seguida de uivos animalescos. “Por que os vizinhos não chamam a polícia?”, pensou Janete, irritada. “Esses demônios a qualquer momento vão derrubar a casa”, verbalizou, como se estivesse prevendo o que estava por vir: fortes pancadas seguidas um grande estrondo. Sobressaltada, Janete pulou da cama e saiu do quarto para ver o que tinha ocorrido.

Por causa de um amontoado de gente espremida no pequeno corredor, demorou uns instantes para perceber que um dos convidados de Thales havia derrubado a porta do quarto que teria sido de Netinho. O rapaz saía de lá trazendo nos lábios um mordedor em formato de ursinho. Ver violado o memorial do filho morto foi demais para ela. Sem titubear, enxotou todos do apartamento, praguejando descontroladamente.

Thales nunca vira Janete daquela maneira. Limitou-se a pedir desculpas para algumas pessoas que saíam porta afora, antes de seguir cabisbaixo e se deitar no sofá da sala. Ao acordar, restaurou

a porta do quarto e foi ao encontro de Janete, possivelmente desejando iniciar um de seus torturantes monólogos: “Com que cara eu vou convidar nossos amigos para vir aqui novamente?”, indagou.

Com histeria, ela garantiu que ele nunca mais chamaria nenhum daqueles “vermes” para dentro da casa dela. Thales, pela primeira vez, aparentou não saber como reagir. Pegou uma blusa e saiu, bramindo que somente voltaria quando Janete estivesse “mais racional”. Daquele dia em diante, observar Thales ultrapassar o horário do *happy hour* sem aviso prévio se tornou rotina.

Várias vezes por semana, o esposo de Janete voltava alcoolizado da rua, trazendo um “foi você quem quis assim” guardado na ponta da língua, para o caso de a mulher reclamar. Estranhamente, ela nunca criticava nem as saídas nem os horários de regresso dele.

Veza por outra, ao chegar embriagado, exigia sexo. E Janete permitia que o parceiro se aproveitasse de seu corpo inerte limitando-se a emitir gemidos de dor, facilmente confundidos por ele com os de prazer. E a frieza dela com ele não se limitava à cama. Quando o consorte puxava algum assunto, a jovem buscava encerrar logo a conversa, concordando desatentamente com tudo o que ele dizia.

Negava sempre os convites dele alegando não se sentir disposta para sair. Não mais o esperava chegar para fazer as refeições, mesmo estando a par de que ele odiava comer sozinho. Thales começou então a reclamar publicamente por não receber mais nenhuma atenção. “Janete está deprimida. É natural depois de vivenciar momentos tão difíceis. Você precisa ser complacente e ajudar sua mulher”, ela ouviu, por acaso, o aconselhamento do sogro.

Doutor Meireles parecia ser o único a compreender o que ela passava. Os demais somente a pressionavam, ignoravam a dor dela e afirmavam que já estava na hora de ela retomar a rotina de trabalho e estudos. Diante de tais cobranças, mais de

uma vez, ela simplesmente virou as costas, deixando as pessoas falando sozinhas.

Essa atitude grosseira, porém, não pôde ser usada no dia em que a gerente de Recursos Humanos do escritório no qual Janete estagiava lhe telefonou. “Escutei rumores de que doutor Tertuliano está cogitando contratar alguém para o seu lugar... A demanda de trabalho cresceu, e não é possível sustentar sua situação por mais tempo”, alertou Marise.

“Eu volto amanhã”, respondeu, aparentemente de supetão. Todavia, em milésimos de segundos, Janete raciocinou que vinha há vários meses recebendo salário sem comparecer ao serviço. Precisava daquele dinheiro, pois era com ele que pagava as despesas da casa. Reconheceu que estava abusando da boa vontade do chefe e completou: “Talvez, seja bom voltar a trabalhar”.

Na manhã seguinte, Thales a deixou cedo no escritório. Lá chegando, a moça evitou os olhares curiosos que lhe eram lançados pelos funcionários da Tertuliano Maia & Associados. Uns colegas ficavam nitidamente desconfortáveis diante da presença dela. Não faziam por mal, simplesmente não atinavam sobre que palavras de consolo deveriam dizer ou o que perguntar.

Em razão disto, Janete achou várias vezes que sucumbiria durante a primeira hora de trabalho. Contudo, assim que começou a abrir as capas de processos que lhe foram passadas, teve a certeza de que estava sendo envolvida por uma espécie força revitalizadora. Debruçou-se, então, com afinco sobre a pilha de pastas e, satisfeita, finalizou o dia.

Organizava sorridente a mesa pouco antes de ir embora para casa quando foi chamada, em tom de urgência, à sala do doutor Tertuliano. Seguiu tensa pelo largo corredor, sem conseguir distinguir quais os quadros e as esculturas foram trocados enquanto ela esteve de licença médica. Atravessou as portas de madeira maciça com puxadores dourados quase escorregando sobre o alvo mármore italiano.

Sentou-se desajeitadamente na confortável poltrona preta de couro argentino. Completamente trêmula, cria não aguentar caso fosse dispensada. Perdera o filho e, há três meses, ia sobrevivendo sem saber bem o porquê ou para quê. Até o dia anterior, tanto fazia para ela estar viva ou morta. Mas, desde que reiniciara o trabalho, algo ocorrera.

Não sabia definir com clareza o que era, porém intuía ser algo tão necessário quanto o ar para a própria sobrevivência. Pensava nessas coisas quando doutor Tertuliano chegou, cumprimentando-a. Iniciou a conversa lamentando todo o ocorrido. Olhava-a nos olhos com humanidade.

Foi gentil ainda quando saiu do âmbito particular para entrar na questão profissional e perguntar sobre os processos que ela havia recebido naquela data. O medo de ser demitida já havia se dissipado há algum tempo, e Janete falou desenvolta sobre tudo o que lera acerca dos documentos recebidos. Mencionando detalhes de cada uma das petições, informou sobre o encaminhamento que pretendia sugerir àqueles casos.

Doutor Tertuliano não ocultou o entusiasmo. “Fico extremamente satisfeito em constatar que as dificuldades pelas quais passou não prejudicaram a sua dedicação. Assim que conheci os candidatos inscritos no seu processo seletivo de estágio, apostei que você seria uma grande aquisição para nosso escritório. Não foi somente por amizade a Meireles que esperei por sua recuperação. Esteja certa de que o Maia & Associados pretende investir em você”, garantiu o renomado jurista.

Num reflexo de euforia, após sair da reunião, Janete ligou para Thales. Ele não atendeu, contudo, respondeu por mensagem: “Estou em audiência. Pegue um táxi e vá para casa, pois não sei que horas isso aqui vai terminar”. Assim ela procedeu e, enquanto aguardava o companheiro, telefonou para o pai.

Pedi que Seu Demerval renovasse a matrícula dela na universidade. “Eu já fiz isso, minha filha. Tinha esperanças de que seu gosto pelos estudos fizesse você vencer essa depressão. Suas aulas devem começar nas próximas semanas”, avisou, satisfeito. Com tantas reviravoltas positivas, aquele dia merecia ser comemorado.

Janete preparou, então, o prato predileto de Thales: bife empanado com fritas. Colocou um vinho para gelar e arrumou a mesa com esmero. Enquanto o aguardava, sentou-se na poltrona, tendo à mão lápis e papel. Rascunhava algumas ideias para os processos do trabalho quando uma onda de tristeza repentina começou a inquietá-la.

Olhou de soslaio para a porta do quarto de Netinho e um calafrio imediatamente lhe percorreu a coluna. Instintivamente, passou a mão sobre a barriga flácida sentindo nos lábios o salgado das gotas que caíam de seus olhos. Abraçada a uma almofada, permitiu-se cochilar. Mas não por muito tempo: um solavanco involuntário em seu próprio corpo a fez tombar para frente, despetando-a.

A luz vermelha do aparelho de DVD mostrava um horário adiantado: já passava das 23 horas. “Thales devia já ter chegado”, pensou ressentida. Tinha fome, e era natural tendo em vista que a última refeição fora feita por ela há quase 12 horas. Sentou à mesa e comeu uma porção de bife frio com batatas. Encheu a taça com vinho e fez um brinde solitário antes de colocar mais comida no prato.

Mesmo fria, a refeição estava apetitosa. Janete, entretanto, não saboreava aquilo. Mastigava com força e engolia as porções em um rompante de nervosismo. Quando deu por si, havia acabado com tudo. “Thales ficará irritado, porque não deixei nada para ele”, deduziu, sentindo a respiração querendo ficar ofegante. “Quer saber? Ele vai chegar trocando as pernas. Nem vai notar a falta de um jantar”, falou em voz alta antes de se recolher ao quarto.

O barulho do alarme no celular do marido a despertou. Janete não o vira chegar, todavia, como ela imaginava, o corpo do companheiro estava impregnado de bebida e fumaça de cigarro. Janete, então, levantou-se, tomou banho, vestiu-se e tentou acordar o rapaz. Mas ele somente se mexia ao abrir a boca para emitir roncões altos e descompassados.

Receando perder a hora, Janete foi correndo para o ponto de ônibus. Apesar dos engarrafamentos nas vias principais, chegou a tempo no escritório. Já estava concentrada nos processos há alguns minutos quando notou o celular vibrando. Era Thales, ainda ébrio, exigindo saber por onde ela andava. “Vim para o estágio de lotação. Você estava dormindo e...”, começou a explicar.

“Mentirosa. Aposto que algum macho a levou, se é que você está mesmo no trabalho...”, interrompeu-a, bradando em seguida incontáveis absurdos. O coração disparou, gotas de suor começaram a brotar na testa dela. Janete respirou fundo algumas vezes e se sentiu um pouco revitalizada, apesar dos gritos do cônjuge ao telefone.

Olhou ao redor da mesa certa de que não merecia nem precisava ouvir aqueles despautérios. “Thales, eu estou no meu trabalho. Não fiz absolutamente nada demais. E é, no mínimo, injusto eu ficar aqui ouvindo esse tipo de acusação”, esclareceu, antes de desligar o telefone. Ele voltou a telefonar, porém ela não mais atendeu.

Foram dezenas de chamadas perdidas antes que a bateria do celular dela arriasse. Na hora em que saiu para almoçar, foi informada pelo segurança de que Thales havia ido até o escritório. Seu Jucá estranhou o comportamento do moço. “O marido da senhora parecia meio estranho. Quis saber a hora de sua chegada e, quando eu respondi, ele saiu correndo como um doido. Quase uma moto o pegou bem no meio dessa rua”, contou.

Preocupada, Janete tentou contatá-lo. O celular estava desligado. Discou o número do escritório do tio dele. “Ele não veio trabalhar hoje, e novamente não justificou a falta”, informou, com ares de impaciência, a chefe imediata de Thales. Nem Dona Flávia Regina, nem Thalita e nem alguns amigos mais próximos sabiam onde encontrá-lo.

Cogitou pedir ao chefe para sair mais cedo. Todavia, compreendia que aquele não era o comportamento esperado de um funcionário responsável – especialmente o de um que passou meses afastado, recebendo os vencimentos por pura camaradagem do dono da empresa. Decidiu cumprir a carga horária, acreditando que não conseguiria se concentrar direito no trabalho.

Ledo engano: foi só começar a revisar uma das defesas que estava preparando para se esquecer completamente do sumiço de Thales. A preocupação ressurgiu apenas mais tarde, quando Janete ligou para pedir que ele a buscasse, e ouviu a gravação dizendo que o número discado estava “fora da área de serviço ou temporariamente desligado”. Tomou um táxi e rumou para casa.

Ao chegar na área comum do condomínio, observou que o carro não estava na garagem. “Ele não está em casa”, julgou, dividida entre o alívio de evitar um confronto e o receio de algo mais grave ter ocorrido. Entrando no apartamento, viu roupas pelo chão, bem como copos sobre a mesa e ao lado do sofá. “Ao menos ele esteve aqui”, deduziu sem esforço.

Começou a catar as coisas espalhadas e, em razão desta tarefa, levou alguns instantes para se dar conta de que a porta do quarto do filho estava escancarada. O corpo dela paralisou ao tempo em que a mente se inundou de cogitações. Teria o esposo de Janete destruído algo ali? Desfizera-se dos móveis, das roupas e dos brinquedos, como prometera recentemente durante um acesso de raiva?

“Ele não tinha esse direito”, vociferou furiosa, antes de seguir para o cômodo e se deparar com uma cena inesperada:

Thales dormindo em posição fetal sobre o tapete. O rosto dele estava marcado pelo sofrimento. Certamente, chorara muito antes de cair em sono profundo. Mais uma vez, Janete sentiu pena daquele homem.

Por mais que sofresse com as acusações infundadas e com as atitudes levianas dele, sabia que Thales não passava de um pobre-diabo. A sogra de Janete, Dona Flávia Regina, era dominadora, interferia diretamente nas decisões dos filhos, mas nunca se esforçara para dar carinho ou limites a eles. Os três foram criados por empregadas, em sua maioria ignorantes e desprovidas de direitos.

Thalita e Thiago, em algum momento, deram-se conta de que não adiantava exigir daquela mulher uma postura que ela não dispunha para oferecer. Era preciso arrumar um jeito de amadurecer sem permitir que aquela ausência de cuidados maternos se tornasse um trauma. Assim, eles fizeram, apegando-se à avó paterna ou mesmo a uma ou outra criada mais afetiva.

Thales, em oposição aos irmãos, crescera fisicamente como um garoto problema. No fundo, contudo, não passava de um menino implorando ao mundo para ser notado e acolhido. Janete compreendia aquilo como ninguém. Também havia nascido em um lar no qual inexistia o que socialmente se espera de uma mãe.

Ela própria elegera os estudos como forma de substituir aquele vazio deixado por Dona Inácia. Entretanto, estava ciente de tudo o que sofrera por causa da ausência de uma mãe que a orientasse. Cuidar de Thales e tentar ajudá-lo a superar aquilo era também uma maneira de se ajudar. Ao menos ela acreditava nisso.

Foi, então, amorosa ao acordar o companheiro. Assim que ele recobrou a consciência, agarrou-se na esposa, implorando que ela nunca o deixasse. Pediu perdão por tudo o que a fizera passar na gravidez e, pela primeira vez, assumiu a culpa pela perda do bebê. “Se eu não fosse tão imbecil, nosso Netinho estaria aqui conosco”, segredou, trazendo o rosto inchado e úmido.

Janete não sabia o que falar ou mesmo o que pensar. Abraçou-se a ele e chorou. Assim, eles ficaram por bastante tempo. Após aquele momento de consolo mútuo, decidiram doar tudo o que havia sido comprado para a criança. Não planejavam outro filho. E, mesmo se ocorresse uma nova gestação, todo aquele enxoval estava marcado pela mais profunda dor.

Ademais, não havia razão para manter um mausoléu no apartamento. Netinho já descansava na pequena cova dele. Refletindo acerca dessas coisas, Janete recordou que, desde o velório daquele pequeno anjo, não conseguira reunir forças para voltar ao cemitério.

Pouco se lembrava do triste dia em que o corpo do filho fora entregue para a terra. Esteve todo o tempo sob efeito de fortes medicações, pois não podia lidar com a perda do filho tão desejado, com as dores da cesárea a que fora submetida e com a incerteza sobre querer continuar vivendo. Após bastante esforço, trouxe à mente umas poucas palavras do padre sobre a necessidade de aceitar os desígnios de Deus, ditas naquela colina verdejante.

Que Deus poderia ser tão cruel a ponto de arrancar a única razão dela para sorrir? Que Deus era capaz de patrocinar um sol lindo e um céu sem nuvens no dia em que uma criança tão amada apodrecia sendo comida por vermes? Janete não compreendia essas e muitas outras coisas, mas desejou profundamente que existisse, sim, um Deus.

Queria que Ele aparecesse na frente dela para poder agredi-lo física e verbalmente. Talvez isso retirasse um pouco de toda aquela mágoa que dilacerava o próprio peito. “Pai, meu Pai do Céu, meu Pai do Céu, eu quase me esqueci, me esqueci do Teu amor. Vele por mim, vele por mim, que seja feito assim!”, escutou repentinamente.

O refrão da música era cantado por um padre e seu coral de fiéis, durante um programa religioso transmitido aos domingos

por uma emissora de TV líder de audiência. Sem saber por que, Janete caiu de joelhos, derramando lágrimas que pareciam brotar da própria alma. Até por não ser religiosa, desconhecia o que motivara o transbordar de tanto sentimento.

Talvez, cogitou, aquela emoção retomasse algo bom da infância dela, de um período ainda sem medos, no qual os pais a levavam à missa. Janete ignorava os motivos de a família dela ter parado de frequentar a Igreja. Sabia apenas que o pai, Demerval, abandonou as práticas católicas, mas não as crenças religiosas dele.

Por sua vez, a mãe, Inácia, enquanto esteve viva, manteve um altar no canto da sala de estar da mansão na qual a família vivia. Rezava sempre com um terço nas mãos. Também gostava de assistir à Santa Missa, e a cantarolar, desafinada, algumas músicas gravadas pelos padres.

Longe de chegar a uma explicação lógica, permitiu-se ser conduzida por aquela emoção irracional. Estranho é que aprendera que religião nada mais era que o ópio do povo. E ia além: observava o quão danosa a prática religiosa havia sido historicamente, fosse em movimentos antigos, como os das Cruzadas e os da Inquisição, fosse atualmente, a exemplo da centralização islâmica da vida política no Oriente Médio.

Em análise local, baseava-se nos estudos do cientista político Romero Jacob, que relacionava a proliferação de evangélicos a discursos pentecostais de salvação em um período de crise urbana. Parecia meio óbvio que pregações inflamadas de pastores alentavam pessoas abandonadas à própria sorte em locais nos quais o Estado não podia ou não queria levar educação, saúde, saneamento básico ou um mínimo de dignidade.

Religião, para Janete, era então sinônimo de alienação, restrição de liberdades e ainda um agente motivador da ampliação de preconceitos. Mas como explicar o fato de alguns versos, cantados por um padre sem um notório talento musical, lhe trazerem um profun-

do sentimento de paz e conforto? Assistir à missa naquele domingo com os sogros não lhe forneceu mais respostas sobre aquele mistério.

Os ritos católicos, ilógicos para ela, e a cansativa homilia do padre, apenas causaram aborrecimento. Foi durante um sermão, visto ao acaso em um canal católico, que Janete compreendeu ser possível unificar fé e razão. Nele, um padre com aparência jovial falava sobre a importância de impor limites aos outros. Aquela mensagem parecia ter sido feita para ela.

Terminado o programa, Janete buscou o nome do padre no Youtube. Descobriu que existiam inúmeras palestras completas dele, bem como várias edições de um programa que ele apresentava. Trazendo na cabeça o mesmo *headphone* que Thales costumava usar quando assistia a vídeos pornográficos na internet, Janete se emocionou com uma palestra do tal missionário de Jesus a ponto de perder a hora para um compromisso com o marido.

“Porra, Janete, está de novo babando o ovo desse padrego? É o quê? Fetiche por homem de vestido?”, ironizou. “Thales, deixa de grosseria. Esse cara é diferente. Ele trabalha os temas cristãos com base na psicologia e na pedagogia...”, tentava justificar. “Porra nenhuma. Assuma logo que você vê essa merda porque ele é tirado a gostosinho. Deve ser o maior comedor da Igreja!”, cortou-a, sem disfarçar a raiva.

“Não respeita um padre, não me respeita... O que você respeita, Thales?”, quis saber ela, tentando parecer firme. “Respeitar você? Como se você não se dá ao respeito? Tá aí comendo a porra de um padre com os olhos bem na minha cara. Imagine o que não faz pelas minhas costas. Quer mais? Fica aí vendo esse sacana que eu vou procurar o que fazer. Pra mim, já deu dessa palhaçada. Fui!”, avisou grosseiramente, batendo primeiro a porta do quarto e, depois, a da sala.

Thales não retornou naquele domingo, e Janete tentou não se preocupar. “Notícia ruim chega a galope”, costumava dizer o

pai dela. “Ele saiu por livre e espontânea vontade. É adulto, vacinado e sabe o caminho de volta, se é que pretende voltar”, pensou, antes de se arrumar para o estágio. Minutos depois, estava no escritório, completamente imersa no trabalho.

O dia teria passado dentro de uma aparente rotina de normalidade, entretanto, perto do final do expediente, doutor Tertuliano entrou no setor dela, distribuindo ingressos para a apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado. “Minha filha musicista, a Magnólia, irá se apresentar nesta quinta. E eu faço questão da presença de todos lá no teatro!”, convidou orgulhoso.

Após receber dois convites de cortesia, Janete sentiu o celular vibrando na bolsa. Assim que desbloqueou a tela, viu uma mensagem nele. Dizia: “Desculpe-me pelo que falei ontem. Já estou aqui na porta te esperando. Precisamos fazer as pazes!”. Ela, mais uma vez, se viu dividida na vida: ao tempo em que queria colocar tudo em pratos limpos e fazer uma história completamente nova com Thales, já amadurecia a ideia de que apenas sem ele recuperaria a liberdade e a paz.

“Eu não sei o que deu em mim ontem. Acho que fiquei com ciúmes daquele padre. Ele lá, todo bonitão e sarado enquanto eu...”, começou Thales, assim que Janete acomodou-se no carro. “É um padre, Thales. Um padre.”, cortou ela de forma seca.

“Está certo. Foi idiotice minha. Mas me deixe falar: quando saí ontem de casa, encontrei o pessoal do partido. Bebemos a tarde inteira e, depois, fomos para a casa do Rogério. Tinha umas garotas lá, uma ficou me dando mole...”, revelou. “Foi realmente para falar isso que você veio me buscar?”, arguiu Janete, sem disfarçar a irritação.

“Que merda tá dando em você? Escute, cacete. O que eu vou dizer é importante: eu quero que você saiba que a garota era muito gostosa. E que eu não quis nada com ela. Pensei em você. Pensei no nosso filho. Os caras ficaram me zoando. Falaram que

eu era bicha e as porras. Mas eu a dispensei. E fiz isso porque quero mudar de vida, Janete. Eu quero ser um bom marido para você, um pai exemplar para os nossos filhos...”, disse, buscando abraçar Janete.

Ela, todavia, não respondeu: manteve os braços caídos sobre as próprias pernas. Apertando-a com força contra o seu corpo, o esposo desabafou: “Se eu não fosse tão imbecil, nosso Netinho estaria aqui conosco”. Ouvir tais palavras por uma segunda vez fez com que a jovem se desse conta de que, sim, aquilo era a verdade.

Não fossem os ciúmes doentios, as agressões verbais e a imaturidade dele, talvez Janete estivesse carregando o menino dela no colo naquele momento. A reinterpretação que deu àquela frase dita por Thales a deixou cheia de horror contra o homem que a abraçava. Desvencilhou-se com agonia dos afagos recebidos e foi somente aí que percebeu que Thales estava com olhos lacrimosos.

Não soube lidar com a situação. Ou melhor, não soube mais se acreditava na sinceridade daquele pranto. O enredo com o companheiro era quase sempre o mesmo: ele primeiro surtava criando traições mentais e, em seguida, a xingava e humilhava. Caso ela conseguisse reunir forças para reagir aos insultos, ele novamente a derrubava ao se fazer de vítima.

Não bastava mais acreditar nas promessas de mudança dele, pois Thales logo encontraria uma situação, nova ou repetida, e a usaria para fazer Janete se sentir diminuída como ser humano. Ciente disto, como ela poderia reagir? Sem conseguir encontrar uma solução, buscou ganhar tempo mudando o foco daquela conversa.

“Olhe, doutor Tertuliano acabou de me entregar uns ingressos. A filha dele vai se apresentar no teatro com a orquestra do Estado na véspera do feriado. Ele faz questão da presença de todos os funcionários do escritório. Você já tem alguma outra programação?”, perguntou secamente. “Não, não. E, mesmo se

tivesse algo para fazer, desmarcaria. Nós vamos sim!”, respondeu ele, animado.

No fim de tarde da quinta-feira na qual Magnólia se apresentaria, a regra de Janete desceu. Desde a cesariana em que perdera o filho, menstruar era um tormento. Os analgésicos mais fortes tinham efeito similar ao de água com açúcar contra cólicas que mais pareciam contrações.

Sentia ainda ânsias de vômito desde as últimas horas em que trabalhou. Mesmo assim, Thales insistiu que o casal fosse para o teatro. “A gente aproveita que amanhã é feriado, assiste à orquestra da filha do seu chefe e, depois, vai para um bar com uns colegas. Você irá se distrair e isso aí vai passar”, garantiu.

Janete desejava apenas descansar. “Eu não vou forçar a barra. Você pode ir, se quiser. Vou ficar em casa.”, decidiu. Thales não esperou a esposa falar uma segunda vez. Tomou banho após fazer um lanche rápido, vestiu-se e saiu, deixando para trás um rastro de perfume amadeirado.

Por volta das dez horas da noite, a moça começou a vomitar. Desesperada com aquela situação, telefonou para o consorte pedindo que ele voltasse para casa. A resposta dele veio aos berros: “Você não vai me controlar com esses seus dramas fingidos. Sabe o que vou fazer agora? Vou encontrar os caras para beber e só volto para casa quando eu quiser!”.

Às duas horas da manhã, ele ainda não havia chegado. Janete jurou que chamaria um táxi e iria para um hospital se fosse necessário, mas não tornaria a pedir a ajuda de Thales. Sentada no sofá da sala, considerou o profundo distanciamento criando entre os dois. Depois do que vivenciara, não tinham mais nenhum assunto em comum, e aquela rotina dele de estar em bares rodeada de pessoas bêbadas não parecia fazer mais sentido algum para ela.

Ela sequer compreendia como, apesar de reclamar do preço de produtos básicos da alimentação em casa, Thales esbanjava

fortunas nas saídas com os amigos. Está certo que ele havia reduzido drasticamente as farras por um tempo, logo após a perda do bebê. Mas nunca deixou de lotar o apartamento com estranhos ou de consumir bebidas alcoólicas até se deixar ficar inconsciente em algum canto da casa.

Especialmente nos dias que se seguiram à cirurgia, era desgastante para Janete incorporar a figura da mãe chata que impunha limites e finalizava as festinhas do “filho pós-adolescente postiço”. Havia, no entanto, uma compensação naquilo: após organizar a bagunça decorrente daqueles eventos, Janete podia tirar o telefone do gancho e relaxar por longas horas. Sem as ligações da sogra, Thales só acordaria bem depois do meio-dia.

O casal, então, saíria para almoçar fora. Almoçar? Na realidade, eles parariam em algum *fast food* e pediriam um combo promocional qualquer. Janete já havia parado de tentar convencer Thales de que hambúrguer com fritas e refrigerante tamanho gigante não era algo necessário, mesmo que custassem apenas algumas moedas a mais que a porção normal.

Em vez de iniciar uma nova discussão inútil, comia a ponto de se sentir desconfortável, deixando, ainda, uma grande quantidade de sobras na bandeja para ele devorar. Comendo dessa maneira, ela tinha consciência, ficava praticamente impossível recuperar o corpo saudável que exibía antes da gravidez.

E o controle da alimentação era algo fundamental, uma vez que Thales não permitia a ela se matricular em nenhuma academia. Aqueles espaços eram “lugar de marombado acéfalo e de vagabundas”, propagava ele preconceituosamente, sem cogitar os benefícios da atividade física para o corpo e para a mente.

Além de estar bem acima do peso ideal, Janete vinha descurando muito de si mesma. Nunca fora vaidosa, mas não conseguia lembrar a última vez em que se deslocara espontaneamente

até um salão. As roupas dela também não a favoreciam: as poucas que ainda serviam estavam opacas de tão usadas.

Thales, por sua vez, havia melhorado muito em relação ao período no qual ambos se conheceram: em vez de camisetas com mensagens comunistas furadas e bermudões manchados, trajava, agora, ternos de caimento perfeito e calçava sapatos italianos sempre bem lustrados.

Janete não havia se dado conta desse abismo estético criado entre eles dois até que um subalterno do sogro, desavisado, dirigiu-se a ela e solicitou café com o mesmo tom arrogante que comumente se dirigia às empregadas de Dona Flávia Regina. Janete, com humildade habitual, foi à cozinha e trouxe o café.

O rapaz somente se deu conta do equívoco no instante em que notou a presença da suposta criada ao lado do filho do doutor Meireles. Assim que pôde, criou uma brecha para, envergonhado, pedir desculpas à nora de Seu Ariosto.

“Sabe, o problema não é pedir um café. É se achar no direito de humilhar uma pessoa em razão da aparência ou da posição social. E eu também lamento muito. Não por você ter me confundido com uma empregada, mas, sim, por tratar tão mal um ser humano, independentemente da classe dele”, desabafou, estranhando a própria firmeza.

Relembrava esse ocorrido quando começou a escutar o barulho do molho de chaves se chocando desastrosamente contra a porta social do apartamento. Eram, mais ou menos, três horas da madrugada. Thales obviamente estaria tendo dificuldades para encaixar a chave na fechadura por razão do estado etílico em que se encontrava.

A cena a seguir foi algo patético de se observar: o filho de desembargador, às quedas, tateava as paredes para tentar entrar em casa. Tombando aqui e ali, pousou o celular e a carteira sobre a mesa de jantar. Tirou a blusa e a arremessou para um lado da

sala. Repetiu a operação com os calçados e, em seguida, com a calça. Seguiria de cuecas para o quarto, se o vulto de Janete sentada em meio à penumbra da sala não o tivesse assustado.

“Porra, você quer me matar? Que diabos você está fazendo aí? Você não é minha mãe, sua vadia de merda”, esgoelou-se irritado, sem se dar conta de que a companheira não passava nada bem. Com o rosto inchado de tanto chorar, Janete se calou diante de todas as queixas e ameaças dele. Seguiu para o quarto em silêncio após o cônjuge exigir que ela desaparecesse da vista dele.

Pretendia se jogar na cama e sufocar no próprio choro, agarrada a um travesseiro. Porém, algo chamou a atenção dela enquanto passava em frente ao espelho fixado na porta do guarda-roupa. Repentinamente parou e encarou o próprio reflexo. Por algum tempo, tal qual fizera há muitos anos, no início da puberdade, visualizou aquela projeção, buscando achar traços de culpa que justificassem todo aquele padecimento.

Concluiu então o que não conseguiu no passado: ela era a vítima de tudo aquilo. “Eu não tive culpa. Eu não tenho culpa”, repetiu duas ou três vezes, em timbre de altura e intensidade crescentes. Esse vislumbre de consciência deu-lhe forças. Movida por essa energia desconhecida, retornou para a sala. Thales estava jogado no sofá, assistindo a qualquer coisa na televisão. Assim que a viu, levantou-se disposto a retomar a briga. Contudo, antes de pronunciar quaisquer palavras, Janete o encarou, esbravejando:

“Escute, seu cretino. Está vendo isso? Olhe bem para os meus cabelos desgrenhados, veja os trapos que ando vestindo. Sou uma mulher de 20 e poucos anos que aparenta mais de 50. Isso é obra sua, da sua possessão, dos seus ciúmes doentios”. Antes que ele conseguisse pensar em elaborar uma frase completa, Janete continuou, como se as palavras dela fossem balas saídas de uma metralhadora:

“E quer saber? Nunca mais venha me acusar de algo que eu não fiz, porque eu não vou mais tolerar. Também não torne

a repetir que eu quero controlar você. Eu não falei nada nem mesmo quando você levou aquela sua piranha para o chá de bebê do meu filho. Você é o paranoico aqui. Sua loucura matou o meu Netinho, mas não vai me matar”, afirmou confiante.

Não esperou reação nenhuma da parte dele. Simplesmente virou as costas e seguiu com um princípio de taquicardia para o quarto. Olhou-se mais uma vez no espelho. Podia visualizar com nitidez uma espécie de chama no próprio olhar. Posto que aquilo parecia lhe incendiar por dentro, resolveu tomar banho. Perfumou-se em seguida, como há muito não fazia. Vestiu a melhor camisola e se deitou, decidida a sonhar com dias melhores.

E esses sonhos não foram abalados nem mesmo por Thales, que, após estirar o corpo ao lado do dela na cama, acordou-a, anunciando: “Eu quero a separação”. Antes, quando ele tocava no assunto, Janete se desesperava e acatava qualquer absurdo sugerido pelo companheiro, em razão, talvez, do medo de ter de enfrentar o mundo sozinha e desprotegida.

Agora, percebia tal frase como mais uma jogada dele para reassumir o controle da situação. Daquela vez, entretanto, Janete não sentiu receio, pena ou raiva. Seria melhor mesmo que ele fosse embora de uma vez por todas. “Prefere sair agora ou depois que amanhecer?”, indagou. Como ele manteve-se mudo, Janete virou para o lado e, em questão de minutos, retomou os sonhos.

Desde que começaram a se relacionar intimamente, Janete sempre acordava muito antes de Thales. Contrariando o padrão, foi ela quem levantou mais tarde naquele feriado nublado. Mal abriu os olhos, reparou que o marido estava fitando-a com expressão de impaciência, sentado sobre uma cadeira colocada por ele na frente da escrivaninha do computador.

Ele esperou um pouco, possivelmente para ter certeza de que a jovem realmente estava acordada. Somente então ficou de pé. Apontando para duas bolsas de viagem colocadas nos pés da

cama, bradou: “Depois do que você fez ontem, estou decidido a ir embora. Faça minhas malas”.

O conteúdo estapafúrdio daquela ordem mexeu mais com Janete que a decisão de Thales. Tentando parecer razoável e escolhendo a dedo as palavras, ela disse calmamente: “É você quem está decidindo terminar tudo e sair de casa. Eu não tenho por que fazer mala alguma”. A tranquilidade dela pareceu irritá-lo ainda mais.

O rapaz engrossou a fala, exigindo que a esposa levantasse logo para fazer as malas, posto que ele pretendia sair daquele apartamento o mais rapidamente possível. Janete repetiu em tom professoral que, se ele queria ir embora, ele mesmo deveria fazer as próprias malas.

Após tais colocações, espreguiçou-se demoradamente, como se nada estranho estivesse ocorrendo, levantou e tomou a direção do banheiro. Thales a alcançou e, usando o próprio corpo, barrou a passagem dela. “Você não vai botar os pés para fora deste quarto enquanto não arrumar as minhas coisas”, garantiu grosseiramente. Sem se intimidar, a jovem pediu licença com gentileza e tentou contornar aquele homem transtornado.

A ação dela obteve uma reação brutal: Janete foi empurrada violentamente para a cama, enquanto ouvia do agressor que ela só sairia dali depois de juntar as coisas dele. Nesse momento, Lenirdes, a faxineira, aproximou-se do quarto do casal. Lançando um olhar preocupado para Janete, a empregada balbuciou nervosamente que o café da manhã já estava servido. Thales, esforçando-se para mascarar a irritação, avisou que eles não estavam com fome. Dito isso, bateu e trancou a porta.

Flashes de uma cobertura jornalística sobre uma adolescente mantida em cárcere privado até ser assassinada pelo amante vieram à mente dela. Janete rememorou na carne o pavor que vivenciava quando, ainda criança, recebia as ameaças do tio pedófilo. Tremia de forma incontrollável, com o coração pulando forte no peito.

“Dona Janete, eu estou aqui. Se precisar de qualquer coisa é só avisar que eu grito por ajuda”, escutou a faxineira dizer, determinada, do lado externo do quarto. Aquela frase simples de apoio garantiu um novo ânimo para Janete enfrentar o olhar desequilibrado de Thales. “Posso morrer, mas vou morrer lutando. Chega de ser vítima”, decidiu.

Ela enxugou a toda água que lhe saía dos olhos e enxarcava o próprio rosto, respirou fundo e reafirmou firmemente que não faria mala alguma. Trazendo um ar de muita contrariedade, mas sem falar alto por receio de Lenirdes chamar a polícia ou avisar algum vizinho, Thales continuou a exigir, por horas a fio, que a esposa arrumasse as coisas dele.

Como Janete se mantinha irredutível às ordens, foi impedida de comer, beber e mesmo de ir ao banheiro. A serviçal tornou a bater à porta na hora do almoço e ouviu o patrão dizer que o casal não pretendia almoçar. Aquela sessão de tortura psicológica somente foi interrompido com o interfone do apartamento tocando, já no cair da tarde.

O barulho pareceu provocar uma súbita alteração no comportamento dele: em milésimos de segundos, foi de torturador frio e calculista a marido apaixonado. Ajoelhou-se aos pés de Janete e, agarrado às pernas dela, assegurou que nunca quis ir embora de verdade e afirmou que a amava muito. Pediu perdão por tê-la assustado e jurou que eles ficariam sempre juntos e felizes dali por diante.

Exatamente como nos momentos de agonia que antecederam a cirurgia de Dona Inácia, há alguns anos, Janete ficou paralisada. Somente notou que Thales havia saído quando Lenirdes, esbaforida, entrou naquele cômodo. “Ele machucou a senhora?”. Ainda em choque, a patroa nada respondeu. Olhava amedrontada para o vazio, como se não pudesse alcançar em esfera lógica o que havia passado ali nas últimas horas.

Aquele transe foi quebrado imediatamente após Thales entrar no quarto, com o sobrinho no colo. Não havia no rosto dele o menor traço de estresse pela tensa situação por eles vivenciada. Ao contrário: ele estava extremamente animado ao anunciar: “Olha quem está aqui, tia Nete. É o Rafinha! Ele, o Ricardinho e a mamãe Thalita vão passar a noite conosco hoje. Vamos comer uma pizza e comemorar! Quem quer pizza levante a mão!”. Ainda atônita, Janete observou o garotinho com o braço em riste gritar eufórico: “Eu, tio. Eu, eu!”.

Mesmo tendo crescido habituada a fingir tranquilidade, aquele dia havia sido surreal demais. Era impossível para ela fazer de conta que nada de anormal havia ocorrido. Para completar o desconforto de Janete, Thales avisou que ia até a sala buscar o outro gêmeo, e fez menção de entregar Rafael para ela.

Ignorando os bracinhos do sobrinho lhe pedindo colo, Janete fez uso de passos largos para chegar ao banheiro. Lá se trancou. Como geralmente fazia quando estava nervosa, sentou-se ainda vestida no chão do boxe, deixando-se encharcar pela pressão do jato frio de água. É possível que tenha demorado tempo demais no banho, pois a cunhada bateu à porta, perguntando se estava tudo bem.

Fazendo esforço para não gaguejar, soltou apenas um “estou terminando”. Levou ainda algum tempo ali, esperando os vestígios de desespero no rosto serem minimamente atenuados pela ação da água corrente. Enquanto as crianças brincavam de carrinho sobre o tapete, Janete chegou na sala e se deparou com duas espécies de olhar: o da cunhada, preocupado, e o do marido, furioso.

Thalita, quebrando o constrangedor silêncio, sugeriu pedir uma pizza por telefone. Thales queria ir até um restaurante. Janete, evidentemente, teria escolhido ficar em casa, contudo estava exaurida demais para se posicionar. Foram à pizzaria, que imitava com primor uma boa cantina italiana. Lá, Janete não fez questão nenhuma de disfarçar a tensão que havia entre ela e o companheiro.

Evitou os afagos dele com frieza e preferiu sentar entre os gêmeos. Thales não ficou nada satisfeito com aquilo. Chegou a inquirir o porquê da “rebelia repentina” e de tanta “grosseria” contra ele “na frente de Thalita e das crianças”. “Preciso mesmo responder?”, redarguiu Janete.

Ele bateu os talheres na mesa com força. Os gêmeos começaram a chorar assustados. A cunhada interveio: “Para que isso, gente? Vamos ficar em paz? Ricardo e Rafael não estão acostumados com esse tipo de coisa não... Amanhã à tarde, Gerson chega de viagem, e eu volto com os meninos para minha casa. Enquanto isso, vejam se vocês dois conseguem se comportar como adultos que são”.

Com certo jogo de cintura, Thalita mudou de assunto. Contou o que descobrira horas mais cedo: as funcionárias dela, tanto a babá quanto a empregada, estavam roubando coisas de dentro de casa. Armou uma emboscada e expulsou-as assim que as flagrou mexendo nas joias da família. Lamentou o fato apenas porque toda confusão ocorreu na semana em que Gerson, marido dela, estava em um congresso médico que acontecia na Região Sudeste.

Numa situação como aquela, Thalita teria tido como primeira opção óbvia se hospedar na confortável moradia dos pais dela. Ocorre que os sogros de Janete estavam a passeio na Europa. Por conseguinte, os empregados da residência de Dona Flávia Regina e Doutor Meireles haviam sido dispensados. O apartamento de luxo, que acumulava um sem-número de objetos antigos certamente estaria todo empoeirado, o que não seria bom para os gêmeos, uma vez que ambos eram alérgicos.

Janete quis saber se a cunhada daria baixa na carteira das funcionárias por justa causa em razão do roubo. Guardava no íntimo a suspeita de que Thalita nunca formalizara a situação empregatícia daquelas moças. “Ladrão que rouba ladrão deveria

mesmo ter cem anos de perdão. Mas a sociedade somente acata de bom grado os crimes de quem se traça com roupa de grife”, pensou, lembrando que as domésticas vieram do Interior para trabalhar em regime de semiescravidão, com pesadas jornadas de trabalho e remuneração abaixo do já reduzido salário-mínimo vigente no período.

Thalita aparentou desconforto ao explicar que Gerson, tão logo retornasse para casa, cuidaria desses detalhes burocráticos. A pizza chegou, e a conversa na mesa começou a girar em torno das crianças. Janete pouco falou enquanto comia. O mesmo ocorreu na volta para casa. Ao entrar no apartamento, aproveitou a ida de Thales ao banheiro para, mencionando uma forte enxaqueca, se despedir da cunhada e dos sobrinhos.

Já recolhida no quarto, não conseguiu dormir. Fechou os olhos e se manteve quieta esperando o sono chegar. Algum tempo depois, Thales se acomodou no lado direito da cama. Instintivamente, Janete começou a rezar em silêncio. Pedia aos céus para que ele não a acordasse, não a abraçasse, não tentasse absolutamente nada em termos sexuais. Deu certo: ele apenas agarrou a almofada e permaneceu quieto.

A jovem ficaria com os pensamentos focados nas orações até começar a sonhar, caso ele não tivesse sacudido o ombro dela com violência. “Pare!”. “Parar com o quê?”, quis saber, intimidada. “Pare com isso que você está fazendo!”, ordenou ele, furiosamente. “Mas eu não estou fazendo nada”, defendeu-se. “Eu não sei o que você está fazendo, mas pare agora mesmo, pois está me incomodando”, impôs Thales.

A fisionomia dele podia facilmente ser comparada à de um endemoniado dos filmes de terror. Atemorizada com aquilo, não conseguiu nem voltar a fazer suas preces nem pregar os olhos naquela noite. Achou que sofreria mais uma crise de ansiedade. O medo da reação de Thales era tanto que Janete

sequer cogitou levantar para tomar o calmante. Encolheu ainda mais o corpo e só conseguiu relaxar um pouco no instante em que ele começou a roncar.

Já devia ser madrugada quando ouviu o sobrinho resmungando. Levantou-se de mansinho, agradecendo aos céus, afinal, consolar aquela criança era uma excelente desculpa para poder respirar um ar menos pesado. Ao entrar no quarto – que um dia fora preparado para Netinho, mas que, há pouco, havia sido transformado em um espaço para hóspedes –, encontrou Thalita sacudindo desajeitadamente um dos filhos.

Alegando estado insone, ofereceu-se para cuidar de Ricardinho enquanto o pequeno não quisesse dormir. “Janete, só você mesmo para me ajudar. Eu tenho que arrumar logo uma babá, porque não posso ficar perdendo minhas noites com esses meninos não”, declarou sem cerimônias.

Janete levou o menino para a sala. Lá, utilizando água, farinha, sal, óleo e corante, fizeram uma porção de massinha de modelar e brincaram bastante antes de assistirem a animações em um canal infantil. Vendo o sobrinho cochilar entre um desenho e outro, pegou-se imaginando se Netinho, o filho morto, teria se parecido com Ricardinho.

Retendo com certo esforço algumas lágrimas, pôs-se a acariciar os cabelos cacheados daquela criança com um sentimento estranho, capaz de misturar dor e ternura. “Eu nunca pude tocar os cabelos do meu filho...”, lamentou.

Já passava das 10 horas quando Thales chegou à sala, sentou-se no sofá, pegou o controle da televisão e acessou um programa do tipo “notícias 24 horas”. O barulho de uma perseguição policial na TV acordou Janete. Sem dizer uma palavra, a jovem levantou-se do chão, pegou Ricardinho no colo e o acomodou na cama de casal na qual Thalita e Rafael repousavam profundamente. Ainda fatigada, decidiu cochilar um pouco mais.

Quando abriu os olhos, estranhou o silêncio no apartamento. “Onde estariam todos?”. Um bilhete sob um ímã fixado na porta da geladeira explicava: “Fomos pegar o Gerson no aeroporto. Achamos melhor não acordar você para nos despedir, mas agradeço por tudo. Até amanhã, cunhada!”, diziam letras que mais pareciam ter sido grafadas por uma professora primária de esmerada caligrafia.

Os pelos dos braços arrepiaram assim que Janete leu novamente a última frase do bilhete. Era como se, de alguma forma, já soubesse que não estaria reunida com aquela família no almoço de domingo. Alguns pensamentos estranhos vieram à tona, tais como matérias de feminicídio e violência doméstica, mas a jovem procurou afugentá-los com um filme pirata que Thales havia comprado de um ambulante na noite anterior, enquanto estavam na pizzaria.

Era uma comédia repleta de personagens estereotipados e enredo vexativamente simplório. Mesmo assim, ela assistiu aquilo enquanto acabava com uma caixa de chocolates e aguardava o regresso de Thales. Estava decidida a ter uma conversa definitiva com ele.

“Ontem, chegamos ao fundo do poço. Ou reunimos força para sair disso ou essa relação acaba”, avaliou, cogitando exigir terapia de casais, AAA e outros artifícios como condição *sine qua non* para a continuidade daquela união. Thales, como de costume, voltou embriagado para o apartamento, no início da madrugada.

Assim que pisou na sala e avistou Janete, comunicou que iria para um show na semana seguinte. “Eu gosto dessa banda, vou com você”, convidou-se ela. “De jeito nenhum. Eu marquei com meus amigos. Nenhuma mulher vai”, negou. “Olha, se você for, eu vou também. Está decidido”, sentenciou Janete. “Ah, tá certo! Até parece que vou levar você pra ficar no meio de uma ruma de macho. Que caralho você está querendo?”, resmungou ele.

“Eu quero que você entenda de uma vez por todas que, se escolheu estar em um relacionamento, deve fazer minimamente a sua parte para que ele dê certo. Se quer vida de solteiro, está tudo bem, mas eu não vou mais apoiar isso. Chega! Estou cansada de ouvir suas grosserias e ficar calada. Ou você aprende a me respeitar e compreende de uma vez qual é o meu papel na sua vida ou você vai sair da minha”, impôs corajosamente.

“Sabe o que você é na minha vida? Eu vou te dizer, Janete: você é uma vagabunda que eu inventei de assumir. Engravidou sabe lá de quem para me prender e eu, de otário, ainda ia dar o sobrenome do meu avô pra essa maldita criança. Foi sorte dela ter morrido. Pense na vergonha do moleque em saber que a própria mãe não passa de uma puta safada, que, desde pequena, já dava pro tio e que ainda inventou ter sido estuprada pelo meu melhor amigo. Até parece que alguém precisaria forçar algo para trepar com uma vadia como você”, acusou.

Ao ouvir tudo aquilo, Janete desejou dar um tapa na cara dele. Em vez disto, o coração acelerou ao máximo e a respiração ficou ofegante. O rosto instantaneamente banhou-se de suor e ela, com as pernas bambas, acreditou que ia desmaiar. “Agora, vai voltar a fazer teatro. Toda vez é isso. Passou a gravidez do bastardinho fazendo fita, mas chega disso, seu demônio! Nada do que você faz me comove. Minha mãe é que está certa: você não passa de uma sonsa”, declarou ele, antes de ir para o quarto e bater a porta.

Janete deixou-se cair no sofá sob o efeito de uma espécie de abalroamento que lhe roubava a capacidade de reação diante das barbaridades que acabara de escutar. Estava ainda imersa em uma profunda apatia quando o telefone sem fio, colocado ao lado da televisão, ressoou. Era Dona Flávia Regina. A sogra queria saber a que horas o casal chegaria à casa de praia. “Acredito que, hoje, nós não iremos”, respondeu, apertando o botão para desligar.

O aparelho tilintou uma segunda vez. “Janete, querida, parece-me que a chamada caiu. E acredito estar enganada, mas, por acaso, você disse que vocês não comparecerão ao almoço de hoje?”, a sogra perguntou. “Exatamente”, respondeu de maneira seca. “Aconteceu alguma coisa?”, Dona Flávia Regina quis saber. “Eu não estou nada bem desde ontem. E o Thales chegou de madrugada, trêbado”, justificou.

“Minha querida, certamente, você está exagerando de novo. Eu gostaria de falar com meu filho, por favor!”, pediu. “Claro! Vou tentar colocar ele para falar com a senhora agora mesmo!”, anunciou. Acordado por Janete, o rapaz pegou o telefone sem fio, balbuciou algo ininteligível e pousou o objeto sobre o outro lado da cama.

Dona Flávia Regina permaneceu aguardando do outro lado da linha e, assim que ouviu a voz da nora explicando que ele estava muito sonolento pra responder, insistiu para falar com o filho. Desta vez a moça foi mais incisiva na tentativa de fazer Thales despertar. Ele afirmou então para a mãe que levantaria e tomaria banho, prometeu também chegar à casa de praia a tempo para o almoço.

Janete ainda não tinha atravessado o corredor para colocar o aparelho na base quando este ressoou. Pela terceira vez, era a sogra quem ligava. Agora, parecia cobrar um horário exato para a chegada do casal à tradicional reunião familiar de domingo. “Olhe, Dona Flávia Regina, eu já disse que não estou em condições de sair de casa. Vou passar o telefone para o seu filho. A senhora trate de acertar tudo diretamente com ele”, respondeu grosseiramente.

Assim que entrou no quarto e viu o consorte sentado na cama, jogou o telefone para ele informando com irritação: “É sua mãe de novo”. Enquanto respondia a chamada, Thales lançava para Janete uma expressão furiosa. Encerrando o telefonema,

ameaçou a companheira: “Da próxima vez que você rumar algo em mim, eu quebro a sua cara”.

A primeira reação dela foi a de tentar justificar o ato: “Eu não joguei em você, joguei para você”. Ele, com dedo apontado para a face dela, vociferou: “Sua vagabunda mentirosa, esteja avisada que, da próxima vez que você pensar em jogar algo em mim, eu vou quebrar a sua cara”. Ninguém poderia afirmar se fora aquela frase ou se o somatório de todas as cargas que Janete vinha suportando até então o fator responsável por fazê-la reagir.

Fato é que ela sentia o sangue correndo quente nas veias quando urrou enfurecida: “Meu pai, que é homem de verdade, nunca me bateu nessa vida. Não vai ser um filho da puta como você que vai levantar a mão para mim!”. Thales foi pego de surpresa. Não esperava por aquilo, nem muito menos pelo que veio a seguir.

Janete, xingando-o furiosamente, abriu o armário para pegar duas sacolas vazias – as mesmas que ele havia colocado sobre a cama dois dias antes, quando ficou exigindo de forma torturante que a jovem arrumasse as malas dele para que pudesse ir embora daquele apartamento. Como se estivesse possuída por sete demônios, arrancou as roupas e calçados dele de dentro do guarda-roupa e socou tudo, de qualquer jeito, dentro das bolsas.

Ao terminar a tarefa, apontou para aquela montoeira desordenada de vestes, sapatos e cabides com ódio no olhar, dizendo: “Não queria que eu arrumasse as suas coisas, seu desgraçado? Estão aqui! Vá embora para o diabo que o carregue, seu porco imundo. Suma da minha vista agora ou eu mato você!”. “Janete, se eu sair por esta porta, nunca mais volto”, gaguejou ele, como se estivesse engasgando. “Você está brincando comigo? Suma, seu filho da puta! É um favor que você me faz!”, respondeu ela por fim.

Thales deixou o apartamento, lembrando o tremular de uma vara verde diante de uma ventania. Ela se sentou na beirada da cama, tendo o coração disparado. Olhou o espaço vazio do

armário – no qual até poucos instantes estavam guardados os pertences dele – sem imaginar que levaria ainda muitos meses para conseguir colocar ali algo dela mesma.

Não fazia ideia de que, assim que chegasse a noite, um vazio existencial profundo começaria a devorar o juízo dela. Surgiriam indagações sobre o que diria para as pessoas, o que faria dali para frente, qual o primeiro passo para recomeçar... Também não atinava ainda que, em breve, seria julgada e condenada por familiares, colegas e, principalmente, por si mesma.

Tampouco previu que aquele sentimento maternal que um dia nutriu por Thales, agora transformado em repulsa, passaria ainda pelas etapas do ódio, do desejo de vingança e da tortura contra si por ter permitido que ele a maltratasse tanto. Contudo, as sensações não ficariam eternamente imersas em lodo: evoluiriam para a iluminação de entendimentos.

Naquele instante de exaustão pós-fúria, aquela jovem não podia cogitar a distância que precisaria percorrer até poder olhar para si mesma com amor e acolhimento. Era certo, porém, que, com o passar de algum tempo de terapia, nasceria a compreensão de que ela e o ex-companheiro eram seres imperfeitos, aprisionados em inúmeros traumas mal resolvidos. E até por causa disso, estavam incapacitados para construir algo melhor do que fora feito em termos de relação.

Chegaria também o dia no qual Janete se despiria de todo o medo, mágoa e rancor que marcaram o passado dela. A mulher forte e madura na qual Janete se transformaria seria capaz de perdoar não somente Inácia, mãe despreparada e egoísta que nem a protegeu nem a orientou, mas também a todos aqueles homens que, de forma infantil, mesquinha, traiçoeira, cruel e até mesmo desumana, tanto a ensinaram.

Desconhecendo completamente o que estava por vir, permitiu-se viver o presente. E nele não havia nenhum resquício de

receio, sentimento de perda ou culpa. Ela não pensava em nada, não planejava nada. No tempo devido, dúvidas e questões viriam, e ela faria e responderia tudo o que precisaria ser feito e respondido de cabeça erguida.

Somaria ainda força e voz na defesa do direito de outras mulheres, vítimas de violência psicológica, física e sexual. Mas isto estava por ocorrer. No aqui e no agora, deixou-se somente tombar sobre a cama. E mergulhou de corpo e alma nas sensações de alívio e paz emanadas durante aquele momento sagrado, no qual Janete paria a si mesma.

Tiragem	300 exemplares
Formato	15x21cm
Tipologia	Adobe Garamond Pro, 12
Papel	Euphemia, 12
	Off-set 75g/m ² (miolo)
	Cartão Triplex 250g/m ² (capa)

“Janete nunca havia se perguntado antes como chegara naquele ponto”.

Em toda existência feminina, há um momento divisor de águas no qual a consciência nos aponta que algo de errado acontece em nossas vidas. Com Janete não poderia ser diferente: mesmo após anos de silêncio, medo e repressão, a jovem começa a questionar tudo, especialmente seu relacionamento afetivo.

Tal qual rachadura em represa, os porquês que de início provocavam apenas um leve incômodo logo se tornaram uma enxurrada de sintomas físicos, típicos de crises de ansiedade: dificuldade para respirar e deglutir, garganta comprimida, tremores e suores por todo corpo.

Nem mesmo o uso abusivo de medicações controladas trouxeram o alívio prometido. Era preciso reagir, exigiam todos ao seu redor. Mas como? Janete nunca se classificaria como forte ou confiante. Os episódios de violência sexual que sofrera abalaram profundamente sua autoestima. Ademais, não existiam guias ou receitas capazes de lhe fornecerem um norte.

Desistir ou enfrentar? O dilema de milhares de mulheres se apresentou para Janete como um caminho sem volta. Descobrir-se capaz de superar, de enfrentar tudo e todos era um desafio que poderia sim tê-la levado às estatísticas do feminicídio. Mas adiantaria viver massacrada por traumas, traições e perdas?

Janete optou por seguir por um caminho desconhecido e desprovido de garantias. Não sabia exatamente o que queria dali para frente, mas tinha certeza do que não desejava mais para sua própria vida. E Você? Já fez a sua escolha?

